



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL  
UNIDADE UNIVERSITÁRIA DE CAMPO GRANDE**

---

**LEOMAR ALVES ROSA**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE IMIGRANTES HAITIANOS:**

**UM CENÁRIO EM CAMPO GRANDE - MS**

---

Campo Grande/MS  
2018

**LEOMAR ALVES ROSA**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE IMIGRANTES HAITIANOS:  
UM CENÁRIO EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza  
Coorientadora: Profa. Dra. Cristiane Schmidt

Campo Grande/MS  
2018

R695a Rosa, Leomar Alves

Análise sociolinguística da fala de imigrantes haitianos:  
um cenário em Campo Grande - MS / Leomar Alves Rosa. – Campo  
Grande, MS: UEMS, 2018.  
110p. ; 30cm

Dissertação (mestrado) – Sociolinguística – Universidade Estadual de  
Mato Grosso do Sul, 2018.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Carlos de Souza.

1.Sociolinguística. 2.Imigração. 3.Língua portuguesa.  
I.Título.

CDD 23. ed. 306.44

**LEOMAR ALVES ROSA**

**ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DA FALA DE IMIGRANTES HAITIANOS:**

**UM CENÁRIO EM CAMPO GRANDE - MS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade Estadual de Mato Grosso, Unidade Universitária de Campo Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Área de concentração: Linguagem: Língua e Literatura

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Antonio Carlos Santana de Souza (Presidente)  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Prof. Dr. Marlon Leal Rodrigues  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS

---

Profa. Dra. Jocineide Macedo Karim  
Universidade do Estado de Mato Grosso/UNEMAT

---

Prof. Dr. Miguel Eugênio Almeida  
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul/UEMS  
(Suplente)

---

Profa. Dra. Cristiane Schmidt  
Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE  
(Suplente)

Campo Grande/MS, 18 de junho de 2018

Dedico este trabalho  
à minha  
esposa Danielle Rosa  
por todo apoio, motivação,  
dedicação e auxílio.

## **AGRADECIMENTOS**

Ao nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo.

À minha família por todo apoio e esperança.

Ao professor Dr. Antonio Carlos Santana de Souza pela orientação, amizade e paciência.

À professora Cristiane Schmidt pela coorientação e apoio na escrita.

Ao professor Marlon Leal Rodrigues pelos ensinamentos desde minha graduação.

Aos professores do curso de Letras da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) pela mediação do conhecimento, da graduação até o presente mestrado.

À UEMS pelo benefício concedido por meio do Programa Institucional de Bolsas aos Alunos de pós-graduação da UEMS – PIBAP.

Aos colegas e amigos do mestrado pelos momentos de descontração, dedicação e disciplina.

Aos irmãos da Igreja Batista Bereana pelos momentos de oração e comunhão.

Aos amigos de trabalho da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast) pelos momentos de ajuda e compreensão.

As palavras dos sábios são como agulhões, e como pregos, bem fixados pelos mestres das assembleias, que nos foram dadas pelo único Pastor.

(Eclesiastes 12:11)

ROSA, L. A. *Análise sociolinguística da fala de imigrantes haitianos: um cenário em Campo Grande - MS*. 2018. 92 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande/MS, 2018.

## RESUMO

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Imigração; Língua Portuguesa.

O presente trabalho trata basicamente da fala de imigrantes haitianos em Campo Grande – MS, com a luz da sociolinguística. A vontade de realizar uma análise sociolinguística sobre o objeto nasceu do aumento desses imigrantes na cidade e também de debates e observações acadêmicas. No percurso dessa dissertação realizamos uma abordagem teórica da história da linguística, passando por conceitos e vertentes da sociolinguística. Também não deixamos de colocar a história do Haiti, tendo como destaque algumas visões políticas e econômicas. Por fim chegamos à coleta de dados e à análise proposta. Constatações de variações na fala dos imigrantes foram realizadas, onde procuramos exemplificar os casos abordando, logicamente, conceitos gramaticais da língua, mas sem permitir que esses fossem únicos em uma análise conjuntural. A abordagem desse assunto sensível à sociolinguística que é o preconceito linguístico, não poderíamos deixar de fora, resultando em um texto corrido, ao menos aos olhos do escritor, prazeroso em sua leitura e que contempla a proposta inicial, deixando também perspectivas para futuros debates.

ROSA, L. A. *Sociolinguistic Analysis of speech in Haitian immigrants: a scenario in Campo Grande-MS*. 2018. 92 f. Dissertation (Master's degree in Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande / MS, 2018.

### **ABSTRACT**

**Keywords:** Sociolinguistics; Immigration; Portuguese Language.

The present work deals with the speeches of Haitian immigrants in Campo Grande-MS, through the light of Sociolinguistics. The purpose of this job is to carry out a sociolinguistic analysis on the increase of these immigrants in the city and about academic discussions and observations. In the process of this dissertation, we performed a theoretical approach to the history of Linguistics, through concepts and aspects of Sociolinguistic. In addition, we do not forget to write the history of Haiti, with featured some political and economic visions. After that, we finally come to the data collection and analysis proposed. It has observed some variations in the talk of immigrants who were been held, where we seek to illustrate the cases addressing, obviously, grammatical concepts of language, but without allowing these were the only conjectural analysis. The approach of sociolinguistic subject which is the linguistic preconception we couldn't leave out, resulting in a text flowing, at least, at the eyes of the writer, much pleasure in its reading and that includes the initial proposal, leaving too prospects for future debates.

## LISTA DE QUADROS

|  |    |
|--|----|
| Quadro 1 – Sistema Fonológico - Crioulo haitiano <i>versus</i> português brasileiro..... | 57 |
| Quadro 2 – Alguns pontos históricos da língua portuguesa.....                            | 61 |
| Quadro 3 – Fatores utilizados no projeto de pesquisa.....                                | 72 |
| Quadro 4 – Representação gráfica do (i1) no item 4.2.9.....                              | 84 |
| Quadro 5 – Representação gráfica do (i1) no item 4.3.1.....                              | 84 |
| Quadro 6 – Representação gráfica da (i2) no item 4.2.8.....                              | 85 |
| Quadro 7 – Representação gráfica do (i3) no item 4.2.10.....                             | 85 |
| Quadro 8 – Observação específica em (i3).....  | 86 |
| Quadro 9 – Observação comparativa entre (i1), (i2) e (i3).....                           | 87 |

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CADH - Centro de Atendimento em Direitos Humanos

CERMA - Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado de MS

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

ONU – Organização das Nações Unidas

PF – Polícia Federal

SEDHAST – Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho

UEMS – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UFMS – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

## LISTA DE FIGURAS

|   |    |
|---|----|
| Figura 1 – Panorama do estudo da língua.....  | 25 |
| Figura 2 – A satirização do português brasileiro.....                                   | 33 |
| Figura 3 – Ataque de internautas aos nordestinos.....                                   | 35 |
| Figura 4 – Preconceito linguístico disfarçado de humor.....                             | 36 |
| Figura 5 – O caminho dos haitinos.....  | 43 |
| Figura 6 – Médico Jean Zephyr ensinando a língua portuguesa aos imigrantes haitianos..  | 45 |
| Figura 7 – Modelo de material utilizado para o ensino de português para imigrantes..... | 67 |

## SUMÁRIO

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 15 |
| SEÇÃO 1 – A TRAJETÓRIA LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA NO TEMPO E SEUS ASPECTOS TEÓRICOS |    |
| 1.1 A língua e seus teóricos.....   | 22 |
| 1.2 As visões mais contundentes.....  | 24 |
| 1.2.1 Linguística descritiva.....   | 25 |
| 1.2.2 Linguística histórica.....  | 26 |
| 1.2.3 Linguística teórica.....  | 26 |
| 1.2.4 Linguística geral.....  | 26 |
| 1.3 A sociolinguística.....   | 26 |
| 1.3.1 As vertentes.....   | 29 |
| 1.3.2 Campos sociolinguísticos.....   | 30 |
| 1.4 A norma padrão e os desafios da língua portuguesa.....                              | 31 |
| 1.5 O modo de falar e suas implicações / Preconceito linguístico.....                   | 34 |
| SEÇÃO 2 – OS IMIGRANTES HAITIANOS EM CAMPO GRANDE                                       |    |
| 2.1 Migração, imigração e emigração.....  | 39 |
| 2.2 O Haiti.....  | 40 |
| 2.2.1 A vinda.....  | 42 |
| 2.3 Campo Grande como lugar de morada.....  | 44 |
| 2.3.1 A vida diária dos imigrantes haitianos.....                                       | 47 |
| 2.4 Os imigrantes e a questão da identidade.....  | 48 |
| SEÇÃO 3 – A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS EM TERRAS ESTRANGEIRAS             |    |
| 3.1 Aquisição da língua portuguesa por falantes do francês.....                         | 54 |
| 3.1.2 Dialetos.....   | 56 |
| 3.2 A língua portuguesa no Brasil.....  | 58 |
| 3.2.1 O que falamos? Características do português brasileiro.....                       | 59 |

|  |    |
|--|----|
| 3.3 A língua portuguesa como nova língua.....            | 62 |
| 3.4 O ensino da língua portuguesa para estrangeiros..... | 65 |

#### SEÇÃO 4 – ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: A LÍNGUA FALADA PELOS HAITIANOS

|   |    |
|---|----|
| 4.1 As entrevistas.....   | 68 |
| 4.1.2 A metodologia de pesquisa.....                                      | 70 |
| 4.2 – Variação Fonético-fonológica.....                                   | 73 |
| 4.2.1 – Monotongação.....   | 74 |
| 4.2.2 – Processo de ditongação.....                                       | 74 |
| 4.2.3 – A terminação <i>-ndo</i> no gerúndio e conjunções.....            | 75 |
| 4.2.4 – A preposição <i>para</i> .....                                    | 75 |
| 4.2.5 – Modificação das vogais.....                                       | 76 |
| 4.2.6 – O imperativo.....   | 76 |
| 4.2.7 – A vocalização do /lh/.....  | 77 |
| 4.2.8 – Supressão do /r/ pós-vocálico.....                                | 77 |
| 4.2.9 – Substituição das terminações – /ão/, /am/ e /om/ e pela /um/..... | 78 |
| 4.2.10 – A variação da partícula negativa <i>não</i> e <i>sim</i> .....   | 78 |
| 4.2.11 – Outras observações.....  | 79 |
| 4.3 Variação Morfossintática.....   | 79 |
| 4.3.1 – Concordância verbal.....  | 79 |
| 4.4 Variação Semântica.....   | 80 |
| 4.5 Variação Lexical.....   | 81 |
| 4.6 Os informantes e a língua portuguesa.....                             | 82 |

#### SEÇÃO 5 - OS INFORMANTES E A LÍNGUA PORTUGUESA

|                           |    |
|---------------------------|----|
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 88 |
| REFERÊNCIAS.....          | 92 |
| APÊNDICE.....             | 98 |

## INTRODUÇÃO

Mato Grosso do Sul, um dos quatro estados que compõem a região Centro-Oeste do Brasil, fazendo divisa com Minas Gerais, Paraná, Mato Grosso, São Paulo e Goiás, além de fazer fronteira com a Bolívia e o Paraguai, tendo a Capital Campo Grande, como ponto e porto de referência em vários assuntos, se tornou também rota de estadia e passagem para os imigrantes haitianos que buscam novas perspectivas no Brasil.

Não alheia a este movimento humano e social, de culturas e línguas, esta dissertação tem como finalidade analisar a aquisição da Língua Portuguesa (LP), falada no Brasil, por um grupo de imigrantes haitianos que residem na cidade de Campo Grande, Mato Grosso do Sul, observando as estratégias adotadas para a comunicação em LP nas diversas situações cotidianas, formais e informais.

Dentro do desenvolvimento do trabalho, procuramos nos utilizar do caráter exploratório da familiarização do problema, levantamento bibliográfico, entrevistas e pesquisa bibliográfica – qualitativa e quantitativa, buscando a interpretação dos fenômenos, a atribuição de seus significados, e sua indução final. O referencial teórico, amplamente buscado para que seja possível a compreensão dos fenômenos advindos, em suas múltiplas perspectivas, é base fundamental para alicerçar os pensamentos e a construção das ideias aqui estabelecidas.

Nesse aspecto, procuramos analisar algumas questões como a influência do meio social, de fato, na aquisição da LP pelos imigrantes citados; transposição da língua materna em relação à LP como facilitadora ou dificultadora; graus e formas de aquisição conforme tempo de permanência em solo brasileiro, dentro da instrução de cada imigrante e situação social na cidade; detecção de predominância ou não do formato padrão da língua, ou existência em maior número de variações na fala; entre outros pontos pertinentes que possam nortear a pesquisa. Outra observação pertinente é o fato de muitos imigrantes haitianos contarem com a LP como língua adicional, já que há possibilidade de muitos possuírem a segunda língua desde seu país de origem.

Dentro do objetivo geral focamos o escopo em analisar formas, influências, tendências que marcam a aquisição LP, por meio de seus discursos diários formais e informais, tabulando assim um cenário operacional e discursivo, que futuramente, possa servir de objeto de comparação com outros imigrantes, ou até mesmo de subsídios para novos estudos na área.

Em suas especificidades buscamos observar, por meio dos dados das entrevistas, as maneiras que esses imigrantes têm o primeiro contato com a aquisição da LP e se antes de chegarem ao país já haviam mantido contato com a LP e de que forma, bem como suas oralidades as dificuldades ou facilidades enfrentadas para realizar o procedimento de aquisição.

A predominância da oralidade padrão ou não padrão da Língua Portuguesa, mensurando e formatando de acordo com o contexto e realidade de cada entrevistado do corpus, analisando o funcionamento das oralidades sobre a realidade da sociedade campo-grandense em sua rotina diária, como trabalho, estudo e vida social, também foram estratégias de observância que puderam dar base para a estratificação relacionadas aquisição da LP como segunda língua ou ainda língua adicional.

A escolha do objeto foi provocada por ser, hoje, um dos maiores questionamentos na sociedade brasileira e mundial, inclusive, por ser um dos temas mais polêmicos na pauta de assuntos em desde 2015. A humanidade vive uma intensa onda imigratória, inclusive o Brasil recebendo diversos estrangeiros, de várias nacionalidades em seu território.

O Haiti, origem dos imigrantes em estudo, está situado na parte oeste de uma ilha que abriga também a República Dominicana. É um país de extrema pobreza e guiado por ideais revolucionários e contradições históricas, que se agravou ainda mais após o terremoto de 2010. Segundo a ONU, US\$ 550 milhões seriam necessários para socorrer os mais de 3,5 milhões de habitantes afetados.

Japoneses, alemães, italianos, árabes, dentre outros, chegaram em grande número ao Brasil no início do século XX. Mais recentemente, de acordo com dados do IBGE, grande fluxo de coreanos, chineses e haitianos chegaram ao país por todas as fronteiras.

Assim, um fenômeno social vai se configurando e sua influência na língua é direta, para ambos os lados.

O Ministério da Justiça estima que esse número tenha chegado a 10.000 até o mês de abril de 2012, mas não dispõe, obviamente, de números confiáveis, com relação aos ilegais. Em Campo Grande, após incursões informais e com base em um levantamento prévio, de maio de 2017, do Centro de Atendimento em Direitos Humanos (CADH), ligado à Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho de MS, acredita-se que em torno de 80 a 100 vivam na cidade. No estado o número pode chegar a 1,5 mil.

Com o abalo sísmico que afetou o Haiti em 2010, as condições socioeconômicas da população pioraram muitíssimo. O país, que é considerado o mais pobre das Américas pela ONU, viu sua população buscar emprego e melhores condições de vida em outros países da América e da Europa. O Brasil tem sido uma das nações escolhidas por essa população para recomeçar suas vidas, ou ainda servindo de escala para outras regiões da América do Sul.

De acordo com dados do governo do estado Acre, revelados em matéria do site G1, entre 2010 e maio de 2015, mais de 38,5 mil imigrantes entraram no Brasil pelo estado, se tornando a principal porta de entrada, e se dirigiram principalmente para o sudeste e centro-oeste do país.

Ao buscarmos por material específico, no meio acadêmico e nas formas tradicionais de comunicação, livres da amplitude do academicismo, encontramos o assunto em revistas, vídeos, leis e projetos de leis, e assim o desejo relacionado diretamente ao tema, inclusive como forma de levar a questão para o meio da universidade, o que fez direcionar nossos esforços e anelos para finalização desse material.

O fator de escolha da linha de pesquisa: Produção do Texto oral e escrito (Sociolinguística), para nortear o estudo se deu pelo fato de se encaixar perfeitamente, no modelo entre língua e sociedade que vamos analisar. Conforme Calvet (2002), as línguas não existem sem as pessoas que as falam, e a história de uma língua é a história de seus

falantes. Sendo assim, ao analisarmos a questão dos imigrantes haitianos em Campo Grande, estamos também traçando um olhar histórico e humanitário da língua em relação a humanidade.

Ainda podemos nos apoiar em Labov (1969), quando ele diz que o serviço mais útil que os linguistas podem prestar hoje é varrer a ilusão da ‘deficiência verbal’ e oferecer uma noção mais adequada das relações entre dialetos-padrão e não-padrão.

Especificamente, o Ensino de Língua Portuguesa para Estrangeiros (ELPE), iniciou-se desde a chegada dos portugueses em solo brasileiro em 1500 (ALMEIDA FILHO, 2008). Ainda conforme o autor a sistematização, materiais gráficos e importância de turmas específicas como a formação docente necessária, remontam aos anos de 1980.

A cultura de um ilusório monolinguísmo, como podemos observar pelo percurso histórico do País, se estabeleceu por certo tempo, colocando enclausuradas línguas indígenas, dos surdos, e até de imigrantes, em prol de anelo purificador e protetor da LP.

Labov (2008) comenta que essa cultura do monolinguísmo é uma situação impossível. Ninguém conhece sua língua completamente, nem é possível pensar numa comunidade de fala homogênea.

Bago (2004) afirma que existem muitas variantes da língua portuguesa faladas no Brasil e que uma, dita padrão, é utilizada pela minoria detentora do poder econômico e a outra, não-padrão, pela classe dos cidadãos em posição periférica.

Com a expansão cultural e de abertura socioeconômica do País temos um entrave e a necessidade de definitiva afirmação das línguas estrangeiras em meio às matrizes curriculares das escolas brasileiras, em grande maioria, escolas públicas.

Se por um lado temos a necessidade de expansão da língua estrangeira, na acolhida e ensino de nossa LP ainda necessitamos de mais investimentos.

Um degrau ainda mais elevado de civilização começa a ser galgado quando uma sociedade através de suas instituições começa a se preparar para pesquisar e ensinar como língua estrangeira e/ou segunda língua, a sua própria língua primeira, materna, escolar e muitas vezes, nacional ou pátria. (ALMEIDA FILHO, 2008).

Nesse ponto ainda temos que observar a qualidade do ensino formal, o aplicado nas escolas regulares, para que não caíamos em aspectos da língua que são ensinados a partir do “decoreba” – clássica parte das orientações estruturalistas e das gramáticas tradicionais – em vez de serem tratadas mais pragmaticamente. (SILVA, 2004).

Olhando mais atentamente para a abordagem dos imigrantes podemos perceber que ainda é cada vez mais necessária uma observação refinada por partes da definição dos elementos, como a aplicação e estruturação das redes de ensino específicas e metodologias de formação do novo falante da LP.

Crenças dos aprendizes do português como segunda língua, em torno dos aspectos gramaticais, sua funcionalidade, pré-contato ou afetividade conforme Mileno e Conceição (2009), podem nortear e basear suas expectativas e resultados quanto ao aprendizado.

É uma ilusão imaginar que as pessoas se ajustam à realidade sem o uso da língua e que a língua é meramente um meio incidental de solucionar problemas específicos de comunicação ou reflexão, como algo único. Por isso a relevância da união entre língua e sociedade, formando uma liga única. O que importa é que o mundo real é uma grande escala moldado pelos hábitos da língua do grupo (apud, DOURADO E POSHAR; 2007, p.06).

Sendo assim, notamos o quanto ainda é instável e pouco articulada a pretensão em realmente repassar, no caso, ao imigrante estrangeiro a LP de maneira curricularmente homogênea, buscando critérios técnicos e culturais. Dourado e Posshar (2007) lembram também da necessidade de preparar os alunos em questão para um mundo multicultural, promovendo o exercício da cidadania em múltiplos níveis: local, regional, nacional e internacional. No caso do estrangeiro vivendo no Brasil, isso significa conscientizá-lo, ou

ainda sensibilizá-lo, a partir de situações reais de uso da língua, sobre a cultura brasileira, concluem.

A pesquisa em voga, encaminhada com aplicação de questionários específicos e registros orais a partir do corpus constituído, buscando focar os objetivos propostos da maneira mais próxima possível, não se ateve meramente, se é que assim pode ser dito, em fazer um levantamento minucioso de todas as estratégias desenvolvidas pelos imigrantes haitianos no processo de aquisição da LP como língua adicional ou segunda língua. Por meio do corpus selecionado, e por ventura voluntariado à pesquisa, restringindo-se a eles, os dados foram explorados, analisados e pontuados.

A construção dos meios de coleta de dados baseia-se por meio de material já existente, e ainda como questionários de aferição da LP para estrangeiros; entrevistas gravadas, ou até mesmo registros manuais formais e informais fornecidos pelo corpus em questão.

É importante que, de antemão, o leitor já tome conhecimento que o local de moradia do grupo a constituir o corpus da pesquisa e até mesmo o contato pessoal, a abordagem foi dada diretamente *in loco*, com horário e locais previamente acordados, possibilitando a viabilização do objetivo da pesquisa e a instituição de um cenário o mais fidedigno possível. Locais de convívio social, como igrejas e escola, também serviram de pontos de observação e obtenção de dados.

Mais especificamente as três entrevistas foram colhidas entre agosto e outubro de 2017, nos bairros Rita Vieira e Jardim Monumento, relativamente próximos uns dos outros, em torno de oito quilômetros, na casa dos entrevistados, no período vespertino e noturno, com cada entrevista tendo duração parecida, girando na casa dos 30 minutos.

De modo final, o texto dessa dissertação foi redigido por meio das informações obtidas via pesquisa já apontada do *corpus*, baseadas nos fichamentos das fontes bibliográficas e leituras posteriores, que se tornaram necessárias para a conclusão dos objetivos propostos, sendo importante pontuar ainda que por se tratar de uma pesquisa direta, com *corpus* não estático e ainda sensível, situações voláteis, podem ser fator de

interferência, pesando notoriamente nas conclusões finais.

## 1. A TRAJETÓRIA LINGUÍSTICA E SOCIOLINGUÍSTICA NO TEMPO E SEUS ASPECTOS TEÓRICOS

### 1.1 A língua e seus teóricos

Para falarmos de um assunto tão delicado e que envolve uma série de questões relacionadas aos pontos mais sensíveis de nossa sociedade, temos que, obrigatoriamente, nos reportar aos teóricos de nossa língua, principalmente aos que discutem, ou discutiram a língua como foco social e que conseguem vê-la de maneira ampla, atrelada a uma sociedade em movimento e suas ramificações.

Importante é essa delimitação, pois sabemos o quão grande e desafiadora é a área de estudos linguísticos, intensificada nos meados do século XX por Ferdinand Saussure, um estudioso suíço e que pode ser considerado como um dos pioneiros da linguística moderna, ou ao menos por suas ramificações e grandes contribuições que podemos colher de maneira mais cognitiva.

As ideias de Saussure, amplamente conhecidas e disseminadas no meio acadêmico, ganharam força após sua morte, com a publicação de seus estudos por um grupo de alunos. O “Curso de Linguística Geral” perpetuou ideias e pensamentos tendo como visão geral as dicotomias, como língua *versus* fala, sincronia *versus* diacronia, sintagma *versus* paradigma e significante *versus* significado.

Mas o século XX, olhando apenas para um nicho da história, também revelou outras correntes de pensamento no meio linguístico como a defendida pelo estadunidense, Noam Chomsky, um matemático idealista da chamada gramática gerativa, que foca principalmente na aptidão inata do ser-humano em formar enunciados.

O alemão, Edward Sapir, também marcou época com seus registros e suas observações sobre a língua, em que acreditava num modo especial do observador em ter o mundo em sua volta, de certa forma, emanado pela linguagem em que utiliza, em suas falas, observando, por exemplo, tempos verbais e palavras colocadas nas expressões.

Com suas funções de linguagem, o russo Roman Jakobson ampliou o foco na fala e nas ferramentas das análises da comunicação, oferecendo instrumentos para estudos voltados ao modo intencional do emissor na fala até a decodificação da fala perante ao receptor. Um caminho dividido em seis componentes que desdobraria e aumentaria a possibilidade de observação.

Em uma breve descrição dos pensadores e seus objetos atuantes na sociedade, já foi possível notar a tão entrelaçada ligação entre língua e sociedade, como algo indissociável.

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base de constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua (ALKMIM, 2010, p. 21).

Desde a ideia da criação das línguas, de como elas surgiram em suas raízes, suas divisões em idiomas, da colocada imagem da Torre de Babel, uma história bíblica, por vezes usadas dentro de algumas explicações didáticas, temos ainda o vazio de como chegamos a um topo elevado de amplitude de pensamento, mas no qual a base, o alicerce inicial e primário, ainda resta a ser descoberto e analisado.

Caminhando lado a lado, por exemplo, com a ideia da descoberta da criação do homem, da cura de uma doença avassaladora, como a AIDS, a base das raízes da língua podem e ainda são objeto de desejo de vários linguísticas.

Neste sentido, de complementação, vemos Naro afirmando que

Todos sabemos que as línguas mudam com o tempo. Basta compararmos o português com o latim, ou até com o próprio português da época medieval, para notarmos diferenças em todos os níveis, desde a semântica até a sintaxe, passando pela fonologia, pelo léxico, pela morfologia, etc. (2003, p. 43).

Muito mais que analisarmos esse conjunto de forma isolada nos reportamos então ao todo, a forma real da aplicação no meio em que vivemos, para daí então podermos ampliar a visão e conseguirmos enxergarmos a amplitude da história linguística, de seus modelos de atuação dentro da sociedade, de suas formas atuantes em decisões políticas, de imposição de ideias, de um amplo aspecto de dominação de uma força sobre outra.

Com esse passo para trás, aumentando o campo de visão, como sugerido, poderemos retratar o que por vezes temos hoje, a configuração história atual, seja no meio acadêmico, ou ainda da sociedade geral, leiga.

Mesmo sendo a linha inicial carente de mais respostas, o meio fomentado por ideias revolucionárias, e a aplicação e avanços que hoje são proporcionados, ainda é necessária a ampliação do assunto língua, enquanto objeto de abertura, de empoderamento, para o todo, ou seja, uma ampliação de atuação que pode nos levar a mais horizontes de novas descobertas.

Por mais distante que possamos pensar em uma sociedade pulsante, em relação ao ponto língua, com base na ideia de Morais e Paviani, podemos esperar sim ações, senão globais ao menos locais, tendo que

A língua não é homogênea para as pessoas de todos os grupos, culturas, etnias e regiões. Cada grupo social e cultural domina uma variedade da língua, ou seja, possui uma maneira, um jeito típico de se expressar (2002, p. 13).

## **1.2 As visões mais contundentes**

Embora historicamente tenhamos uma grande gama de contribuições perante ao objeto de estudo da língua, é sempre sensível a todos os interessados da área, que destaques, preferências, de correntes ou ideias ainda em construção, sempre acabam nos seduzindo e nos levando a mergulhar com mais profundidade em determinados assuntos.

Como colocado no ponto anterior, bases históricas são necessárias para que possamos, de alguma forma, nos alicerçarmos e termos um arcabouço consistente para novos passos.

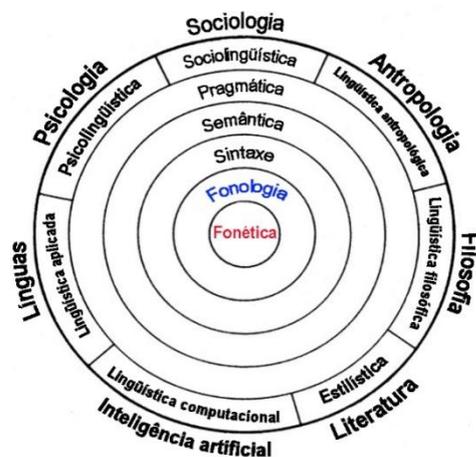
Silva pondera ainda:

Se língua é interação, levamos então em conta que a aprendizagem de um código novo deve se dar contextualizadamente, de forma sempre negociada entre os interagentes. Assim, é a relação entre os interagentes professor e aluno que possibilita a construção de sentidos. Se a língua só existe em contextos, é o código contextualizado que vai nos fornecer as bases para a sua compreensão e seu uso - fim fundamental da aprendizagem de línguas (2014, p. 74).

Ainda olhando para esse contexto histórico e de formação, é lícito também colocarmos um panorama geral de entendimento de língua e suas ramificações como

podemos observar na figura, o que facilita uma melhor visualização dos campos desbravados.

**Figura 1 – Panorama do estudo da língua**



Fonte: [http://labdeensino.blogspot.com.br/p/linguistica-como-ciencia\\_03.html](http://labdeensino.blogspot.com.br/p/linguistica-como-ciencia_03.html)

Tratando de linguística podemos descrever algumas divisões, ou melhor dizendo, linha de estudos que engloba e permite o aperfeiçoamento desse campo, como a Linguística Descritiva, Linguística Histórica, Linguística Teórica e ainda uma Linguística Geral.

### 1.2.1 Linguística Descritiva

A dita Linguística Descritiva funciona como um campo de estudo na qual a estrutura e a forma da língua é o seu foco, forma, função, estabelecendo o que seria ainda gramatical e não-gramatical, visando a língua como é falada, seu funcionamento e seu real uso.

Câmara Jr explica ainda:

Paralelamente com essa nova orientação européia, se desenvolveu nos Estados Unidos da América o princípio e a técnica de uma gramática descritiva. Primeiro, com o antropólogo Franz Boas, auxiliado por uma brilhante equipe, na qual preponderou a figura de Edward Sapir (1884-1939), houve o propósito de estabelecer as gramáticas descritivas das línguas indígenas norteamericanas, ainda existentes, e em seguida com o mesmo Sapir e especialmente Leonárd Bloomfield (1887-1949) a nova escola também se orientou para uma LINGUÍSTICA descritiva em sentido lato, procurando remodelar as gramáticas descritivas das línguas de civilização européia. Um grande grupo de discípulos diretos e indiretos de Bloomfield elaborou técnicas descritivas cada vez mais objetivas e rigorosas (2004, p. 11).

### 1.2.2 Linguística Histórica

Como o próprio nome diz, basicamente, a Linguística Histórica foca em interpretar mudanças, sejam elas fônicas, morfológicas, sintáticas ou semântico-lexicais, no decorrer do tempo, em especial de uma língua somente, ou de um grupo, em algum espaço territorial, sendo esse mesmo passível de descontinuidade, e ainda assim pertencer ao objeto de estudo.

### 1.2.3 Linguística Teórica

Muitas vezes tida também como a linguística descritiva, a Linguística Teórica restringe-se mais ao estudo que envolvem habilidades linguísticas no campo da ideia, do estudo técnico observatório, se assim podemos colocar, olhando a sociedade dentro de formas, para então colocar resultados e métricas sobre a visão recolhida.

### 1.2.4 Linguística Geral

A Linguística Geral engloba todas as áreas em seus ramos, sem um tratamento com muita profundidade em determinado assunto, sendo assim capaz de produzir modelos iniciais para novas observações.

## 1.3 A Sociolinguística

O termo sociolinguística, claramente formado a partir da palavra social com linguística, suporta uma definição do que mais objetivo se poderia pensar ao estudar uma língua. Sem intenções de desmerecer uma ou outra corrente, a via dos sociolinguistas encaixa perfeitamente em uma trajetória que deve unir pontas distintas, afim de chegarmos ao mais próximo de um quadro linguístico na sociedade.

O termo Sociolinguística, relativo a área da linguística, fixou em 1964. Mais precisamente, surgiu em um congresso, originado por William Bright, na Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), do qual participaram vários estudiosos, que se constituíram, posteriormente, em referências clássicas na tradição dos estudos voltados para a questão de relação entre linguagem e sociedade: John Gumperz, Einar Haugen, William Labov, Dell Hymes, John Fisher, José Pedro Rona (ALKMIM. 2010, p. 28).

A colocação de Alkmim retrata o momento inicial na qual o termo foi cunhado e que vem sendo desenvolvido, pelos mais de 50 anos, em diferentes partes do globo terrestre, com a mesma intensão de olhar de uma maneira mais direta, alicerçados nas teorias que a sustentam, essa interação entre humanidade e língua.

Muitos ainda veem a corrente sociolinguística como uma via de depreciação do “certo”, favorecendo o “errado”, isso tudo em um contexto de fala e de interação entre as pessoas no seu cotidiano comum.

O simples fato de aceitar a comunicação eficaz, como uma forma “correta” de se expressar, assusta a muitos teóricos da língua, como se o que se diz e o que se lê em uma gramática normativa também não tivesse suas origens do meio social, relembrando a velha máxima da língua em movimento, do meio comum alimentando as atualizações de gramáticas e dicionários.

#### Pandovani e Sanches esclarecem ainda que

Apesar da sociolinguística ter diferentes temas de investigação, uma coisa que une todos os estudiosos da área é o interesse em compreender de que modo os indivíduos usam a linguagem. Em outras palavras, os sociolinguistas não estão apenas interessados em documentar as diferentes linguagens, mas também querem responder perguntas como: Quem usa essas diferentes formas ou variedades linguísticas? Eles são conscientes da sua escolha? Por que algumas formas ou línguas se impõem sobre outras? Existe alguma relação entre as formas em fluxo em uma comunidade de falantes? Que tipo de informação social atribuímos a diferentes formas em uma língua ou diferentes variedades linguísticas? Quando podemos mudar ou controlar a linguagem que usamos? A partir das repostas encontradas a estas perguntas o linguista pode demonstrar que a variação é previsível e determinada por fatores linguísticos e/ou extralinguísticos (PANDOVANI e SANCHES, 2016, p. 544).

Os sociolinguistas atuais também se deparam com situações ainda mais explícitas de novas linhas ligadas ao assunto língua, sendo eles responsáveis, por muitas vezes, em dar sentido para problemas sociais quando a vertente envolve a fala de um certo indivíduo ou comunidade na qual ele está inserido.

Quando a língua estudada não é desligada do seu indivíduo emissor, tem-se uma nova condição, um novo paralelo a ser elencado no objeto do estudo, independentemente da vontade do pesquisador.

Como relata Candau (2008, p. 45), neste contexto, extremamente vivo e plural de discussão e busca, algumas questões podem ser identificadas como ocupando uma posição central nos debates, sendo expressão de matrizes teóricas e político- sociais diferenciadas. Entre elas podemos citar a problemática da igualdade e dos direitos humanos, em um mundo marcado por uma globalização neoliberal excludente, e as questões da diferença e do multiculturalismo, em tempos de uma mundialização com pretensões monoculturais.

Essas relações sociais, entre língua e indivíduo, que desembocará em um espectro mais amplo, mostra o quanto podemos ganhar em relação ao contexto linguístico, ao domínio social e individual em prol do falante, como reforça Bagno.

A história das línguas e das sociedades conta que para haver alguma grande mudança nos conceitos de língua “certa” e língua “errada”, é preciso que também haja, ao mesmo tempo, uma grande e radical transformação das relações sociais (2003, p. 31).

A concepção da sociolinguística como uma área que olha para o meio de uma comunidade, investigando seus aspectos, reforça sua multifacetada, seu brilho heterogêneo, que nega a supremacia da homogeneidade forçada, possibilitando aferir os usos da língua solidamente, ganha aporte na fala de Alkmin (2010, p. 42), que diz que para a sociolinguística, a natureza variável da língua é um pressuposto fundamental, que orienta e sustenta a observação, a descrição, e a interpretação do comportamento linguístico. As diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico.

Portanto, desde os estudos de Labov na década de 1960, ou mesmo antes com as atividades de Meillet e Bakhtin, juntamente com os demais membros do Círculo Linguístico de Praga, no começo do século passado, podemos observar a finalidade dos estudos Sociolinguísticos se ajustando ao seu tempo, em determinadas épocas, mas com os objetivos ainda centrados em um foco comum, o do enriquecimento da língua, com destacam Cezário e Vorre.

A sociolinguística, com suas pesquisas baseadas na produção real dos indivíduos, dá-nos informações detalhadas acerca das variantes produzidas pelas pessoas mais escolarizadas, sobre as variantes que deixaram de ser estigmatizadas, e das mudanças já implementadas na fala, mas que ainda não são aceitas nas gramáticas normativas. Com isso, a área da educação se enriquece com as informações que podem ser usadas também no ensino da língua culta, que passa a ser baseada em dados reais (2009, p. 152).

### 1.3.1 As vertentes

Como já podemos perceber, o começo do século XX foi extremamente promissor para o advento de um ramo de estudos da língua, denominado de sociolinguística.

Em linhas gerais temos os estudos Sociolinguísticos também com uma concepção de Antoine Meillet, que via as variações da língua como, de certa forma, motivadas por fatores ligados aos meios sociais.

Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social, e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social (MEILLET, 1921 apud CALVET, 2002, p. 16).

O linguista Nicholas Marr, da antiga União das Repúblicas Socialistas Soviéticas ou simplesmente União Soviética (URSS), também enxergava as línguas e seus estudos como instrumentos de poder e que refletiam a luta de classes sociais. O “marrismo”, assim denominado, atuou entre as décadas de 1920 e 1950, sendo depois destituído.

Mikhail Bakhtin, ainda dentro da visão da antiga União Soviética, defendia também um enfoque histórico da língua, porém contextualizado.

Já William Labov, pai da chamada sociolinguística Laboviana, é um dos maiores influenciadores atuais dentro da sociolinguística. O norte-americano, como colocado em entrevista, afirma que é a língua

O instrumento que as pessoas usam para se comunicar com os outros na vida cotidiana. Esse é o objeto que é o alvo do trabalho em Variação Linguística. Existem outros ramos da Sociolinguística que estão preocupados primordialmente com questões sociais: o planejamento linguístico, a escolha pela ortografia oficial e outros que se preocupam com as consequências das ações de fala<sup>3</sup>. Todas essas são importantes áreas de estudo, mas eu sempre tentei abordar as grandes questões da Linguística, como determinar a estrutura da linguagem – suas formas e organização subjacentes – e conhecer o mecanismo e as causas da mudança linguística. Os estudos da linguagem usada no dia-a-dia provaram ser bastante úteis para alcançar esses objetivos (LABOV, 2007, p. 2).

### 1.3.2 Campos sociolinguísticos

Dentro dos conceitos sociolinguísticos, principalmente sobre a vertente encabeçada por Labov, com laços estreitos com a antropologia, sociologia e geografia linguística, podemos destacar campos específicos de concentração de estudos, que servem de alicerce para o embasamento de visões em determinados estudos.

Questões envolvendo a variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, são inerentes a esse campo de estudo.

A Teoria da Variação traz a estrita relação entre língua e sociedade, colocando a evolução como campo de estudos dentro de uma comunidade. Terminações como variedade, variação, variável e variante estão ligadas a teoria, facilitando a colocação e compreensão de determinado fenômeno, como podemos perceber

A avaliação social das variedades linguísticas é um fato observável em qualquer comunidade de fala. Frequentemente, ouvimos falar em línguas “simples”, “inferiores”, “primitivas” (ALKMIM. 2010, p. 41).

Como afirma Fortes (2012, p. 6), os sentidos em torno da conceituação de bilinguismo parecem estar ancorados em formações discursivas da sociolinguística, dentre os quais destacamos: “*languaging*”, “*translanguaging*”, plurilinguismo, multilinguismo, multimodalidade e heteroglossia.

O contato linguístico, línguas minoritárias e a política de planejamento linguístico, envolvem basicamente os processos de amplitude e características entre as línguas colocadas, como por exemplo, em uma região fronteiriça.

Sampson (1980, p. 82) diz que é uma ilusão imaginar que as pessoas se ajustam à realidade sem o uso da língua e que a língua é meramente um meio incidental de solucionar problemas específicos de comunicação ou reflexão. O que importa é que o mundo real é em grande escala moldado pelos hábitos da língua do grupo.

## 1.4 A norma padrão e os desafios da língua portuguesa

O que aprendemos e o que se ensina na escola é a norma padrão da língua portuguesa. O que está nos livros de língua portuguesa, nas gramáticas, nos dicionários, formam uma mescla de componentes que darão suporte para uma vida social dentro de uma ordem estabelecida, que funcionará também como uma chave em determinados momentos.

Vejamos só o exemplo do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem):

No caso da Língua Portuguesa, o programa do Enem estipula, em sua matriz de competências, o domínio da norma culta (leia-se norma padrão) como a competência máxima a ser testada nos egressos do ensino médio. Em decorrência as provas do Enem devem, em tese, avaliar não a capacidade de identificação enciclopédica de formas que pertencem ao padrão (as formas “corretas”), mas, digamos assim, a capacidade de operar com o padrão (FARACO, 2002, p. 56).

Com a chave de domínio da língua padrão, da norma padrão, somos capazes de ir e vir em ambientes que exijam sua utilização, ou ao menos domínio, e assim contemplarmos o que a necessidade pede em um determinado momento.

Mas precisamos muito mais do que um conjunto de normas para fecharmos uma equação que contemple o que é exigido em situações formais e o que se esconde por trás de suas exigências.

Em diversas situações o uso e a exigência da norma traz um complemento, como apontado por Bagno.

A maior dificuldade em lidar com a norma culta é precisamente o fato dela ter dupla personalidade, o fato de por trás desse rótulo – norma culta – se escondam dois conceitos opostos no que diz respeito à língua que falamos e escrevemos (2003, p. 42).

A norma padrão, muitas vezes tida como sinônima de norma gramatical, rejeita muitas vezes, ou resiste, às mudanças na língua em nome de um puritanismo e da língua ideal. Fato é que a essa resistência traz também uma árdua exclusão de pessoas que não tiveram acesso a essa norma padrão.

Sem o domínio, nem como obtê-lo de forma imediata, muitas camadas da sociedade acabam criando suas próprias normas e regras para uma língua em comum. Nesse processo de estabelecimento do “novo” é que entra o conceito de certo e errado, separando assim os falantes privilegiados da língua, que são os que a dominam completamente, dos marginalizados, que não sabem utiliza como a norma pede. Devemos também aproveitar a oportunidade e lembrar que

A respeito sobre as aulas de gramática há uma “evidência” empírica de seus resultados e fracassos; método do certo e do errado, regras e exceções; até “musiquinha” para decorar as regras são utilizadas, principalmente escolas cujo material é apostilado. É possível afirmar que um dos problemas é tomar a gramática como língua, condição que exclui outras normas e com ela toda a contribuição de algumas correntes Linguísticas enquanto ciência (SOUZA e RODRIGUES, 2008, p.05).

Tomemos por exemplo as comunidades indígenas brasileiras que detêm o domínio de diversas línguas e dialetos, mas como esses não são de prestígio, ou seja, são incapazes de sozinhos adentrar ao nicho social, o rico conhecimento indígena acaba por ter que ser complementado por uma nova língua, e ainda, mais próxima possível do padrão, como colocado por Leroy e Sobrinho, para que assim seja possível o acesso a um novo modelo social.

Pensando o ensino de português para alunos indígenas, que têm objetivos específicos em relação ao domínio da segunda língua, essa perspectiva adquire uma importante relevância. Os alunos indígenas querem aprender o português para a sua prática, na relação com as diferentes instâncias ligadas à sociedade envolvente. O aluno indígena quer e precisa saber ler um jornal, um anúncio, uma portaria, um ofício, um poema, uma crônica e muitos outros textos que passam a fazer parte de sua vida cotidiana na aldeia e fora dela (2012, p. 3).

Por mais salutar que nos pareça, o fato do aprendizado, do acesso, esse dado nos coloca à frente de uma situação de marginalização, de imposição, de uma língua sobre a outra, não apenas pelo fato do falante indígena ter que aprender uma nova língua, mas sim por ter que obter o acesso ideal, a compreensão ideal, para que possa acessar, em plenitude, o próximo nível desejado.

Figura 2 – A satirização do português padrão



Fonte: <http://linguaportuguesasilvia.blogspot.com.br/2013/04/a-importancia-da-norma-culta-na.html>

Com todos seus aspectos fonéticos/fonológicos, morfológicos, sintáticos e de inúmeras subáreas, o padrão da língua portuguesa é mais imaginário do que real, se assim podemos colocar. O padrão máximo, de perfeição na fala e na escrita, sabe dessa informação também os teóricos, pouco se atinge, ou por uma minúscula parcela da população. Sendo assim temos que

O desenvolvimento de uma competência estratégica, como, por exemplo, saber como usar a língua para se comunicar, pode ser tão ou mais importante do que a competência gramatical (AMADO, 2012, p. 392).

Faraco (2002, p. 41) nos lembra que a questão chamada norma-padrão é certamente das mais complexas no campo das investigações linguísticas. Quando nos embrenhamos em seu estudo, fica logo evidente que não se trata apenas de recortar um conjunto determinado de expressões da língua, como se o fenômeno sociocultural do padrão se resumisse a um problema exclusivamente de vocabulário e estruturas gramaticais.

Se levarmos em conta Damke (1998, p. 24) veremos na verdade, o tipo étnico brasileiro, e assim também a identidade cultural e linguística do povo brasileiro, formado de início, principalmente com participação do elemento português, indígena e africano.

Poderemos perceber desse modo a dita língua padrão a ser seguida e colocada por meios de comunicação, os atuais e principais detentores dela, não leva em conta esse fato de formação do povo brasileiro,

Desse modo, os jornais se mostraram incapazes de ampliar seu universo de referência quanto ao padrão escrito brasileiro. E há nisso um grande paradoxo, já que seus próprios textos constituem, hoje, uma das principais fontes desse mesmo padrão, senão a principal, considerando que a expressiva expansão dos meios de comunicação social, no século XX, transformou-os, aqui como em outras partes, em poderosos parceiros da construção e da difusão do padrão de linguagem (FARACO, 2002, p. 48).

### **1.5 O modo de falar e suas implicações / Preconceito linguístico**

Em tempos remotos, muitas pessoas, principalmente as pertencentes às camadas mais altas da sociedade, obtinham seu linguajar, sua fala, basicamente de obras literárias e de grandes pensadores de suas épocas. O que era lido e o que era dito deveriam ser alinhados, trazendo a polidez para a língua e respeitando sua forma, integralmente.

Falar a boa língua portuguesa, por exemplo, era sinônimo, e de certa forma ainda continua sendo, de respeito à língua e de pertencimento a um seletivo grupo social. Outro fato que aponta para as implicações sobre a língua portuguesa é a sua forma, deliberadamente propagada, de uma língua difícil.

Estaríamos nós diante de uma língua difícil? Podemos nós, pesquisadores ou teóricos da língua, classificar uma ou outra estrutura como a mais complexa? De fato, cada língua respeita uma estrutura local, de uma comunidade, e se as dúvidas anteriores se sustentassem como positivas estaríamos diante de um problema de ordem global e jamais a língua portuguesa atingiria, por exemplo, o patamar de ser

O português a oitava língua mais falada do mundo. No planeta, estima-se que mais de 230 milhões de pessoas falam português, sendo a esta uma das línguas oficiais da União Européia e também a principal do bloco econômico MERCOSUL. O ensino de português como língua estrangeira ou como segunda língua tem alcançado grandes proporções em vários países nos últimos anos (CONCEIÇÃO; MILENO, 2009, P. 1).

Mesmo com a realidade de uma língua multiforme, falada por mais de 3% da população mundial, o imperativo do preconceito linguístico ainda é real e atua como nunca, principalmente, como já ventilamos aqui, sobre pessoas que pouco tiveram ou não tiveram nenhum acesso aos bancos escolares.

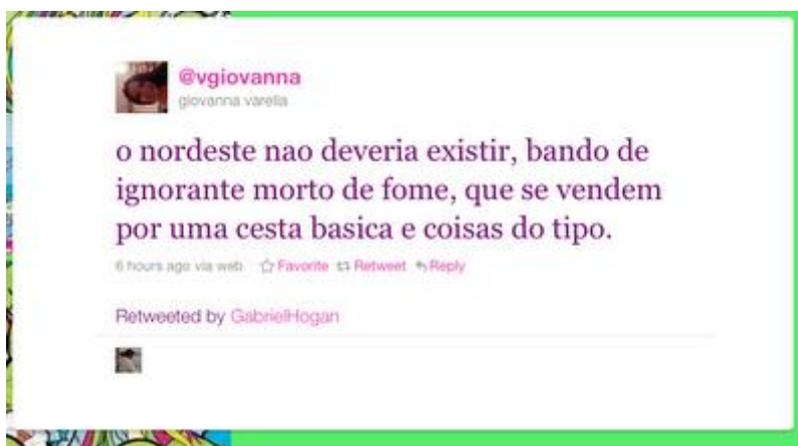
Longe de queremos pregarmos bandeiras revolucionárias, como o fim do uso da gramática e suas normas, ou ainda, colocarmos a gramática como pendor máximo da sala de aula. Devemos olhar, com o máximo de equilíbrio possível, o que de fato significa a imposição de normas tão rígidas em um País, falando especificamente do Brasil, com tantos problemas educacionais.

De acordo com a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada em 2016, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e noticiada pelo jornal Valor Econômico, a taxa de analfabetos vem caindo na última década, mas o recuo é lento. Em 2005, 11,1% das pessoas com mais de 15 anos não sabiam ler e escrever. Dez anos depois, essa proporção caiu para 8%.

Ainda conforme a pesquisa do IBGE, a Região Nordeste continuou a apresentar a maior taxa de analfabetismo (16,2%), embora com proporção menor que a observada em 2014 (16,6%). No Norte, a taxa de analfabetismo cresceu de 9% para 9,1%, a única região em que houve avanço. As menores taxas também continuaram sendo registradas no Sul (4,1%) e Sudeste (4,3%). No Centro-Oeste houve queda de 6,5% para 5,7%.

Dados como esses mostram a dificuldade que as políticas educacionais ainda têm para atingir uma parte dos cidadãos brasileiros, ainda mais os que pertencem a Região Nordeste e Norte do País, e quão comumente, são as maiores vítimas do preconceito linguístico, retratados sempre como chacotas, por vezes disfarçado de humor, em programas televisivos, radiofônicos e mais recentemente na internet.

**Figura 3 – Ataque de internauta aos nordestinos**



Fonte: <http://acaocritica.blogspot.com.br/2010/11/preconceito-contra-nordestinos-no.html>

Fomentar o preconceito linguístico fazemos quando julgamos o falante por seu modo de se expressar, ignorando, por exemplo, se com aquele modo empregado, ele conseguiu alcançar o objetivo em determinado contexto. Muitas vezes quem julga e quem cobra mais quer sim o resultado final de sobreposição de sentimento de vitória sobre o outro, e não simplesmente defender a língua, mantê-la preservada.

**Figura 4 – Preconceito linguístico disfarçado de humor**



Fonte: <http://geradormemes.com/meme/noieei>

Tanto na oralidade quanto na escrita podemos notar a existência do preconceito linguístico. Na oralidade, por vezes, o “erro” ainda passa despercebido em algumas situações ou até mais compreensível. Na escrita o julgamento é letal e implacável, quase sem chance de defesa.

Mas Faraco (2002, p. 41) diz que é preciso lembrar, por exemplo, que a norma-padrão está vinculada estritamente ao espectro de práticas socioculturais que constituem o que se pode chamar de cultura letrada em sentido amplo, isto é, nas práticas culturais que envolvem não apenas atividades de leitura e escrita como tais, mas todo e qualquer atividade (mesmo que em si, se dê apenas oralmente) que tem o processo histórico de escrever como pano de fundo.

Mesmo que as variações da língua sejam presentes e grandes no Brasil, não devemos fazer dessa prerrogativa uma forma de segregação social e de aumentarmos o

preconceito linguístico. A ideia é que tenhamos dentro dessas variações uma forma de trabalharmos a diversidade e não colocando uma forma superior a outra. Podemos observar também que todos nós, mais cedo ou mais tarde, podemos ser usuários de uma determinada variante, por conta da complexidade cultural em que nos encontramos.

Ninguém consegue se expressar de determinada forma em uma entrevista de emprego como em uma roda de conversa informal com amigos. Da mesma forma que ao redigirmos um requerimento para um órgão público, por exemplo, não utilizaremos a mesma forma de um bilhete para um conhecido.

Os artistas brasileiros certamente fazem uso da prerrogativa cultura que estamos inseridos, aliados com a licença poética que lhes cabe, para discutir as formas de preconceito linguístico no meio social. O samba de Adoniran Barbosa, conhecido como Samba do Arnesto, é um exemplo clássico da presença de variantes, no caso bem típicas do interior do estado de São Paulo. Vejamos.

### **Samba do Arnesto**

O Arnesto nos convidou pra um samba, ele mora no Brás  
 Nós fumos não encontremos ninguém  
 Nós voltermos com uma baita de uma reiva  
 Da outra vez nós num vai mais  
 Nós não semos tatu!  
 No outro dia encontremo com o Arnesto  
 Que pediu desculpas mais nós não aceitamos  
 Isso não se faz, Arnesto, nós não se importa  
 Mas você devia ter pnhado um recado na porta  
 Um recado assim ói: "Ói, turma, num deu pra esperá  
 Aduvido que isso, num faz mar, num tem importância,  
 Assinado em cruz porque não sei escrever.

### ***Samba do Arnesto, Adoniran Barbosa***

Quando nos atemos ao princípio fundamental da comunicação, na oralidade ou na escrita, estamos rumando para o foco real das necessidades diárias, sem darmos espaço

para a associação de casos como o do Samba do Arnesto, em que é empregado *fumos* no lugar de *fomos*, como um erro.

## 2. OS IMIGRANTES HAITIANOS EM CAMPO GRANDE

### 2.1 Migração, imigração e emigração

Já dentro da abordagem sobre os haitianos em Campo Grande, percebemos a necessidade de colocarmos em pauta um assunto que comumente é destacado pela mídia, que é o movimento de pessoas no mundo, mas as vezes chamado de emigração, imigração e migração.

As três definições existem, se aplicam e estão corretas dependendo da forma em que são empregadas. Em uma breve definição podemos dizer que a migração é um movimento de entrada ou saída de indivíduos em países diferentes ou dentro de um mesmo país (de um estado para o outro, de uma cidade para a outra, etc.), conforme descrito pelo site [geografiaemfoco.com](http://geografiaemfoco.com)

Na mesma definição o site diz que a imigração é a entrada de estrangeiros em um país; estabelecimento de indivíduos em cidade, estado ou região do seu próprio país, que não é de sua origem ou país que também não é de sua origem.

E enfim a emigração é a saída espontânea de um país; movimentação de uma para outra região dentro de um mesmo país; sair de um país ou lugar onde se vive para viver em outro, provisória ou definitivamente.

Temos então nos haitianos vivendo na Capital de Mato Grosso do Sul, a figura do imigrante, já que nós brasileiros, fomos os que receberam essa população de um outro País.

Os haitianos não são refugiados, porque refúgio é concedido para vítimas de violação dos direitos humanos na sua essência, logo, refugiados são obrigados a fugir de sua terra de origem, em virtude de ocorrências geradas por perseguições, intolerâncias, guerras, discriminações de raça, de etnia, de religião, e dentre outras atrocidades; e no caso dos haitianos, foi em virtude do terremoto que destruiu maior parte do país (ROCHA, 2006, p. 2).

Vencidas as definições colocamos em pauta uma realidade constante no Brasil que é a de recebimento de estrangeiros em nosso solo. Desde a descoberta da inicialmente terra de Vera Cruz, temos uma figura constante de estrangeiros em nosso território.

Algo constante nestes seis séculos de existência, com o descoberta dessa terras por Pedro Alvarez Cabral, em 1500, até sua inicial ocupação em 1530, a história brasileira se confunde e se faz basicamente com a chegada de outros povos como os próprios portugueses, africanos, japoneses, italianos, alemães e tantos demais.

Com a aceitação do Estado brasileiro em receber e permitir a entrada desses imigrantes haitianos no território nacional, temos que colocar também o papel protetor e de condições sociais para esses novos habitantes.

Abordaremos adiante, com mais profundidade a vinda desses imigrantes, mas o fato atenuante, o terremoto de 2010, pode colocar para nós uma prévia de necessidades que essas pessoas tem como prioritárias, como moradia, emprego e a necessidade de comunicação, de aprender a língua portuguesa.

## **2.2 O Haiti**

O Haiti registra desde a história de sua criação uma constante vulnerabilidade social e de instabilidade interna, com grande influência externa, de outros países dominadores, ou ainda colonizadores.

A chegada de Cristóvão Colombo ao noroeste da ilha caribenha, conhecida como Hispaniola, trouxe grandes mudanças para alguns países do Velho e do Novo Mundo. Em dezembro de 1492, o navegador espanhol estabeleceu uma capitania em *Ayiti*. Nos primeiros anos, a busca por riquezas concentrou-se na extração de ouro explorado pelo trabalho compulsório da população indígena local (MATIJASCIC, 2010, p. 2).

A assinatura do Tratado de Ryswick, com a participação da França e da Espanha, estabeleceu novas delimitações na ilha, sendo a parte ocidental destinada à França, onde hoje se delimita o território haitiano.

A mão de obra escrava de africanos foi amplamente utilizada pelos franceses na produção, envolvendo cultivo e extração, de cana-de-açúcar na ilha. Esses escravos se rebelaram em 1791, liderados por Toussaint L'Ouverture, um ex-escravo.

De lá para cá a história de independência do País sempre foi de grande tumulto. Mesmo com a declaração de abolição da escravatura, em 1794, os haitianos não conseguiram estabelecer um período político de paz e organizado para a nação.

Muitos ditadores se aproveitaram da vulnerabilidade e divisão da população para permanecerem por longos anos no poder. Desde Toussaint, nomeado governador vitalício na época, até Baby doc, na década de 1970, as perseguições políticas dominaram o cenário local, deixando pouco espaço o desenvolvimento do País.

Atualmente o Haiti, ilha de 27.750 quilômetros quadrados e cerca de 10,4 milhões de habitantes, é o País mais pobre das Américas, conforme do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH), medido pela Organização das Nações Unidas (ONU).

Em 2004, após o presidente Jean-Claude Duvalier ser destituído do poder, a ONU iniciou um processo de ocupação militar no Haiti, querendo assim reestabelecer a já abalada ordem social no País.

Dificultando ainda mais as ações humanitárias, que já era alvo de grandes instabilidades atmosféricas como furacões, tufões e tempestades tropicais, devido à sua localização geográfica, um terremoto de sete graus na escala *richter*, praticamente destruiu o País, com mais de 200 mil mortos e 1 milhão de desabrigados.

O catolicismo é a religião mais praticada em território haitiano, seguido do protestantismo. Mesmo assim o Vodou, que se baseia na possessão de seus praticantes pelas loas, os deuses do vodou, é comumente praticado pelo maior número dos cristãos, formando assim uma dualidade que envolve não só fundamentos religiosos, mas também influenciam na língua e demais tipos culturais locais.

No processo de construção desse novo crioulofôno entendemos que o vodou, a religião nacional de origem africana, teve uma importância fundamental pela sua especificidade, diríamos até, originalidade, em solo haitiano. Se compararmos a trajetória da religião vodou e da língua crioula no Haiti veremos serem inúmeros os pontos em que se tocam. O vodou e o crioulo formam o contexto onde todas as contradições da sociedade haitiana afloram (RODRIGUES, 2008, p.8).

No Haiti duas línguas oficiais são colocadas: o francês e o crioulo haitiano, sendo este uma derivação da língua francesa, já que o País teve grande influência da França, durante o período colonial. No geral o francês é utilizado no ensino escolar, na administração pública, e em falas públicas, já o crioulo haitiano é denominada como a língua das ruas e do interior doméstico.

A religião no Haiti também influenciou o cenário musical. O rara ou gaga, grande estilo musical do País, tem como principal instrumento o Vaken, uma corneta feita de bambu. Esse tipo de música é evocada em cerimônias de páscoa e em festas de rua, sendo o carnaval local uma das maiores atrações nacionais.

Arroz e feijão, assim como para os brasileiros, também formam a base alimentar diária, tendo como fonte de proteínas a carne de frango ou de porco, normalmente servida frita.

Talvez uma das alternativas para o Haiti seria a exploração de recursos naturais do País. Com o turismo o aumento da circulação de dinheiro poderia gerar mais empregos e diminuir a alta taxa de desemprego. Ruínas arquitetônicas, herança dos franceses, também podem ser boas fontes de renda, alinhado também ao documento

Publicado em maio de 2012 pelo governo do presidente Martelly (eleito em 2011), o Plano estratégico de desenvolvimento do Haiti apresenta quatro grandes projetos – refundações territoriais, econômicas, sociais e institucionais – do Estado para fazer do Haiti um país emergente em 2030 (THOMAS, 2015, p. 130).

### 2.2.1 A vinda

A vinda de Haitianos para o Brasil, mais recentemente, seu deu a partir do terremoto de 2010. Em grande escala, como já colocamos anteriormente, o terremoto obrigou os haitianos a procurarem novos horizontes, diferentes de sua terra natal naquele momento devastada.

Como não eram classificados como refugiados, o governo brasileiro beneficiou esses imigrantes com o chamado visto humanitário, se apoiando na Resolução Normativa do Conselho Nacional de Imigração nº 97/2012, que diz:

Ao nacional do Haiti poderá ser concedido o visto permanente previsto no art. 16 da Lei nº 6.815, de 19 de agosto de 1980, por razões humanitárias, condicionado ao prazo de 5 (cinco) anos, nos termos do art. 18 da mesma Lei, circunstância que constará da Cédula de Identidade do Estrangeiro. Parágrafo único. Consideram-se razões humanitárias, para efeito desta Resolução Normativa, aquelas resultantes do agravamento das condições de vida da população haitiana em decorrência do terremoto ocorrido naquele país em 12 de janeiro de 2010.

A entrada no Brasil se deu principalmente por meio dos estados de Rondônia e do Acre, como relatado em reportagem do jornal eletrônico G1 no Acre, publicada em 15 de janeiro de 2014.

O número de haitianos que estão entrando pela fronteira do Brasil com o Peru quase triplicou em uma semana, segundo o secretário de Direitos Humanos do Acre, Nilson Mourão. Desde a quinta-feira (9), entre 70 e 80 haitianos chegam a Brasília diariamente, diz ele. Antes, o número variava entre 20 e 30 por dia.

Mas antes de chegarem à fronteira do Brasil pelo estado do Acre, os imigrantes haitianos percorreram grandes distâncias, se locomovendo por meio de ônibus, carro e avião, uma distância superior a mais de 4 mil quilômetros.

Os números oficiais, sobre a entrada de haitianos no Brasil são vagos e ainda esbarram em outro número, os do que entram sem se registrarem no País. Os dados mais recentes, de 2015, dão conta que 14.535 haitianos foram registrados entraram pelas fronteiras brasileiras. Um número que surpreende e aumenta desde 2010. Ainda conforme os dados disponibilizados pela Polícia Federal (PF), em 2011, apenas 481 haitianos deram entrada no país.

**Figura 5 – O Caminho dos haitianos**



Fonte: <http://www.topmedianews.com.br/>

### 2.3 Campo Grande como lugar de morada

Muitos haitianos chegaram em Campo Grande por meio da viagem de ônibus feita entre o Acre e Mato Grosso do Sul. Como os dados oficiais são falhos, ou inexistem, muito o que se sabe entre esse trajeto é por via de conversas e registros orais com os próprios imigrantes que aqui estão.

Esses contam que optaram por Campo Grande por recomendação dos que aqui chegaram primeiro e nem imaginavam de como seria a cidade, onde ficariam e por quanto tempo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com dados de 2014, Campo Grande é 20ª cidade mais populosa do Brasil e com população superior a 730 mil habitantes. Localizada próxima a cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, é constantemente rota de imigrantes também da América do Sul, como Paraguai e Bolívia.

Diante desse cenário muitos haitianos acabaram por se estabelecerem na região do Bairro Rita Vieira, na região leste da cidade. Ali contaram com o apoio de outros imigrantes que já haviam se estabelecido.

Não é claro o fato da escolha do bairro, mas um dos motivos mais plausíveis é a proximidade com a Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), que também abriga no seu entorno pensionatos com imigrantes de outras nacionalidades que ali chegam para seus estudos.

Reportagem da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (Sedhast), do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, traz um relato sobre o médico oftalmologista e imigrante haitiano oriundo da UFMS, Jean Zephyr e sua esposa Marisa Zephyr, que atendem os imigrantes de forma voluntária. Eles contam que o trabalho surgiu há aproximadamente dois anos e meio e foi motivado pela dificuldade que muitos encontravam ao chegarem na cidade.

Ficamos sabendo de um pequeno grupo que chegava a cidade e cada vez mais aumentando. Hoje temos, aproximadamente, 80 haitianos que estão na

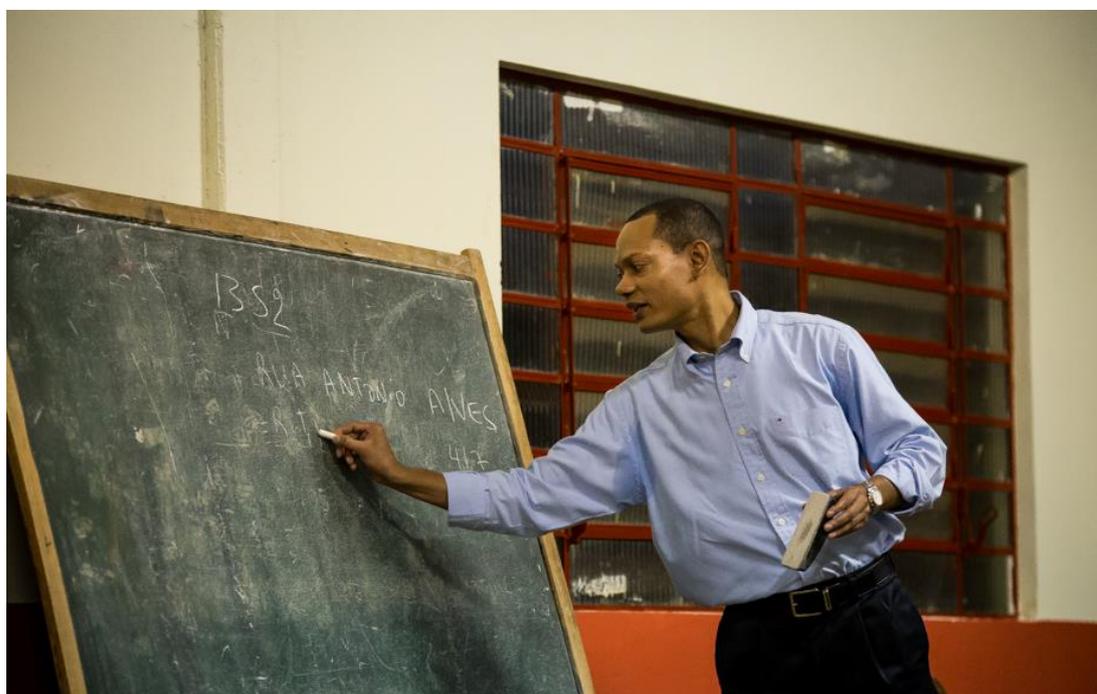
Capital e que ajudamos com a língua portuguesa, atividades de artesanatos e integração no mercado de trabalho, conta Marisa.

O Bairro Rita Vieira também é uma área em ascensão na Capital, quanto ao quesito imobiliário. A oferta de empregos geradas pelas construções pode ser também um motivo bem relevante de instalação dos novos imigrantes por ali, já que muitos tiveram na construção civil a sua oportunidade de emprego.

Em 2016, o jornal on-line Top Mídia News, de Campo Grande, fez uma série de reportagens sobre os imigrantes haitianos na cidade e constatou, por exemplo, casos de primeiro emprego na cidade.

Finalmente em Campo Grande, Camius, que mora com o primo, ficou um mês a procura de emprego. Foi então que, depois das conversas que ele ouvia dos colegas e amigos, foi ao escritório de uma empreiteira e conseguiu trabalho como servente de pedreiro. Só que agora Camius está há dois meses sem receber. Clervil enfrentou a mesma viagem. Diferente da maioria dos colegas, ele não consegue articular muitas palavras em Português. Estrangeiro, refugiado, pobre. O haitiano, que fala Francês, Crioulo e um pouco de Inglês, era jardineiro em uma escola no Haiti, mas não consegue arrumar trabalho.

**Figura 6 – Médico Jean Zephyr ensinando a língua portuguesa para os imigrantes haitianos**



Fonte: <http://www.topmidianews.com.br/> (Deivid Correia)

Os dados levantados estimam quem em 2017 entre 80 e 100 haitianos estejam morando em Campo Grande. Esse número é variável, pois a busca pelo emprego se dá constantemente, e outros municípios de Mato Grosso do Sul recebem, às vezes de forma temporária, trabalhadores imigrantes.

A cidade de Três Lagoas, no leste do estado, é também um dos polos de quem busca emprego. A cidade oferece campo de trabalho em grandes indústrias de celulose, que recentemente se instalaram na região, como também na área da construção civil, com a construção do Polo Petroquímico da Petrobrás.

Sua próxima divisa com o estado de São Paulo também é fator que atrai os imigrantes haitianos. Conforme levantamento prévio do Centro em Direitos Humanos, ligado à Sedhast, aproximadamente 500 haitianos residem na cidade.

O município de Eldorado, no sul de Mato Grosso do Sul, com seus frigoríficos, também atrai trabalhadores haitianos, com oferta de empregos em diversa áreas. A estimativa também do Centro em Direitos Humanos aponta para cerca de 350 no local.

É importante ressaltarmos que mesmo os números colocados não tendo caráter de levantamento oficial, mostram bem a necessidade imediata de renda que a maioria dos imigrantes haitianos necessitam.

Muitos deles contam que com o dinheiro levantado com o trabalho é para cobrir custos como alimentação, moradia e transporte e o que sobra, mesmo sendo de pouca monta, é encaminhado para familiares no Haiti.

O Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas no Estado do Mato Grosso do Sul – (CERMA/MS) já registrou em seus dados de atendimento aos imigrantes no estado profissionais como engenheiros, professores e acadêmicos de medicina, e em sua maioria, os formados em ensino médio.

Uma estimativa informal da embaixada do Haiti revela que mais de 1 mil haitianos vivem em Mato Grosso do Sul e necessitam de documentação. Parceria do Governo do

Estado com a embaixada do Haiti e o Ministério Público de MS, também foi realizada em 2015 verificando cidadãos haitianos com pendências de documentação, como por exemplo, a certidão consular e a validação do passaporte.

### 2.3.1 A vida diária dos imigrantes haitianos

Buscamos cada vez mais nos aprofundarmos no modo como esses imigrantes vivem em Campo Grande, e ainda mais sua vida diária, cotidiana, comum à todos nós, quando levantamos, nos organizamos para o dia e assim chegamos ao final dele com a tarefa concluída.

Conhecer o objeto central da pesquisa, o quanto mais possível, também é a opinião de Silva, que assegura

Qualquer que seja o tipo de contato escolhido, é imprescindível, num estudo sociolinguístico, conhecer o falante o melhor possível. Não se quer dizer com isso que ele deva ser conhecido ou amigo do entrevistador: se um o fosse, todos os entrevistados deveriam sê-lo, o que é impossível, no mesmo grau de amizade (2003, p. 126).

Uma das maiores dificuldades, para qualquer ser humano, é afirmar que conhece o seu próximo profundamente, em todos os seus melindres. Quando encontramos então com uma diversidade cultural tão ampla e diferente da nossa as barreiras aumentam e necessitamos ainda de mais tato, de mais confiança, para então podermos iniciarmos qualquer possibilidade de troca de informações, de experiências que venham a tornar um fluxo de ideias constante o suficiente para que dele saia algum propósito que realmente venha contribuir com o objetivo máximo de uma pesquisa, como essa.

Damke (1998, p.22) nos ilumina nesse sentido reforçando que não é fácil, e ainda mais em poucas palavras, definir o que é e dizer como se forma a identidade do indivíduo. Seria necessário um estudo com base na psicologia, filosofia, política e com certeza, também na psicossociolinguística. Da identidade geral da pessoa faz parte a cultural e também linguística. Com relação à identidade linguística, objeto deste estudo, acreditamos que assim como a própria língua/linguagem, em parte ela é trazida do próprio berço e em parte ela vai se formando ao longo da vida, de acordo com a realidade e vivência do indivíduo.

Mesmo assim, do pouco que se é possível tomar por medida, percebemos que a vida diária dos imigrantes haitianos em Campo Grande, já se entrelaça aos ditos atos rotineiros da cidade e de seus cidadãos.

Eles trabalham, estudam e buscam a sobrevivência não apenas por si só. Mas sempre que são revelados aos olhos da sociedade, seja por esse contato direto que tivemos a oportunidade de realizar, ou ainda pelos meios tecnológicos, nos sites de notícias, que também gostam de noticiar a presença deles na cidade, vemos cidadãos comuns.

Não tão comuns a ponto de deixarem sua cultura, seus rituais, suas raízes. Reuniões realizadas em um salão paroquial do bairro, dão sempre espaço para o momento em que, por exemplo, a língua portuguesa é deixada de lado, dando espaço, mesmo para aos que a dominam, para o crioulo e o francês.

Ao participarmos dessas reuniões podemos perceber que mesmo fora do espaço geográfico Haiti, aqueles minutos de encontro reforçam o mais precioso da comunhão com os outros imigrantes. Antes separados pela rotina diária, pelo menos naquele momento voltam a formar uma nação longe de casa.

A rádio web – Rádio Max, apresenta um programa semanal conduzido por um imigrante que leva o amor através do programa “*Dimanche des amoureux*”, em português, Domingo dos Amantes, diminuindo a saudade e ainda proporcionando aos ouvidos uma aproximação similar ao que estariam acostumados a ouvir no Haiti.

As festas também estão presentes, como a realizada pela Associação Haitiano – Brasileira, na qual apresentações de teatro, dança, música ao vivo, comidas e bebidas típicas do Haiti são compartilhadas. A Festa do Dia Internacional do Migrante, assim denominada por eles, já está em sua quarta edição em 2017.

#### **2.4 Os imigrantes e a questão da identidade**

Podemos observar uma grande discussão também em torno da formação, ou nova formação, da identidade dos imigrantes ao redor do mundo. Especificamente, no caso dos

imigrantes haitianos em Campo Grande, o conceito não fica de fora de uma análise cotidiana, seja essa feita pelos próprios moradores da cidade, ainda pela mídia, ou até mesmo pelos ainda escassos estudos acadêmicos locais destinados ao assunto.

Antes mesmo de analisarmos mais profundamente essa questão devemos levar em conta Schmidt (2011), quando a autora diz que o “conceito de identidade é de difícil delimitação e definição, considerando seu caráter multidimensional e dinâmico. É isso que lhe confere sua complexidade e flexibilidade, pois que a identidade possui variações, prestando-se a reformulações e a manipulações”.

Temos como exemplo os Estados Unidos da América, um dos países do mundo mais visados por imigrantes, pelos seus já conhecidos atributos de qualidade de vida e economia pujante, servindo de molde de visão da sociedade comum sobre o que um diferente povo se habitua, adquire ou mantém de suas bases culturais em posição adversa aos modos locais já constituídos.

Neste caso americano, conforme dados do *United States Census Bureau*, de 2012, havia uma estimativa de 371.529 brasileiros no país no início dessa década, mas segundo estimativas do Itamaraty, órgão do Governo Federal que trata de questões internacionais, há mais de 1 milhão de brasileiros morando nos Estados Unidos, sendo que 300 mil deles estão na Flórida.

Exemplos midiáticos nos mostram que os brasileiros se adaptaram muito bem ao modo de vida dos estadunidenses, mas ainda assim mantiveram o lado da brasilidade ativo, como os mercados com comidas típicas, salões de beleza, oficinas de carros, restaurantes e bares que lembram de onde eles vieram. Da mesma forma problemas sociais, insegurança e outras formas de ameaça à vida, e até mesmo questões culturais, são mais valorizadas em importante fator que os mantém fora do Brasil.

Stuart Hall (1997) define a centralidade da cultura em função das significações dadas pelos sujeitos às práticas realizadas em sociedade, ou por grupos na sociedade, e nos ajuda a entender como essa significação da vida dos brasileiros nos Estados Unidos, pode

também servir de base para uma análise da vida dos imigrantes haitianos em Campo Grande.

Temos também que admitir o fato de Mato Grosso do Sul ser um estado do Brasil com menos destaque em cenário nacional, de certa forma sem grandes expressões culturais mundiais representadas em suas cidades, embora possa ser considerado um estado com grandes influências de imigrantes como os japoneses, árabes e turcos. Essa colocação se faz necessária ao salientarmos o fato que por aqui a identidade dos imigrantes haitianos estará sujeita a uma mescla cultural, mas sem uma grande constante que os faça, de certo modo, permanecerem 100%, ou pelo menos o mais próximo disso, de suas bases da terra natal.

Mesmo que coloquemos em pauta a Globalização como um dos fatores para a precarização da identidade de um determinado povo, resultando no surgimento de novas formas mescladas ou ainda híbridas, a forma como cada um desses imigrantes enxerga os novos locais de morada também é determinante para que ele mantenha ou não hábitos, modos e pensamentos que remetam a sua identidade inicial pessoal.

Em um complexo campo de discernimento e análises subjetivas cabe ao sujeito em questão se abrir, ou se tornar suscetível, ao que lhe cabe para que essa formação identitária ocorra de forma mais gradual ou ainda quase que instantânea, sendo também possível que nunca ocorra de forma completa.

Oliveira (2006) alerta que no mundo acadêmico, ao se pensar a relação teoria e prática, é inevitável que essa discussão faça emergir o campo do conhecimento científico. Isto porque, as teorias são construtos próprios desse universo, as quais são atribuídas um sentido de modelo representativo da realidade, portador da verdade, criando uma simbiose entre poder e conhecimento, nos limites de um paradigma herdeiro da tradição iluminista.

Essa pluralização pode levar a um sentimento ameaçador de perda das raízes, ou mesmo, para um campo de extremo nacionalismo da pátria em que se chega, em detrimento da que se deixou, ignorando assim um discurso de identidade local para um contexto global, dispensando o genuíno sentimento patriota, ao menos em grande parte.

Podemos notar durante as entrevistas coletadas que esses imigrantes haitianos já conseguem estabelecer um mínimo sentimento de pertencimento ao seu novo local de morada. Mesmo com os demais imigrantes, em conversas informais, notamos que o apego ao imaginário Brasil, e à realidade acolhedora diante da antiga realidade, fazem com que muitos até exacerbem o sentimento de aqui viverem.

Para Williams (2007) a globalização representa um novo ciclo de expansão do capitalismo que, para se consolidar, desregulamenta as fronteiras territoriais permitindo a movimentação de fluxos de capitais em tempo real e a maximização os lucros, além de reforçar a interdependência desigual entre as nações e ressaltar as diferenças locais, impondo, assim, um rearranjo nos sistemas político-institucional e econômico-financeiro internacional.

Mais especificamente podemos ver que a origem de saída influencia em grande parte no fortalecimento do fio identitário com o novo local. Se pensarmos nas situações em que os imigrantes haitianos chegaram ao Brasil, advindos de crise econômica, social e fenômenos naturais graves em seu país, vemos que é extremamente compreensível esse rápido laço, em questão de dois ou três anos de moradia.

Nessa medida de identificação também devemos quantificar o ‘outro’ que recebe como elemento contribuidor nessa nova formação identitária. Se citarmos, mais uma vez, o imigrante ilegal que adentra aos Estados Unidos da América, vemos um cenário de extrema rejeição e, até mesmo, ódio para com esses que são vistos como aproveitadores e usurpadores de condições sociais daquele país.

Por outro lado, em cenário brasileiro, vemos que mesmo em condições adversas que o país enfrente atualmente, falando de cenário econômico e até mesmo político, esses imigrantes haitianos receberam e recebem a máxima cordialidade e atenção da população e também das autoridades, quando possível. Não foi despertada, ainda, na população brasileira um sentimento xenófobo que prejudicasse a amplitude espelhada de que a cultura local é sim ‘boa’ e suficiente para elencar novos traços as identidades desses que chegam.

Mesmo, como já citamos em outros pontos desta dissertação, com seus encontros semanais em bairros da Capital de Mato Grosso do Sul, manutenção de festas tradicionais do Haiti, criação de associações específicas, por exemplo, o cotidiano brasileiro é sim absorvido por esses imigrantes, alterando, conseqüentemente, suas identidades originais.

Essa afirmação se dá quando vemos em hábitos diários a introdução do uso de bebidas como o tereré, tipicamente dessa localidade, e ainda reclamações com os buracos da cidade, com o calor, e ainda com questões mais fortes, como por exemplo, o sentimento pela exuberância da natureza local, na qual bichos como araras e capivaras já são contemplados e, até mesmo, de certa forma, protegidos.

Pontos que a primeira vista podem parecer leves e sem grande influência, mas que vão, pouco a pouco, enraizando no sentimento nacionalista haitiano, formando um novo perfil que chamamos por hora aqui de natural, conforme a realidade vivida, nos revelando que:

As nações modernas são híbridas: não há aquela que possua um único povo, uma única cultura ou uma única etnia ou raça, no entanto, as culturas nacionais se sobrepõem às demais e o que tem provocado o seu deslocamento é a chamada globalização (HALL, 2004, p.10)

Nesse sentido, esse pesquisador entende que a construção da identidade do sujeito na modernidade (HALL, 2004) não se caracteriza com algo inato e fixo, mas está propensa a mudanças e pode ser reposicionada; assim como as pessoas não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente; mas assumem identidades distintas em diferentes momentos. Assim, a identidade se forma ao longo do tempo, sendo que permanece sempre incompleta, estando sempre em construção.

Também Rajagopalan destaca que “as identidades da língua e do indivíduo têm implicações mútuas e estão sempre num estado de fluxo. Seriam identidades compostas, múltiplas, proteiformes” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 242). No entendimento desse linguista “quem aprende uma língua nova está se redefinindo como uma nova pessoa” (RAJAGOPALAN, 2001, p. 41). Vendo deste modo é impossível deixar de considerar a relação entre língua, cultura e identidade como parte fundamental da formação de um professor ou até mesmo de qualquer falante/aprendiz de outra língua. Isso implica num

questionamento que transforma a identidade do sujeito com essa característica de constante enfretamento.

Corroborando com essas discussões, Damke e Savedra (2013, p. 53) ressaltam que não se pode conceber a identidade como pura, mas deve-se “falar de identidades híbridas, mescladas e compostas de elementos de diversas situações sócio-históricas e culturais”. Nesse sentido, os pesquisadores discutem a identidade dos sujeitos que migram, gerando uma transformação, precisamente um deslocamento territorial e, uma perda da referência territorial, dos valores culturais e das relações interpessoais. “No caso dos imigrantes, parte da construção da sua identidade está ligada à nostalgia do passado, mas boa parte desta reconstrução também está atrelada ao novo contexto sociocultural e político em que vivem” (DAMKE; SAVEDRA, 2013, p. 60).

Muitos dos aspectos colocados em prática para a constatação do, digamos, perfil identitário do haitiano em Campo Grande, ainda são de caráter observatório, faltando assim mais contribuições da academia que pudessem ampliar o leque de discussões sobre esse ângulo, fazendo com que a compreensão dos atos de cada entrevistado, durante o processo dessa dissertação, também revelasse mais do que o que formalmente se tem colhido para o referido trabalho.

Fato que reforça ainda mais as características do não-dito desse povo e nos faz lembrar as nuances do discurso interno aplicado por eles em sua comunicação com os brasileiros, nos remetendo ao fato de:

“Dizer o que somos significa também dizer o que não somos. São pressupostos de mundo e valores culturais implícitos nos enunciados carregados de significação” (SCHMIDT, 2014, p.04).

Nesse sentido, a identidade seja ela pessoal, cultural e/ou linguística, não é um atributo inato nem unitário, mas é algo que se desenvolve ao longo de toda a vida do sujeito.

### 3. A AQUISIÇÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA: DESAFIOS EM TERRAS ESTRANGEIRAS

#### 3.1 A aquisição da Língua Portuguesa por falantes do francês

Os estudos sobre a aprendizagem de uma língua contam com diversas teorias relacionadas, principalmente quando pensamos de qual maneira o futuro falante irá se posicionar em relação ao novo desafio, especialmente no âmbito da fluência oral.

Como se percebe, quando ouvimos um estrangeiro, independentemente da nacionalidade, pronunciar a Língua Portuguesa falada no Brasil, mais comumente chamada de português brasileiro, notamos uma certa peculiaridade em sua fala que o distingue, muitas vezes, do falante nativo.

Almeida, ao discutir as questões fonéticas de aprendentes do francês, um caminho inverso, mas nem por isso diferente da trajetória aqui colocada, reforça essa visão, alegando que

Os estudos sobre a aprendizagem de uma língua não materna (L2) têm discutido as semelhanças e diferenças entre a aquisição de uma língua estrangeira e a aquisição de uma língua materna (L1) (2006, p. 97).

Como sabemos, o francês é uma língua românica pertencente à subfamília itálica que, por sua vez, pertence à família indo-europeia, aplicada também como língua oficial da Bélgica, Suíça e de países e regiões que são, ou foram, colônias francesas, como a Guiana Francesa, África norte-ocidental, Indochina, Haiti, Madagascar e parte do Canadá.

A Língua Francesa, como oficial do Haiti, país de origem do *corpus* de nossa pesquisa, divide espaço também com outros dialetos, sendo também considerado uma língua oficial daquele território<sup>1</sup>, o crioulo haitiano, o que por muitas vezes pode gerar ainda mais dificuldades ou facilidades na aquisição da Língua Portuguesa.

Mas, conforme Rodrigues, esse duplo *status* de línguas oficiais naquele território cumpre apenas uma função burocrática:

O Haiti é um Estado oficialmente bilíngue. Este “bilinguismo”, porém, não reflete a realidade. É desigual e até mesmo desequilibrado em certos meios

socioeconômicos. Apesar de seu status de língua oficial – há tão pouco tempo alcançado – o crioulo não é, de forma alguma, um idioma de prestígio (2008, p.66).

Isso porque quando falamos em aquisição de uma nova língua também pensamos no processo decorrente que se fará necessário, como a percepção de uma nova estrutura gramatical e ainda valores sociais intrínsecos nessa língua, como exemplifica Barbosa e Durão, alertando que

A ausência de uma língua materna, incluída aqui como referencial do indivíduo aprendiz de uma língua estrangeira, como parâmetro social, pode revestir-se de um caráter impeditivo e até de rejeição à língua estrangeira (2008, p.15).

Mais ainda que situações de ordem estrutural, da gramática normativa, quanto na escrita como na fala, pensamos em um cenário de desfavorecimento para essa aquisição que pode acontecer com mais ou menos intensidade em relação às condutas sociais abordadas com esse novo aprendiz.

Em nosso caso, podemos ainda reafirmar o pensamento de Barbosa e Durão, referente a esse fator:

Não seria exagerado dizer que o aprendizado de uma segunda língua esbarra na questão da identidade. Ao entrar em contato com um idioma diferente do materno, o indivíduo, forçosamente, “contrapõe-se” a sua língua nativa, assim como seus costumes, valores e tradições (2008, p.15).

Dentre as diferenças e semelhanças entre a Língua Portuguesa e Língua Francesa Almeida, aponta uma como preponderante, sendo também como uma maior dificuldade em busca de uma plena comunicação no nível padrão estabelecido é merecido lembrar um ponto no qual

As vogais nasais do francês diferem das do português pela altura: em francês, as vogais nasais são associadas ao nível de altura baixo, por oposição ao português em que são associadas ao nível de altura alto ou médio (2006, p. 97).

Sabemos então que mesmo com todo o empenho levantado pelo imigrante aqui estabelecido, e tendo o francês como idioma escolar de base em seu país natal, as condicionalidades necessárias para essa aquisição no Brasil, do português brasileiro, deverão estar alinhadas com os anseios de curto e longo prazo desse aprendiz, considerando todo um escopo social que, mesmo por hora, esse esteja inserido.

Portanto, a necessidade de habilidades para se conhecer a língua deve também respeitar o modo e a maneira de como ela será colocada, levando em conta realmente a estrutura real e também o alicerce, aqui o crioulo haitiano juntamente com o francês, tido como mais oficial pelo seu prestígio. Caso contrário poderá se repetir um ciclo não vantajoso como cita Contiguiba e Contiguiba:

Assim, por muito tempo no Haiti ensinava-se maciçamente nas escolas a língua francesa, mas os haitianos continuavam falando o Kreyòl; pregava-se o catolicismo e o protestantismo, mas a prática de transcendência era o vodu. É nesse cenário sociocultural que se desenvolve o sistema educacional no Haiti (2014, p. 68).

### 3.1.2 Dialetos

Enquanto a língua padrão, a língua oficial, tem um maior *status*, sendo adotada pelas vias oficiais, pelos gramáticos, o mesmo não acontece com os dialetos de uma comunidade.

A distância entre a língua padrão, a considerada “certa” e a melhor forma de falar e escrever, e o dialeto, determinará o quanto esse estará relegado a uma parcela mais longe do centro da sociedade.

[...] alguns falares, mesmo próximos da língua-padrão, são estigmatizados por motivos históricos ou sociais (BIZZOCHI, 2006, p. 2)

Mané (2012, p. 40) explica que língua e dialeto são termos que apresentam certa ambiguidade de sentido, o que torna difícil seu entendimento. Não há consenso universal sobre os critérios usados para distingui-los, embora exista um número de paradigmas que se torna, às vezes, resultados contraditórios. Língua e dialeto são duas denominações que se aplicam a aspectos diferentes, mas não opostos, do fenômeno extremamente complexo que é a comunicação humana.

Mesmo hoje o crioulo sendo considerada língua oficial do Haiti, já que desde a independência do Haiti em 1804, apenas o francês era considerado língua oficial e o crioulo só passou também a ser considerado como língua oficial em 1964, muitos resquícios ficaram marcados sobre a nova língua dos haitianos. Silva conta que

[...]o crioulo constitui a língua materna de grande parte da ilha. Além do crioulo e do francês, boa parte dos haitianos diz falar e compreender também o espanhol e o inglês. São observadas ainda situações de diferenças dialetais; isto é, a

dependem da localização geográfica dos departamentos ou estados de origem dos imigrantes, estão presentes na formação linguística dos haitianos outros dialetos do crioulo haitiano. As pesquisas na área mencionam pelo menos três principais dialetos no Haiti: o dialeto do sul, o dialeto do norte e o dialeto do oeste, que inclui a capital (2017, p. 49).

Com base na afirmação de Silva podemos observar que mesmo o crioulo deixando o *status* de dialeto e passando a ser considerado uma língua oficial, “novos” dialetos também foram surgindo em compasso com o antigo. Uma espécie de dialeto do dialeto, se observamos desse modo, se coloca para em posição do antigo continuar a atender quem dele necessita.

Já dito que o Haiti é o País mais pobre das Américas, não é difícil imaginarmos a dificuldade em todos os sentidos da vida diária, inclusive do acesso à educação, marginalizando ainda mais os que estão longe do centro social. Colocamos a palavra marginalização aqui, no sentido de estar à margem de algo, e não comumente como é aplicado hoje, ligada exclusivamente ao crime e à práticas dolosas.

**Quadro 1 – Sistema Fonológico –Crioulo Haitiano versus Português Brasileiro**

|             | Bilabial | Labiodental | Dental | Alveolar | Pal. Alveolar | Palatal | Velar  |
|-------------|----------|-------------|--------|----------|---------------|---------|--------|
| Obstruintes | p b      |             |        | t d      |               |         | k g    |
| Fricativas  |          | f v         |        | s z      | ʃ ʒ           |         | X* γ** |
| Africadas   |          |             |        |          | tʃ***dʒ***    |         |        |
| Nasais      | m        |             |        | n        |               | ɲ       |        |
| Tepe        |          |             |        | r*       |               |         |        |
| Lateral     |          |             |        | l        |               | ʎ       |        |
| Vibrante    |          |             |        | r*       |               |         |        |
| Glide       | w ɥ**    |             |        |          | j             |         |        |

Fonte: <http://www.scielo.br/pdf/ides/v70n3/2175-8026-ides-70-03-00047.pdf>

Silva (2017, p. 50) traz um interessante comparativo entre o crioulo haitiano e o português brasileiro (PB), referente ao sistema fonológico. A autora retrata que no quadro, as consoantes não marcadas com asterisco (\*, \*\* ou \*\*\*) estão presentes nas duas línguas; as consoantes marcadas por dois asteriscos (\*\*) estão presentes no crioulo haitiano apenas; por sua vez, as consoantes marcadas por um único asterisco (\*) fazem parte somente do sistema consonantal do PB.

É muito pertinente reforçamos que os dialetos são formas eficazes de uma comunicação direta. Na comparação entre o crioulo haitiano e o português brasileiro, sendo a nossa língua há mais tempo com carácter oficial, vemos que a presença de semelhanças na emissão dos sons, coincidem nos dois sistemas.

Mesmo que o crioulo haitiano, com pouco mais de 50 anos como língua oficial, tivesse mantido seu *status* burocrático de dialeto, a comunicação via esse dialeto seria satisfeita, rendendo aos seus usuários o processo básico da comunicação que é o entendimento pelo receptor.

Mané (2012, p. 41) reforça também que a linguística moderna reconhece que o status de língua e dialeto não é somente determinado por critérios linguísticos, mas é também o resultado de um desenvolvimento histórico, geográfico e sócio-político, fatores levados em consideração para distinguirmos língua e dialeto.

### **3.2 A Língua Portuguesa no Brasil**

A partir de Guimarães (2005, p. 1), sabemos que a língua portuguesa se formou como língua específica, na Europa, pela diferenciação que o latim sofreu na Península Ibérica durante o processo de contatos entre povos e línguas que se deram a partir da chegada dos romanos no século II a.C.

Considerado todo um período histórico de transformação e mudança dessa língua, as chamadas grandes navegações, encabeçadas principalmente por português e espanhóis, foi a responsável de disseminar a língua portuguesa pelo restante do mundo, em meados dos séculos XV e XVI.

No Brasil, a partir de 1532, quando da colonização pelos portugueses, a língua portuguesa é recebida e colocada em contato com as línguas indígenas aqui existentes. Fatores como a chegada dos Holandeses, o tráfico de escravos do continente africano para cá, e a chegada da família real portuguesa também impulsionaram o estabelecimento do português como língua oficial, em detrimento de outras aqui já existentes.

Desde a chegada em terras brasileiras os portugueses encontraram os habitantes indígenas falando uma diversidade de línguas. Esse fato mostra

que, para fins de evangelização e dominação cultural a doutrinação e o ensino não poderiam ser desenvolvidos na língua do conquistador – português ou espanhol. Por isso, trataram logo de usar de seus conhecimentos em Latim para adaptarem uma linguagem que se constituiria na linguagem geral ao longo dos primeiros séculos de colonização brasileira (HOUAISS, 1992, p. 10).

A Provisão Real, em 1757, foi a responsável por proibir o uso do Tupi, uma língua indígena que resistia diante da língua portuguesa, mas que sem prestígio acabou sendo o português tornar-se o idioma oficial do Brasil. Com a expulsão dos jesuítas, em 1759, a língua portuguesa ganhou mais força como língua oficial.

Conforme Teyssier (2004) durante muito tempo, o português e o tupi viveram lado a lado, em períodos de bilinguismo (1533 a 1654). Em 1758, Marquês de Pombal, ministro do Império português, impôs a língua portuguesa definitivamente como oficial, proibindo o uso de qualquer outra, inclusive pela população indígena.

A ordem de proibir o uso de qualquer outra língua, senão a portuguesa, marca um processo de afastamento da sociedade brasileira, desde aquela época, com sua população indígena, preferindo muito mais o contato com os franceses, italianos e alemães, potencialmente fortes economicamente, para agregações na língua.

Traços indígenas podem ser percebidos na língua portuguesa colocada hoje, mas certamente muito menores do que poderíamos ter se ambas as línguas tivessem sido prestigiadas desde o começo da colonização.

### 3.2.1 O que falamos? – Características do português brasileiro

Notoriamente a língua portuguesa falada no Brasil, por mais de 200 milhões de pessoas, é marcada por traços que vieram de influências externas e internas, moldadas pela força econômica e cultural de países, durante um curto ou longo período de nossa história.

Impossível negarmos que o que falamos hoje detém características diferentes do começo do latim, sendo alvo de investigações, em todas às áreas, por linguísticas e estudiosos em geral. Admitirmos que falamos uma língua em constante movimento e mutação é um passo importantíssimo para investigações com resultados mais próximos possíveis da realidade.

As muitas reflexões sobre a gramática do português brasileiro levadas a cabo nos últimos trinta anos provocaram muito naturalmente a curiosidade dos linguistas brasileiros sobre a origem das propriedades ali identificadas, suas formas de transposição para o Brasil, e aos processos de mudança por que passaram, conforme Castilho (2007, p. 9).

Pandovani e Sanches dizem que:

Considerando que a atividade humana da linguagem se caracteriza pela constante variação e pela mudança linguística, podemos considerar que vários são os fatores que influenciam no uso de variantes distintas dentro de uma comunidade de fala. Em geral, sempre há algum elemento, se não linguístico, sociocultural que determina a escolha que os falantes fazem de uma forma ou estrutura (2016, p. 548).

Características fonético/fonológicas, morfológicas, lexicais e semânticas norteiam a língua portuguesa falada no Brasil. Pronunciar uma determinada palavra de diversas formas é uma característica fonético/fonológica do País. Acrescentar, substituir ou até tirar um fonema, são formas que podem ser encontradas dependendo da região do solo brasileiro em que nos encontramos, como, por exemplo a pronúncia de [O] e [o], [e] e [E].

Faraco (2005, p. 11), aponta que a morfologia trata dos princípios que regem a estrutura interna das palavras: seus componentes (morfemas), os processos derivacionais, responsáveis pela origem de novas palavras e flexionais (as formas de se marcar as categorias gramaticais como gênero, número, aspecto, voz, tempo, pessoa). A supressão do S no plural dos substantivos, é uma notável forma morfológica amplamente utilizada pela população, e que também é alvo de preconceito por esse uso.

Outra observação típica do português brasileiro é a construção sintática de uma oração de maneira contrária as estabelecidas nas normas gramaticais. A variação como concordância nominal e verbal é altamente reprovada pelos preservadores da língua, mas é amplamente utilizada, como por exemplo, a expressão *dê-me um abraço* comumente trocada por *me dá um abraço*.

A variação lexical também é bem característica do povo brasileiro, e mais comumente aceita. Talvez essa aceitação nada tenha a ver com uma flexibilização das normas gramaticais, mas sim pela grande dimensão territorial que temos. Ao falarmos

*mandioca* ao invés de *macaxeira*, ou ainda, *mexerica* no lugar de *pokan*, estamos mais próximos de uma determinada região do que de outra.

As diferenças são ainda mais nítidas, como entre as regiões sul e nordeste do País, com suas características peculiares e tradicionalismo de colonizadores europeus e africanos, cada região adotou e ainda utiliza falares que marcam seus moradores.

Semanticamente a variação por região também é fator importante. O mesmo significado de uma grafia, pode variar de acordo com o falante. Estabelecer valor ao *fluxico*, por exemplo, depende se colocarmos diante de uma conversa inconveniente sobre outra pessoa ou então, como um objeto de tecido utilizado no artesanato para confecção de roupas e tapetes.

**Quadro 2: Alguns pontos históricos da língua portuguesa**

|  |
|--|
| 1931 – Portugal/Brasil Primeiro: acordo Ortográfico entre Brasil e Portugal, com adoção (praticamente) do regime lusitano.   |
| 1934 – Brasil: Promulgação da terceira Constituição; revogação dos decretos anteriores sobre ortografia do português do Brasil: conseqüente derrubada do Acordo de 1931 e adoção da que estava em vigor em 1891.     |
| 1971 – Brasil: O governo brasileiro do presidente Emílio Médici introduziu alterações na ortografia usada no Brasil. Uma das alterações consistiu na quase eliminação no acento circunflexo diferencial.             |
| 1990 - Países lusofalantes: Assinatura de novo Acordo, menos radical, por sete países que têm o português como língua oficial: Brasil, Portugal, Angola, São Tomé e Príncipe, Cabo verde, Guiné Bissau e Moçambique. |
| 1998: Assinatura do Protocolo Modificado do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, que retirou do texto original a data para sua entrada em vigor.   |
| 2008 – Portugal/Brasil: Aprovação do Acordo de 1990 pelo Parlamento Português. Promulgação do Acordo pelo governo brasileiro que mandou implementá-lo a partir de 2009.  |
| 2013: Vigência tão-somente do Acordo de 1990.  |

Fonte: Ortografia de Língua Portuguesa: história, discursos e representações. São Paulo: Contexto, 2009, p.

Temos, portanto, no português falado no Brasil uma mistura cultural que vem desde o período colonial, dando ao povo, principalmente aos mais pobres, as condições mínimas de inserção em um grupo e também o acesso aos bens culturais básicos.

Não diferentemente da realidade do restante do País, a língua portuguesa falada em Campo Grande também é recheada de influências, o que por si já é um ponto que poderemos observar, se positivo ou não, na fala dos imigrantes haitianos moradores da cidade.

Vale ressaltar que as influências por mais que sejam grandes, por causa das fronteiras com Bolívia e Paraguai, o de imigrantes há mais tempo aqui, como os japoneses e árabes, fatores como classe social, faixa etária e sexo, por exemplo, determinam o uso ou não dessas variantes.

É importante lembrarmos Faraco (2002, p. 43) quando o mesmo coloca que [...] a reação a um abrasileiramento da norma-padrão (conforme propunha, por exemplo, José de Alencar) se fazia no mesmo tom com que se combatia os fenômenos linguísticos identificados como “português de preto” ou “pretoquês”, essa “língua de negros boçais e de raças inferiores”..., sinônimo de corrupção, degeneração, desintegração.

### **3.3 A língua portuguesa como nova língua**

Falar uma língua que estamos acostumados desde o nascimento, com o favorecimento do círculo social e de lugares que frequentamos, desde pequenos, como escola, clubes e igrejas, se torna uma tarefa natural. Se não tivermos nenhum problema de ordem médica, esse aprendizado se dará de forma contínua e quase que imperceptível, sem dores maiores.

O que dizermos então sobre aprendermos uma nova língua? Quem já passou por essa experiência, e obteve, de certa forma, algum sucesso, sabe que a tarefa exige de nós dedicação, muita concentração e confiança no motivo pelo qual estamos dedicando nosso tempo para aquela tarefa.

Um outro fato que pesa também na missão de aprender um novo idioma é a familiarização que temos com ele, mesmo antes de querermos nos submeter à sua aprendizagem. Comumente ouvimos falar, de brasileiros, de que a língua inglesa é mais fácil do que, por exemplo, o italiano.

Muita dessa facilidade está realmente ligada no que aquela língua é capaz de influenciar, principalmente economicamente. Obviamente ninguém, ou poucas pessoas, querem ter um conhecimento que só sirva a ela mesma. No caso, a maioria do conhecimento se dá afim de alicerce para outros e ainda de podermos usufruir de suas possibilidades.

Dada a sua condição de país pós-colonial economicamente emergente, a responsabilidade brasileira pela língua e seu ensino numa circulação global tem demorado a se converter em políticas deliberadas e concertadas, entre elas a do ensino do Português como língua segunda e/ou estrangeira, [...], comenta Filho (2015, p. 13).

Fato é que a língua portuguesa só não ganhou ainda mais campo de atuação no restante do mundo, como a língua inglesa, por exemplo, por suas características econômicas voláteis que os países que a falam possuem. Muito menos tem a ver com sua dificuldade estrutural ou de articulação.

Os imigrantes que aqui chegam têm a tarefa de aprender essa língua, que muitos sequer ouviram falar antes de aqui estarem. Superar os desafios culturais, de acesso e de compreensão do novo idioma faz parte de uma trilha que eles têm, por desafio e necessidade, que cumprir.

Em muitos momentos de nossa pesquisa, pudemos constatar esse desafio para os imigrantes haitianos. Não são poucos os relatos em que a barreira da língua resultou em mal-entendidos, preconceitos e até casos policiais. Ainda no início de um aprendizado não se é capaz de expressar ideias claras e de maneira rápida, mas o tempo de inserção é curto e como não há como esperar, o lançar-se no meio se faz necessário, ocasionando essas armadilhas da língua.

A dinâmica da língua, colocada por Filho (2015) retrata bem a ideia do que esses imigrantes passam.

Língua estrangeira é uma outra língua em outra cultura de um outro país pela qual se desenvolve um interesse autônomo (particular) ou institucionalizado (escolar) em conhecê-la ou em aprender a usá-la (2015, p. 11)

Imergir em um ambiente novo exige coragem. Ainda mais quanto adentramos em um ambiente de constante instabilidade, boa instabilidade digamos, em que a língua portuguesa convive com uma dualidade do que se está escrito nas gramáticas e livros didáticos, em comparação com que se ouve e se fala no dia a dia.

Nunca é demais lembramos essa dualidade. A clareza em relação a língua portuguesa se dá também com a concepção lucida dessa visão, o que infelizmente muitos gramáticos, teóricos e personalidades influentes da mídia não têm.

Como diz Bagno

Por mais que seja difícil para os estudiosos sérios das questões linguísticas, é preciso reconhecer que, mesmo como termo técnico, como ferramenta de investigação científica, a expressão *norma culta* revela um longo processo de impregnação ideológica que tem de ser criticado (2003, p. 57).

Conviver com essa dualidade talvez nem sempre seja perceptível para quem chega recentemente por aqui. Não a ponto de mensura-la ou fazer sua diferenciação de forma simples e rápida. Como nós, ao aprendermos outra língua, demoramos a notar alguns detalhes típicos ao dos falantes nativos, a recíproca para, nesse caso o imigrante haitiano, também é verdadeira.

Possibilitar essa facilidade, ou um menor grau de dificuldade, também é missão da sociedade organizada brasileira. Por mais que ela, em sua maioria, não seja capaz de expressar o português padrão, essa mesmo com o conhecimento que tem, não tolera em muitos casos, divergências por estrangeiros.

Sem generalizações, temos que admitir que na sociedade brasileira há dificuldade, por grande parte da população, o acesso a uma língua dentro da formalidade, não dizendo aqui que isso seja estritamente necessário, até mesmo se esse fosse o sentido, colocaríamos uma desconstrução de muito o que já foi dito. O que se percebe é velha máxima de que nós podemos, mas eles não.

### 3.3.1 O ensino da língua portuguesa para estrangeiros

Rosa (2012, p. 1) diz que a partir da década de 1990, o número de livros destinados ao ensino do português do Brasil a falantes de outras línguas cresceu bastante. Tais livros têm, cada vez mais, sido escritos principalmente por professores/pesquisadores brasileiros. Nota-se não somente um sentimento de patriotismo e orgulho nacional no que diz respeito à expansão de nossa língua e cultura, mas também um amplo mercado, cheio de possibilidades e que salta aos olhos daqueles que lidam com o ensino de línguas estrangeiras.

Essa aprendizagem do novo idioma se dá por alguns motivos, entre eles, como reforça Leiria:

Aprende-se uma língua para ler textos literários ou científicos, para visitar o país e poder contactar com os seus habitantes. Essa aprendizagem pode ser muitas vezes uma matéria mais no curriculum escolar, ou uma ocupação em tempos livres (LEIRIA, 1999, p. 4).

Candau (2008, p.54) aponta que outro elemento de especial importância refere-se a favorecer processos de “empoderamento”, principalmente orientados aos atores sociais que historicamente tiveram menos poder na sociedade, ou seja, tiveram menores possibilidades de influir nas decisões e nos processos coletivos. O “empoderamento” começa por liberar a possibilidade, o poder, a potência que cada pessoa tem para que ela possa ser sujeito de sua vida e ator social.

O “empoderamento” aqui descrito possibilitará ao novo falante estrangeiro um novo panorama diante da língua que ele deseja aprender, passando de uma figura alheia ao que tem por tarefa, a um ser apropriado de condições necessárias, técnicas e psicológicas, de completar o objetivo.

Temos também, como o exemplo, diante do ensino da língua portuguesa para estrangeiros, um dos modos citados por Nóbrega (2010, p. 4), o audiolingual, fortemente influenciado pelo behaviorismo, foi inicialmente utilizado no treinamento de línguas do exército americano, durante a segunda guerra mundial. Para ampliar rapidamente a fluência dos falantes, as aulas tinham número reduzido de alunos e contava ainda com a

contratação de nativos na língua-alvo. As propostas de Skinner e Pavlov são então aplicadas ao ensino de línguas.

Em Widdowson temos a proposta do método comunicativo que propõe uma ruptura com o conteúdo interdisciplinar. A abordagem comunicativa foi inicialmente trazida ao Brasil por Almeida Filho, durante congresso realizado em Florianópolis, em 1978.

Diante desses métodos temos também o fator do novo comunicante da língua portuguesa ser capaz de quatro habilidades que são: compreensão escrita, compreensão oral, produção escrita e produção oral. E ainda assim

Para “ensinar” Português (= aperfeiçoar nos alunos sua percepção e comando da L) será preciso pensar um método de como fazê-lo. Por exemplo, ensinar L1 poderá ser concebido como ensinar a reconhecer-se numa variante (valorizando-a) e, se possível, incentivar e apoiar que o aluno transite por mais variantes e, principalmente, que desenvolva suas capacidades na variante em que se expressa incorporando nela traços de uma variante padrão de prestígio que eleja em estilos e níveis de formalidade diversos (FILHO, 2015, p. 9).

Em um ponto mais avançado de ensino e aprendizagem devemos reforçar o papel múltiplo da língua. As coisas mais óbvias e simples podem e devem ser instrumentos para que o falante avance em situações comuns do cotidiano, sendo assim integrado de maneira plena. Um comportamento robótico não é o ideal. Mesmo sabendo uma vertente da língua, suas mudanças de estilo devem ser frisadas.

Alkimim (2010, p. 37) abre esse leque e reforça que se aprende a falar na convivência, mas, mais ainda do que isso, aprendemos quando devemos falar de um certo modo e quando devemos falar de outro. Os indivíduos que integram uma comunidade precisam saber quando devem mudar de uma variedade para outra.

No caso dos imigrantes haitianos, existem casos em todo o País de pessoas comuns fazendo essa tarefa de ensinar formalmente a língua, como também órgãos oficiais, ligados à secretarias de educação e universidades, que também viram na oportunidade uma forma de estimular pesquisas internas e formação de projetos de extensão.

Em Mato Grosso do Sul, mais especificamente em Campo Grande, esses dois tipos de casos existem, e também uma terceira via, que é a do próprio imigrante, mais antigo na

cidade, ensinando para os que chegam. Um exemplo é a reunião em sábados no próprio Bairro Rita Vieira em que em determinados momentos, profissionais são levados para falar de assuntos, como empreendedorismo, em língua portuguesa.

Pelo Governo do Estado de Mato Grosso do Sul, por meio da Secretaria de Educação, também foram disponibilizadas vagas em cursos de língua portuguesa para estrangeiros. Professores da própria Rede Estadual de Ensino ministravam as aulas, em uma escola próxima ao bairro, facilitando assim o deslocamento e o acesso às aulas.

Na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), por meio do Núcleo de Ensino e Pesquisa em Português para Estrangeiros (NEPPE) é oferecido um curso de Língua portuguesa como Língua de Acolhimento dá para refugiados e imigrantes em situação de vulnerabilidade.

Tal modo de ensinar, a oportunidade que se tem de fazer, ou mesmo por qual via se dá esse ensino, permite algo que para nós acaba sendo corriqueiro, que é o uso da língua. Problematicando o conhecimento cria-se também uma nova chance de reflexão.

**Figura 7 – Modelo de material utilizado para o ensino do português para imigrantes**

**SAUDAÇÕES**



Olá! Oi! E aí?

Tudo bem? Tudo bom? Como vai? (Muito) Prazer!

Bom dia! Boa Tarde! Boa Noite!

Até mais (tarde)! Até amanhã! Até logo! Bom fim de semana!

Tchau! Tô indo! Fui!

**VERBO SER**

|           |       |   |
|-----------|-------|---|
| EU        | SOU   | <b>O verbo SER é usado para se falar de:</b><br>nome<br>nacionalidade<br>profissão<br>condições atuais físicas ou psicológicas<br>localização no tempo ou no espaço |
| VOCÊ      | É     |   |
| ELE/ELA   | É     |   |
| A GENTE   | É     |   |
| NÓS       | SOMOS |   |
| VOCÊS     | SÃO   |   |
| ELES/ELAS | SÃO   |   |

Eu sou Maria. Meu nome é Maria.  
 Ele é brasileiro. Ele é do Brasil.  
 Nós somos engenheiros.  
 Eles são casados. (altos, felizes)  
 A festa é hoje. A festa é aqui.

Ativa

Fonte: Universidade Federal de Juiz de Fora – Curso de Letras

## 4. ANÁLISE DAS ENTREVISTAS: A LÍNGUA FALADA PELOS HAITIANOS

### 4.1 As entrevistas

Ao colocarmos como tema central dessa dissertação a análise sociolinguística sobre a fala de imigrantes haitianos em Campo Grande – MS, seguimos a máxima imparcialidade possível dentro das escolhas para compor o *corpus* que é objeto da análise. Por mais que tenhamos já um contato estabelecido com as questões envolvendo imigrações em Campo Grande, e acompanhando de perto o caso dos haitianos, os selecionados foram escolhidos não por grau de conhecimento ou proximidade, sempre respeitando os recortes teóricos propostos.

Oliveira (2010, p. 24) lembra que a organização deve ser o lema chave para o pesquisador. Devido à grande quantidade de informações a que ele tem acesso, e a necessidade de triangular esses dados, a organização é crucial para o bom desempenho.

Nas análises procuramos olhar os dados disponíveis conforme níveis de variação fonético/fonológica, morfossintática, semântica e lexical, ocorridas dentro do processo de produção oral de cada entrevistado, alinhado também com a análise sociolinguística. Em alguns momentos o mesmo modelo de análise pode acontecer dentro de um ou outro nível da variação, o que podemos considerar comum dentro da oralidade.

Nas palavras de Silva (2003, p. 124) uma vez que se sabe quantos, como e onde procurar os falantes, inicia-se a pesquisa, que precisa estar bem definida, bem planejada. Mesmo que o seja, sempre haverá imprevistos, aspectos insuspeitos que surgirão no decorrer do trabalho, dificuldades de toda sorte. É necessário ter um arcabouço firmemente delineado, mas, ao mesmo tempo, amplo “jogo de cintura”. Serão, pois, previstos, nos mínimos detalhes, todos os passos subsequentes para evitar hesitações frente ao falante.

À medida que se colhem os depoimentos, vão sendo levantadas e organizadas as informações relativas ao objeto da investigação e, dependendo do volume e da qualidade delas, o material de análise torna-se cada vez mais consistente e denso, diz Duarte (2002, p. 144).

É importante reforçarmos essa visão colocada para que possamos sempre olhar para os dados não estabelecendo julgamentos, mas como algo real e latente de um determinado grupo de falantes, que se moldara, ao seu tempo e modo, a um determinado contexto linguístico, nesse caso, totalmente novo para eles.

Bagno e Rangel relembram que

O reconhecimento da natureza essencialmente heterogênea, variável e mutante das línguas humanas ainda não ganhou o senso comum, e o imaginário linguístico que vigora na sociedade se estrutura em torno de uma noção estática de língua, sempre encarada como o modelo de “pureza” e “correção” cristalizado na obra dos grandes escritores e descrito-prescrito nos compêndios gramaticais normativos. Nesse conjunto de crenças, o que se entende por “língua” é uma entidade homogênea, monolítica, não só exterior ao indivíduo, mas que necessita, inclusive, de ser “protegida” do “mau uso” ou do “abuso” que esse mesmo indivíduo possa vir a “cometer” contra ela. A variação, quando reconhecida, é simplesmente sinônimo de “erro” (2005, p. 72).

O que em certos momentos, principalmente nos iniciais de cada entrevista, notamos foi o policiamento da fala de cada entrevistado, para uma posterior e melhor fluência nas respostas das questões.

O exemplo de Silva (2016, p. 10), mesmo não sendo direto sobre o Haiti, pode nos ajudar a compreender ao menos uma porção disso, quando a autora diz que no caso particular da realidade francesa, será necessário um trabalho de valorização da LP (e desmistificação de preconceitos que são, frequentemente, associados aos seus falantes) e da própria competência bilíngue ou plurilíngue, junto dos aprendentes, dos agregados familiares e das comunidades em que se inserem. Neste ponto, é importante, por um lado, que os docentes tenham o cuidado de selecionar materiais didáticos e formas de discursos que não contribuam para a validação de estereótipos pré-existentes e, por outro lado, que procurem transmitir uma imagem atual, heterogênea e englobante da realidade dos países de língua oficial portuguesa.

Outro ponto relevante para essa detecção inicial é o fato do entrevistado estar diante de um falante nativo da língua portuguesa, e sua vontade de “acertar” ao máximo o coloque em um modo de amplo cuidado ao falar. Cabe a nós, como foi feito, respeitarmos

o entrevistado e fazer o máximo para que ele se sinta à vontade, fazendo valer o sentido que

Esse respeito à diferença não concerne apenas os falantes brasileiros de outras línguas, mas também os falantes de variedades do português brasileiro tradicionalmente estigmatizados por causa das regras características de seu modo de falar. Como se sabe, o preconceito lançado sobre essas variedades é, essencialmente, a transferência, para o plano linguístico, de preconceitos que são, no fundo, sociais. Se uma pessoa é pobre, se tem origem rural, se não tem educação formal, se provém de uma região considerada atrasada, sua maneira de falar a língua será considerada (como suposta decorrência “natural” desses fatos) “pobre”, “tosca”, “inculta”, “atrasada” etc. 78

#### 4.1.2 A metodologia de pesquisa

Redigir uma pesquisa científica tem seus percalços e dificuldades que se avultam conforme o caminho escolhido. Podemos denominar esse caminho como o método escolhido pelo pesquisador para chegar aos seus dados, que serão apresentados no trabalho final, ou que servirão de base para o mesmo. Neste caso, da pesquisa participante, onde o autor precisa interagir com a população estudada, mas não precisa realizar ações para interferir na realidade, proporcionando o conhecimento mais amplo possível do grupo por ele, foi como se norteou o trabalho.

Como sabemos a Sociolinguística Variacionista, que ancora este trabalho, estuda a língua, de uma determinada comunidade, de forma a perceber de antemão sua heterogeneidade, ou seja, a língua sendo falada não de forma igual, mas diferente por membros daquela comunidade pesquisada. Crer-se que “nenhum indivíduo na verdade fala uma língua, nem o espanhol, nem o português, nem o inglês. Todos nós falamos uma variação dessas línguas” (MOURA, 2007, p. 14).

Temos que levar em consideração o fato da língua falada ser algo abstrato que, diferentemente de um processo físico palpável, temos mais dificuldades e complexidades no trajeto em que coletamos os dados e mensuramos os resultados.

Outro ponto a ser considerado é o fato de que a coleta de dados quase nunca conseguir abraçar a todos os membros de uma mesma comunidade, por isso, há decisões de como esses dados serão coletados, quantidade de falantes a serem analisados e a sua

seleção. Portanto teremos uma amostra seletiva da fala da comunidade que está sendo estudada, um resultado aproximado.

A linguagem pouco se presta à experimentação, já que só se manifesta na espécie humana, que é dificilmente manipulável para fins de pesquisa. (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p.117).

Colocando em prática o método aleatório simples, vemos que cada indivíduo da comunidade em questão tem a probabilidade de ser escolhido como *corpus* da pesquisa (OLIVEIRA E SILVA, 2003, p. 120). Temos também a possibilidade de uma coleta de dados aleatória estratificada, onde o grupo é dividido por células e mensurados conforme padrões similares, com as mesmas características sociais. Essas interações podem se dar, por exemplo, por meio de entrevistas, interações livres e testes. Enquetes, questionários postais, eletrônicos e presenciais, como apontados por Campoy (2005, p. 119), também são possíveis.

Mesmo com todo esse aparato de possibilidades não podemos nos esquecer que essas situações envolvem também perfis tecnológicos que podem exigir um preparo técnico anterior a coleta do material, e que também podem influenciar nos dados coletados, devendo ser observado pelo entrevistador, para que a fala do cotidiano, alvo da pesquisa sociolinguística, não seja substituída por uma fala artificial, uma vez que

Para a sociolinguística, o social não pode estar separado da língua. Há, além dos linguísticos, fatores externos à língua que a influenciam. Assim, reforçamos a importância do contato prévio com a comunidade de fala para se obter informações não só linguísticas, mas também sociais e culturais de cada indivíduo. (SANTOS, 2009, p. 70).

Para delinear a pesquisa, neste caso, foi utilizada como técnica principal a entrevista, por meio de formulário previamente definido e fatores já determinado na aplicação ao *corpus*.

La sociolingüística pone a disposición del investigador una serie de técnicas – entrevista, cuestionarios y tests lingüísticos– cuya utilización depende directamente de los fines de la investigación. (Barbero, 2009, p.155).

Como já é de conhecimento prévio o local de moradia do grupo a constituir o *corpus* da pesquisa, mais precisamente a região do bairro Rita Vieira, na cidade de Campo Grande (MS), contatos pessoais, por interações em eventos relacionados, se deu a abordagem *in loco*, e em alguns casos, após aceite, horário e locais acordados, como a residência do entrevistado, que possibilitaram ainda mais o objetivo da pesquisa.

**Quadro 3 – Fatores utilizados no projeto de pesquisa**

| Fatores              |                           |
|----------------------|---------------------------|
| Gênero               | Masculino / Feminino      |
| Tempo como imigrante | Desde de 2014 no Brasil   |
| Faixa etária         | Faixa única (18-45 anos)  |
| Escolaridade         | Até Ensino Médio Completo |

O pesquisador realizou a coleta de dados separadamente, a fim de qualquer um dos integrantes da pesquisa pudesse ficar à vontade em suas respostas, conforme as perguntas do questionário formulado. Ainda mesmo que dentro de um roteiro firmado anteriormente foi possível uma interação mais profunda com o mundo do informante, de maneira a deixarem perceptíveis, mesmo que sendo difícil sua exemplificação aqui, seus gestos, sentimentos e comportamentos.

Os fatores utilizados na pesquisa foram previamente pensados levando em conta o número de haitianos na cidade. Não há dados de institutos oficiais de pesquisa ou de controle, como o IBGE ou Polícia Federal, quanto ao número atual de imigrantes haitianos na Capital sul-mato-grossense.

Dados obtidos a partir de um levantamento do Centro de Defesa de Direitos Humanos, da Secretaria de Estado de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho de MS, apontam para em torno de 80 a 100 imigrantes na cidade. Mesmo em conversas informais os próprios haitianos dizem que esse número muda muito rapidamente em semanas ou meses, dependendo da oferta de trabalho na região.

Os imigrantes exemplificaram a região sul de Mato Grosso do Sul também com imigrantes, cerca de 200, devido a atividade frigorífica e a região do município de Três

Lagoas, no leste do estado, com cerca de 350, por causa das fábricas de celulose e da construção civil.

Sendo assim, para Campo Grande, um corpus formado com três pessoas, sendo dois homens e uma mulher, com idade entre 18 e 45 anos, que tenham no máximo o Ensino Médio, ou equivalente no Haiti, mostrou-se adequado dentro do princípio da razoabilidade e assegurando a qualidade da pesquisa e dos dados coletados.

Ao se interessar pelo estudo da língua dentro do contexto social da comunidade de fala, a Sociolinguística Variacionista não só a vê como um fator importante na identificação e na demarcação de diferenças sociais na comunidade, como também sugere um modelo que analisa o uso variável dos fenômenos e a interferência dos condicionamentos linguísticos e sociais, proporcionando descrições mais adequadas da língua em uso pelos falantes (LABOV, 2008).

Uma vez, mesmo considerando a pesquisa apta e sem situações embaraçosas, e não contendo elementos que pudessem depreciar ou colocar em risco a integridade física, moral ou intelectual do informante, identificaremos os informantes como i1; i2 e i3. Nos anexos será possível acessar as iniciais dos nomes de cada um.

Mantendo o cunho científico do trabalho, cujos dados serão apresentados nas próximas páginas, buscou-se também por critério pessoas que nasceram no Haiti e por lá permaneceram, mesmo que depois de um certo período tenham visitado outros países, em busca de condições mais favoráveis de vida ou até mesmo pela sobrevivência.

#### **4.2 – Variação Fonético-fonológica**

Temos na Fonética e na Fonologia duas áreas ligadas, utilizando do articulatório, e assim sendo possível verificar as unidades distintivas de uma língua, cabendo mais a fonologia tratar da forma de expressão. Dentro da variação podemos observar o acréscimo, decréscimo, ou até a substituição de algum fonema, caracterizando assim a forma como ocorreu esse processo.

### 4.2.1 Monotongação

Inibição das semivogais [w] e [y], representadas na escrita pelas letras /u/ e /i/.

(i1)

# ... eu sô...

# ...como no meu trabalho como eu sô professor né eu...

# ...como eu tô agora na área....

# ... no tem isso em otros estados...

(i2)

#... você chego cedo hoje...

# Pla mim é uma cosa boa...

#... eu acho muto difícil...

(i3)

#... eu chegue um mês alí...

#... aí ele chego lá tava...

#... desafio que passo...

### 4.2.2 – Processo de ditongação

Acréscimo da semivogal.

(i1)

#...entedeu “e ai rapaiz beleza”...

#... Rapaiz... é eu acho que eu sou...

# ... muitas pessoas apoiam nois...

(i2)

#... Campo Grande faiz...

#... Pra nós é o arroiz junto com feijão...

#... toda veiz que pergunta...

(i3)

#... país po treis motivu...

#... somente fala potugueis...

#### 4.2.3 – A terminação *-ndo* no gerúndio e conjunções

Não inserção da oclusiva dental /d/, principalmente no gerúndio e em algumas conjunções. Fonema /d/ pelo fonema /n/.

(i1)

# (não encontrado)

(i2)

# (não encontrado)

(i3)

#... eu tava estudano...

#### 4.2.4 – A preposição *para*

*Para*, *pra* e *pa* puderam ser constatadas, formando três variantes

(i1)

#... todo mundo *para pra* te explicar.

#... *po exemplo pa* eu ingressar...

# *Mais face pa* aprende é crioule...

# ... *pra i* agora no ensino médio você precisa fazer a prova nacional...

# Segundo o que ele falou *pra mi* naquele momento...

(i2)

#... meu amigo me chamou *pra vim* aqui...

#... tem possibilidade *pra entra* na faculdade...

#... tem *aura pra* haitianos aqui...

(i3)

#... eu fale eu vim *pra*...

#... paga *passage pra* você...

#... meio *pra i* a escola...

#### 4.2.5 – Modificação das vogais

Não utilização das vogais /e/ e /o/ em preferência pelas vogais /i/ e /u/

(i1)

#... Não, cumigo não...

#... da UFMIS...

#... tantas pissoas...

(i2)

#... Lá nos qué a cumida...

#... só fiquei cume pão, pão...

#... não consigui entede...

#... eu num consigu...

(i3)

#... primero anu ensinu médio...

#... pá chega nu horário...

#... todo meu documentu...

#### 4.2.6 – O imperativo

Normalmente os imperativos em /e/ trocados pela vogal /a/.

(i1)

#... Olha eu gosto muito área de comunicação...

#...Olha quando a ouvir falar de um tal lugar...

(i2)

# (não encontrado)

(i3)

# (não encontrado)

#### 4.2.7 – A vocalização do /lh/

Substituição do som do /lh/ por /i/

(i1)

# (não encontrado)

(i2)

#... eu já trabaia na escora...

#... você já trabaia lá na escola...

(i3)

##... trabaia na fazenda...

##... poque nunca dá trabaio pa ele...

#### 4.2.8 – Supressão do /r/ pós-vocálico

Principalmente nos verbos no infinitivo e em palavras terminadas em /r/.

(i1)

# ...eu sou aplicadô...

# ...então eu tive a oportunidade de trabalhá na área da construção civil...

# ...Você precisa entendê...

#...pode participa...

#...vai pode vota participa na questão política...

(i2)

#... Imitá?

#... tem que aprende a farar essa língua...

#... Aqui a gente gosta brinca com biscate (risos)...

#... né pra pude estuda né...

(i3)

#... na vedade...

#... poque tipo assí...

#... Qualquerê luga...  
 #... otenta po cento...

#### 4.2.9 – Substituição das terminações – /ão/, /am/ e /om/ e pela /um/.

Nota-se essa substituição do final em:

(i1)  
 #... tá cum medo de responde...  
 #... que a genti não... num... pode participa...  
 #... taum linda, taum bonita, taum...  
 #... saum acadêmicos...

(i2)  
 #... tem gente que é muto legal cum você  
 #... eu naum (risos)... ainda naum...

(i3)  
 #... dexo abliu potaum eu entlei...  
 #... pessoas taum falanu...  
 #... vive bastante cum campu-gandense...

#### 4.2.10 – A variação da partícula negativa não e sim

De várias formas as partículas foram retratadas.

(i1)  
 #... fisicamente naum...  
 #... pessoas que naum gostam tem preconceitos...  
 #... mas si...  
 # Si. Cada um é cada um.  
 #... mas o português é si um pouco mais dura...

(i2)

#... mas num tenho medu naum..

#... pra passeia... si...(risos)...

#... é diferente si...

(i3)

#... tipo assí eu naum teo...

#... naum tem senal...

#... Sí. Foi legal as pessoas qui nu começu...

#### 4.2.11 – Outras observações

Houve outras ocorrências, porém com menor intensidade, sendo usadas em sua maioria pelos falantes de forma isolada, uma característica particular.

(i1)

#... fu, fu, fu... passa pra outro... fu, fu, fu...

#... ae pega um verbo...

(i2)

#... goste fale só um água...(risos)...

(i3)

#... Sí. Sí. Sí. Qualqué...

### 4.3 – Variação Morfossintática

É dada quando o falante, na formação dos períodos, varia quanto à maneira de construção e palavras empregas, como nos casos de concordância verbal e nominal.

#### 4.3.1 – Concordância verbal

Como comumente encontrado também entre os falantes nativos da língua portuguesa, em várias situações com os imigrantes haitianos, essa concordância não foi empregada, cabendo a apenas algum elemento da frase fazer a marcação.

(i1)

#... que eles precisem...

# Eu falar o português...

# ... mas assi teve alguns abusos no trabalho...

(i2)

#... Não tudus não fala iguais...

#... só fiquei cume pão, pão...

(i3)

#... eu tenho... bastante, várias,...

#... tem as pessoa que usa a gira...

#### 4.4 – Variação Semântica

Quando há mudança no significado de um termo, acontece a variação semântica, ou seja, determinada palavra usada em um sentido diferente.

(i1)

#... eu acho que eles vem a ser um poco mais fechado...

Conforme o dicionário on-line Michaelis, fechado significa: Que se encontra em local protegido; encerrado, guardado, recolhido: “O ditador permaneceu fechado por 10 dias, enquanto seu exército combatia os rebeldes”. (i1) poderia ter usado introvertido para exemplificar sua fala.

(i2)

#... Sim, todo mundo.... todo dia... “a biscate você caiu da cama, você chego cedo hoje” (risos).

Ainda conforme o dicionário on-line Michaelis a palavra biscate equivale também a “mulher de vida sexual promíscua, prostituta ou não: Ficou desapontado quando soube que a namorada era uma biscate”. Nesse caso a informante utiliza a palavra em um sentido mais ameno, informalmente.

(i3)

#... eu entlei na sétimo anus...

Conforme o Dicio, dicionário on-line, “anatomia. Orifício, situado na extremidade do reto, através do qual são expelidos os excrementos. O informante pode ser confundido em uma interpretação na pronúncia ao se referir ao vocábulo ano, usando a palavra similar sonoramente, mas que se refere a uma parte do corpo humano.

#### 4.5 – Variação Lexical

Quando da utilização de uma ação com termos diferentes aos habituais.

(i1)

#... Então, essa cunha eles passam pra todo né junto tomando então eu acho isso muito estranho...

A cunha, como conhecemos em Mato Grosso do Sul para tomar a bebida tereré, tem outro valor para o informante, algo como um canudo de refrigerante.

(i2)

#... O que é vida escolar? Sua escolarização.

A informante solicita uma explicação do termo vida escolar, durante a entrevista. Os anos que os haitianos permanecem na escola são lembrados por eles pelos períodos, como a creche, e não com um sentido completo, de acúmulo, como se pôde perceber.

(i3)

#...eu era escrivão lá no Haiti...

De maneira geral entendemos, em um primeiro momento, a palavra escrivão se referindo há algo do meio policial. No caso o informante usa escrivão como para nós seria uma espécie de secretário ou agente administrativo que lida com papéis.

## 5. OS INFORMANTES E A LÍNGUA PORTUGUESA

No caso do informante 1, denominado (i1), a língua mais fácil para aprender é sua língua, o crioulo haitiano. Ele explica que no crioulo há uma forma mais fácil, por exemplo, de conjugar verbos sem muitas mudanças, o que acaba sendo mais fácil para o aprendiz.

*“Mais face pa aprende é crioule, e mas difícil é português. **Por quê?** Eu vou te da um exemplo muito claro. Se você for conjugar um verbo na língua portuguesa, poder, um exemplo, ae você pega os pronomes pessoais... eu posso, você pode, ele/ela pode, nós podemos, vocês podem... viu que tem mudança tanto na raiz da palavra e na desinência... posso, pode, podemos... ae pega um verbo é comer, por exemplo... mange na língua crioule... você pega os pronomes pessoais, você vai... mange... que dize no verbo não muda nada... somente nos pronomes pessoais... o verbo fica do mesmo jeito... ae é mais fácil... tanto no passado o verbo não muda... o verbo fica do mesmo jeito”.*

A informante 2, (i2), deixa transparecer que na fala está o maior problema para ela em relação à língua, sem entrar em fatores gramaticais.

*“Eu naum acho feo, mas eu acho muto difícil poque quando a gente vai fala “um cao, cao, claro”... (risos)... é difícil né, carro, claro... viu?... eu num consigo... (risos)... (confusão)... mas como. Porque eu quero estudar. Eu naum possu estudar em francês... aqui fala só uma língua... naum... e na faculdade fala potugues... tem que aprende a farar essa língua pra mim pode estudar... entendeu?”.*

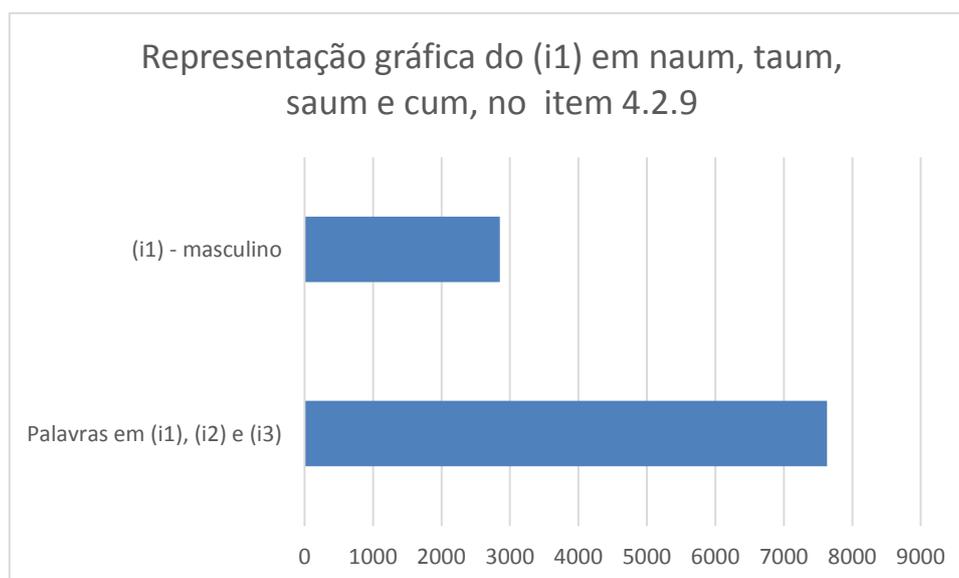
Em (i3) vemos a relação do aprendizado da língua portuguesa para obtenção de avanços em terras brasileiras.

*“Pá fala potugues tem mais motivu... plimelamente a gente ta num sociedade difelente é somente fala potugueis... e mais pá cresce mais vida pá se melho tem que apende potugueis... po estudu.. pa faculdade.. po glande desafio... pa meliora vida tem que...”*

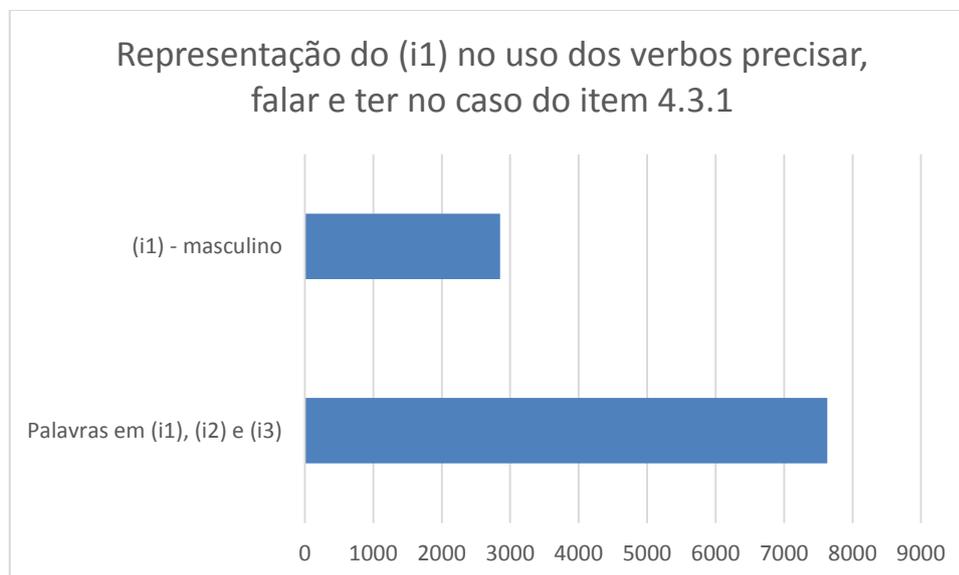
Assim Silva (2016, p. 11) diz que a diversidade de fatores que vai influenciar o contexto sociolinguístico de cada aprendiz é, efetivamente, tão ampla, que os conceitos de língua segunda e de língua estrangeira parecem demasiado simplificadores e, por vezes, mesmo desadequados. Neste sentido, parece importante pensar um novo sistema de classificação, que tenha em conta as características individuais dos aprendizes (2016, p. 8).

Colocando a abordagem de cada informante nesta pesquisa, Bagno e Rangel (2005, p.73), apontam que também é preciso encontrar modos que possibilitem um tratamento consistente dos fenômenos da mudança linguística, a fim de mostrar que a língua está constantemente em transformação, que essa tendência à mudança é da própria natureza das línguas humanas. Essa abordagem não deve se limitar a fatos diacrônicos, mas contemplar também fatos de variação sincrônica que apontam para uma provável mudança futura. Deve igualmente levar à conscientização de que a mudança não é para pior nem para melhor, mas que é simplesmente mudança, adequação do sistema linguístico às necessidades de interação social dos falantes, necessidades que se modificam ao longo da história. Igualmente conveniente é dissipar a noção corriqueira de que a mudança representa um “empobrecimento” da língua.

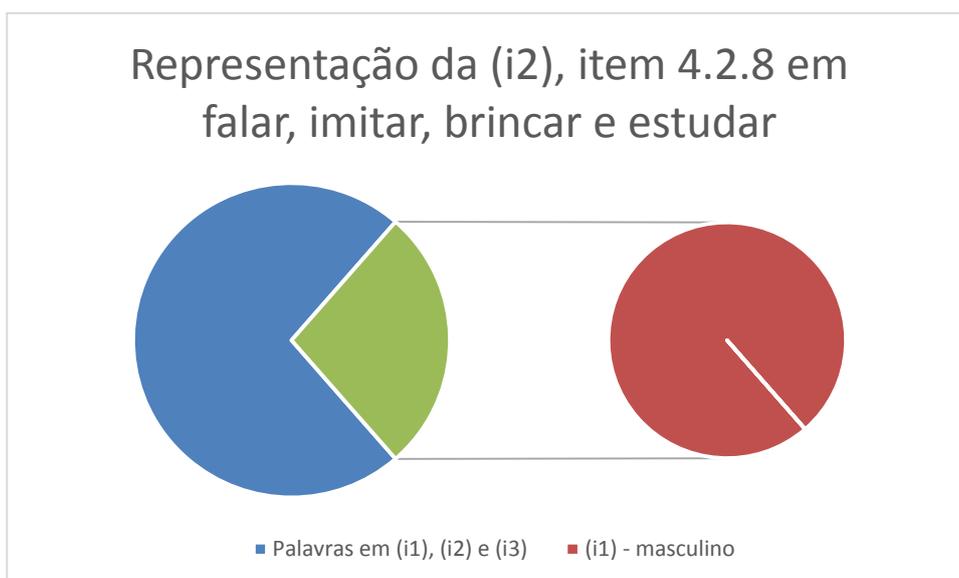
Neste ponto podemos então observar alguns aspectos das entrevistas, mais de perto. A entrevista transcrita do denominado (i1) resultou em mais de 2.850 palavras, sendo que dessas, por exemplo, no caso da substituição das terminações – /ão/, /am/ e /om/ e pela /um/, como em *naum*, *taum*, *saum* e *cum*, observamos 18 casos pontuais específicos, como podemos melhor observar no gráfico do quadro a seguir.

**Quadro 4: Representação gráfica do (i1) no item 4.2.9**

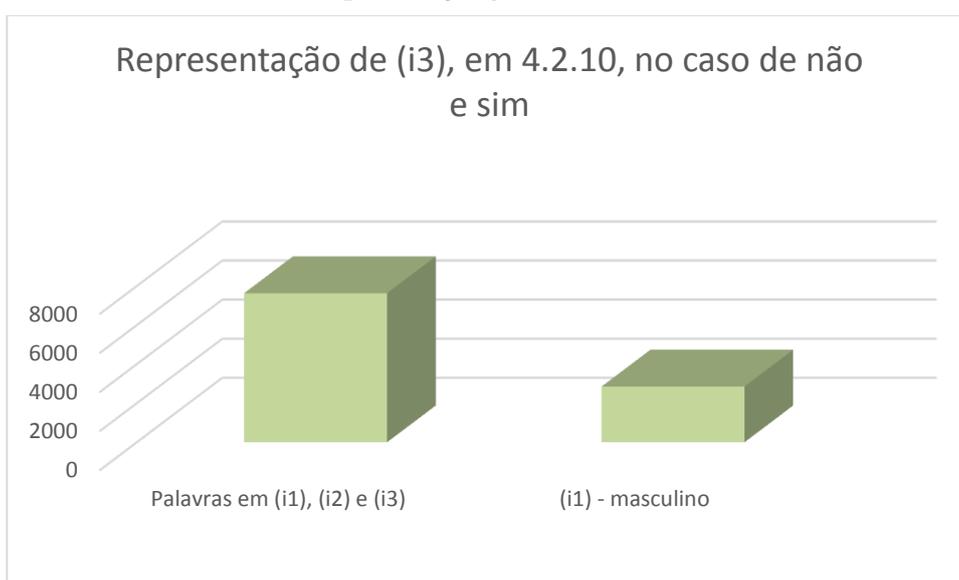
Ainda no (i1) vemos que no item 4.3.1 – concordância verbal, temos um caso recorrente até dos falantes nativos da língua portuguesa. Na ocasião registramos nos verbos precisar, falar e ter, 13 casos de variação no uso dos mesmos.

**Quadro 5: Representação gráfica do (i1) no item 4.3.1**

No caso da (i2) vemos que no item 4.2.8 – supressão do /r/ pós-vocálico principalmente nos verbos no infinitivo e em palavras terminadas em /r/, observamos na transcrição da entrevista, com mais de 2.180 palavras, o total de 48 casos em referência ao uso de falar, imitar, brincar e estudar.

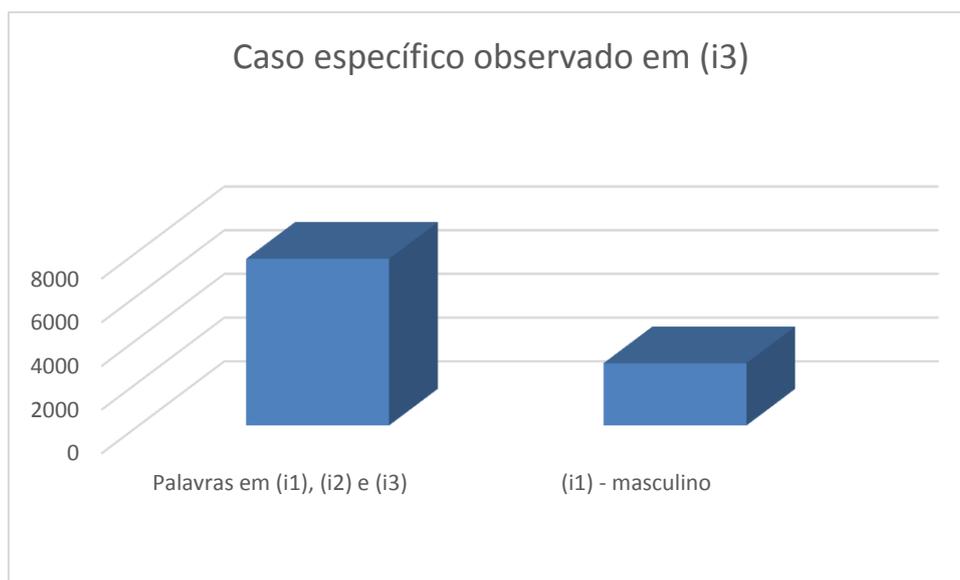
**Quadro 6: Representação gráfica da (i2) no item 4.2.8**

Em (i3) a transcrição da entrevista coletada resultou em mais de 2.600 palavras, sendo que no caso do informante uma particularidade observada, sendo esta uma observação própria do pesquisador, foi a colocação de palavras como observadas em 4.5, variação lexical, não observadas em (i1) e (i2), mostrando uma forma peculiar, em casos específicos, do uso da língua portuguesa. Ainda podemos ver na mesma análise do (i3) em 4.2.10, quando variação da partícula negativa não e sim, 21 casos.

**Quadro 7: Representação gráfica do (i3) no item 4.2.10**

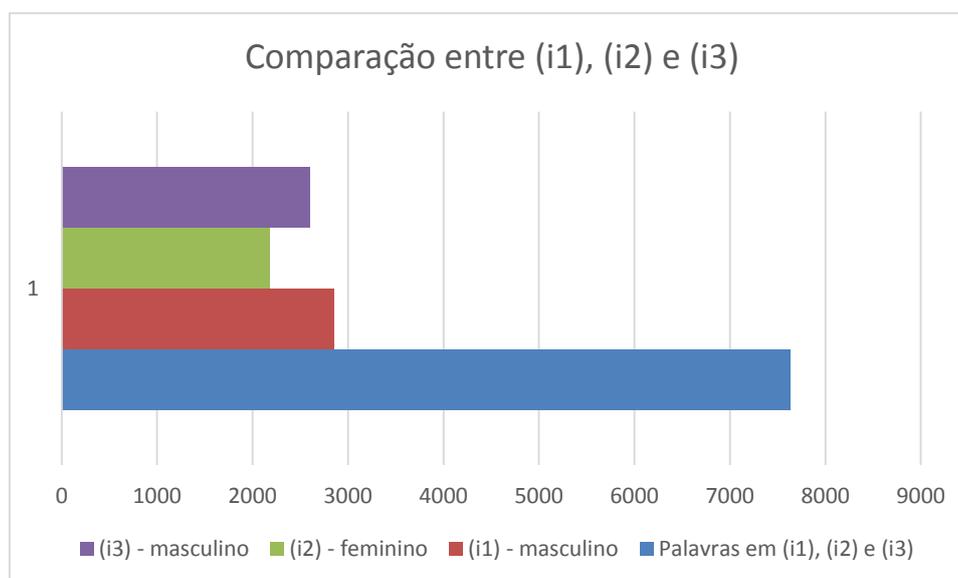
Uma observação ainda em (i3) que podemos considerar pelo fato comum mais observador ser o inverso de /l/ por /r/ vemos uma constância em /r/ por /l/. Freitag (2011) lembra que apesar da semelhança do ponto de vista articulatório, as consoantes /l/ e /r/ constituem fonemas distintos no português, uma vez que podem contrastar em ambiente idêntico.

**Quadro 8: Observação específica em (i3)**



Quando unimos o total de palavras transcritas vemos o total de 7.630 nos três informantes, sendo que o (i1) e (i3), ambos do sexo masculino, estão a frente de (i2) em quase 30% a mais, mesmo considerando o mesmo questionário de perguntas para todos.

**Quadro 9: Observação comparativa entre (i1), (i2) e (i3)**



Distante de fazermos aqui uma análise pura e detalhada de aspectos gramaticais, fonético-fonológicos, ou ainda outros padrões que sejam, as observações colocadas são importantes visando que o modo de fala desses imigrantes observados já representam os aspectos das variações da língua portuguesa, sejam eles em cunho de caráter por esses serem aprendizes, ou ainda de absorção da realidade cotidiana na qual esses estão inseridos.

Esse fato se torna interessante, pois analisamos que mesmo os informantes admitindo a frequência em aulas regulares de língua portuguesa, onde certamente aspectos de cunho gramaticais são abordados, vemos um posicionamento social perante a língua, ou seja, de adaptação regular ao que se tem em concorrência com o que se conhece.

De forma evidente temos a convicção de que uma análise rápida, com a aplicação de questionário, ainda pode ser mínima para obtermos uma resposta mais profunda em relação ao uso da língua, em um cenário mais fiel. Mas não podemos, de maneira nenhuma, desconsiderar as ações já observadas, com os dados apresentados, como uma forma clara, nem que tomemos por pontual, de como esses imigrantes estão se colocando frente à nossa língua nativa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais do que apenas uma série de dados, uma nova visão ou ainda um novo recorte da sociedade, o andamento desta dissertação nos mostrou o quanto as pessoas podem ser iguais, independentemente de sua nacionalidade, e ao mesmo tempo tão diferente de nós, que muitas vezes ficamos com o pensamento reservado em um pequeno círculo de convivência, seja ele no trabalho, com amigos, ou em pontos da cidade.

A análise sociolinguística, inspirada em teóricos da área, baseou a abordagem da dissertação, como forma de delinear um campo de atuação e compreensão desses fenômenos detectados.

Traçamos metas para alcançarmos os objetivos propostos desde o começo da pesquisa. Muitas delas sofreram, de alguma forma, alterações que ainda assim não prejudicaram o todo da pesquisa e seu cronograma. Adequações sempre são necessárias, ainda mais quando envolvemos aspectos da participação humana na pesquisa.

Fazermos uma retrospectiva introdutória da história linguística foi muito pertinente para olharmos como um todo processos antes despercebidos. Os quão valorosos homens dedicaram muito tempo de suas vidas investido em posições para que hoje tivéssemos no que nos apoiarmos e sustentarmos novas bases para avançarmos em um futuro promissor.

Retratar a história do povo haitiano também foi de um todo gratificante. Muitas vezes só temos a perspectiva da mídia em nossas mentes. Por mais que saibamos que diversas outras vertentes de um País podem ser exploradas, nos contentamos em avaliar aquilo que nos é dado.

As leituras conduzidas nessa dissertação foram enriquecedoras. Muitas coisas ainda em construção em nossa mente, após a graduação, se solidificaram. Mas também temos que deixar registrados que outras só se responderão em um futuro, quiçá em um novo passo mais profundo de estudo sobre esse tema.

Resgatar um pouco do período histórico desse povo mostrou o quão bravos são mesmo vivendo períodos complicados em sua história, como escravidão, ditaduras e

dificuldade econômicas que fazem com que até hoje muitos deles ainda busquem melhores condições de vida. Talvez, interiormente, esse também seja um dos motivos em retratar esse povo neste trabalho.

Vir para o Brasil em busca de oportunidades não deve ter sido fácil para eles. Não que tenham reclamado do fato em algum momento de nossa convivência, mas é notório o quão bem eles falam de sua terra natal, o que deixa transparecer o tom de saudade. Defensores também de sua soberania, frisam que os problemas lá existem, mas não são motivo de se entregarem, ou melhor ainda, formam uma motivação para novos horizontes que tragam benefícios reais aos seu povo.

Temos ainda que nos atentarmos para uma outra vertente de nossa sociedade que insiste em, por muitas vezes, agir preconceituosamente com quem tem um falar diferente, fugindo do padrão estipulado. Esses, que agem com preconceito, não levam em conta que muitas vezes a pessoa que se utiliza de determinado modo de fala não teve acesso à educação escolar em tempo adequado, ou que ainda, por ser muito pobre e estar em situação de vulnerabilidade social, teve que abandonar os estudos para ajudar em casa, tanto financeiramente ou com afazeres, cuidando de outros irmãos.

A realidade em si sempre é muito mais complicada do que se pinta. Não vemos o que outras pessoas passam para alcançarem determinadas posições, muitas vezes exigidas pela sociedade.

No caso dos haitianos, pudemos ver de perto o quanto esse povo luta e trabalha em sua nova terra, Campo Grande. Não estão aqui a passeio. Acordam cedo, vão ao trabalho, se engajam politicamente, buscam novos conhecimentos e querem sempre estar dispostos a ajudar.

Muitos deles, no caso dessa dissertação, abriram mão de tempo livre para ajudar a colocar um pequeno grão na história linguística, e não mediram esforços para que tudo o que fosse necessário, estivesse aqui contado, no que dependesse deles.

O fato de ainda serem aprendizes da língua portuguesa não os colocam em situação de menores em nossa sociedade. Muitos têm sim dificuldades de acesso à língua, mas o que não os impede de prosseguirem.

Dados revelados aqui mostram claramente que, no geral, existe sim dificuldade com a língua portuguesa. Dificuldades como as colocadas, nas áreas fonética/fonológica, morfológica, lexical e sintática, mas que de maneira nenhuma os travam em uma constante de crescimento.

Não seria demais concluirmos que a maneira como os imigrantes haitianos estão adquirindo essa língua portuguesa, em Campo Grande, é satisfatória. Isso porque é sensível a nós notarmos que apenas em poucos anos, uma produção oral é percebida. De forma linear eles colocam suas ideias e vão, pouco a pouco, dando sentido a elas.

Os imigrantes haitianos também abraçaram a cultura brasileira. Por mais que tenham tido, antes de aqui chegarem, visão do Brasil como País do futebol e do carnaval, conseguiram também se acostumar, pelo menos em parte, ao nosso modelo de vida e até o não tão louvável jeitinho brasileiro.

Questões de cunho particular não foram diretamente abordadas neste trabalho. As perguntas utilizadas foram pensadas de forma a darem um andamento mínimo para o diálogo, como forma de subsidiar, posteriormente a análise sociolinguística propostas. Em nenhum momento, nenhum dos entrevistados, recusou-se a responder ou se sentiu ofendido pelas mesmas.

Normal que os momentos iniciais de cada entrevistas tenham sido mais reservados, mas surpreendentemente, por mais que esperássemos uma desenvoltura maior durante o período das entrevistas, o que se seguiu foi uma conversa bem aberta e tranquila, sem exageros podendo ser comparada a uma boa conversa informal entre amigos.

Procuramos colocar questões que fizessem amplo sentido para os imigrantes haitianos, como a convivência aqui com outros brasileiros, sua história de vida, a vida no Haiti e outros contextos que permitisse com que eles não tivessem grandes dificuldades

para responder. Evitamos perguntas que de algum modo pudessem causar constrangimento para os participantes, deixando claro também que a resposta de qualquer pergunta era facultativa.

O foco educação também foi bastante explorado. Eles puderam contar, orgulhosamente, suas épocas de estudos no Haiti e o que pretendem aqui no Brasil. O trabalho, como podemos compreender muito bem, é prioridade para eles, mas o foco em educação não fica para trás, também ocupando um bom pedaço do tempo que eles têm na semana.

Temos em nós que por mais que o governo brasileiro se esforce, unindo forças federais, estaduais e municipais, sempre haverá lago por fazer em relação a esses imigrantes.

Para nós, acostumados com o dia a dia do Brasil, seus altos e baixos, e condições nem sempre muito favoráveis de vida, pode até não parecer, mas estar em um lugar distante exige muito mais que complementos físicos, contudo o acolhimento emocional e cultural é indispensável.

As reflexões aqui colocadas foram resultado de uma série de esforços. Não foi fácil chegarmos aos dados apresentados, porém uma tarefa que, ao seu término, mostra o quanto se é capaz quando ao nosso lado se tem pessoas que realmente querem contribuir, não somente com uma ação específica em si, mas num todo, num crescimento, passo a passo, de uma sociedade.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, Tânia. M. **“Sociolinguística”**. In: **Introdução à Linguística. Sociolinguística**. FIORIN, José. L. (org.). São Paulo. Contexto. 2010.
- AMADO, Rosane de Sá. **Português Segunda Língua: perspectivas para a pesquisa linguística e o ensino pluri- e intercultural**. Revista PAPIA 22(2), p. 385-398, 2012.
- BAGNO, Marcos. **A Norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira**. São Paulo. Parábola Editorial. 2003.
- BAGNO, Marcos; e RANGEL, Egon de O. **Tarefas da educação linguística no Brasil**. PUC-SP - Rev. Brasileira de Linguística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005
- BARBERO, Luiz. B. **Metodologia Sociolinguística**. Anuario 2003-2004. Disponível em: < <https://uvadoc.uva.es/bitstream/10324/9521/1/ANUARIO-2003.2004-19.20metodologiaSociolinguistica.pdf> > . Acesso em: 03 out. 2017.
- BELINE, Ronald. **“A variação linguística”**. In; **Introdução à Linguística. Objetos teóricos**. FIORIN, José Luiz (org.). São Paulo. Contexto. 2010.
- BIZZOCCHI, Aldo. **A Distância Entre Língua e Dialeto**. Revista Língua Portuguesa, ano 2, n. 14, dez. 2006. Disponível em: < <http://www.aldobizzocchi.com.br/> > . Acesso em: 10 out. 2017
- BURGEILE, Odete; SANTOS, Ednaldo T. **Estratégias Linguísticas para a Aquisição da Língua Portuguesa por um Grupo de Imigrantes Haitianos**. Revista Prolíngua: Volume 10 - Número 2 - jun/jul de 2015.
- CAMPOY, José. M. H. & ALMEIDA, Marcos. **Metodología de la investigación sociolingüística**. Málaga: Editorial Comares, 2005.
- CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Educação. Revista Brasileira de Educação v. 13 n. 37 jan./abr. 2008.
- CASTILHO, Ataliba T. **As letras no ensino e na pesquisa**. PPG Linguística/UFJF – Veredas On Line – Ensino – 2/2007, P. 05-21. (USP/CNPq). Juiz de Fora, 2007.
- CEZARIO, Maria. M; e VORRE, Sebastião. **“Sociolinguística”**. In: **Manual de linguística**. MARTELOTTA, Mário. E. (org.). 1º edição. São Paulo. Contexto, 2009.
- CHAGAS, Paulo. **“A mudança linguística”**. In; **Introdução à Linguística. Objetos teóricos**. FIORIN, José Luiz (org.). São Paulo. Contexto. 2010.
- CONCEIÇÃO, Marinoy. P.; MILENO, Natália C. **Português como segunda língua: crenças e experiências de aprendizes no Brasil**. Revista de Letras Norte@mentos. Revista de Estudos Linguísticos e Literários. Edição 04 – Estudos Linguísticos 2009/02.

DAMKE, Ciro. **Variação Linguística e a Construção do Sujeito**. Anais da Jornada de Estudos Linguísticos e Literários da Unioste. 1998.

DAMKE, Ciro; SAVEDRA, Monica M. G. **Volkslieder (músicas populares alemãs) no sul do Brasil: aspectos linguísticos, socioculturais e identitários**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

DOURADO, Maura Regina; e POSHAR, Heliane A. **A Cultura na Educação Linguística do Português como Língua Estrangeira**. Revista Letra Magna. Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura - Ano 04 n. 06 - 1º Semestre de 2007.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa Qualitativa: Reflexões Sobre o Trabalho de Campo**. Cadernos de Pesquisa, n. 115. PUC Rio. Março de 2002.

MORAIS, Caroline; e PAVIANI, Maria S. N. **Entrevista narrativa: um gênero da pesquisa sociolinguística**. Simpósio Internacional de Estudos de Gêneros Textuais. Caixas do Sul, 2009. Disponível em < <http://docplayer.com.br/18794147-Entrevista-narrativa-um-genero-da-pesquisa-sociolinguistica.html> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica: uma introdução ao estudo da história das línguas**. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. **“Norma – padrão brasileira – Desembaraçando alguns nós”**. In: BAGNO, M. (Org.). *Linguística da Norma*. 2ª Edição. Edições Loyola. São Paulo, 2002.

FILHO, José Carlos. P. A. **O Ensino de Português como Língua Não-Materna: Concepções e Contextos de Ensino**. Museu da Língua Portuguesa. Universidade de Brasília. 2015. Disponível em < <https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/ple-jose-carlos-paes.pdf> >. Acesso em: 10 out. 2017.

FREITAG, Raquel M. **Entre norma e uso, fala e escrita: contribuições da sociolinguística à alfabetização**. ISSUE DOI: 10.3738/1982.2278.542. Disponível em: < [http://www.stellabortoni.com.br/index.php/links/?option=com\\_content&view=article&id=3125:a-sociolinguistica-e-a-alfabetizacao&catid=45:blog&Itemid=1&fontstyle=f-larger](http://www.stellabortoni.com.br/index.php/links/?option=com_content&view=article&id=3125:a-sociolinguistica-e-a-alfabetizacao&catid=45:blog&Itemid=1&fontstyle=f-larger) >. Acesso em: 08 mar. 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. **A Língua Portuguesa no Brasil**. Revista Cienc. Cult. vol.57 no.2 São Paulo Apr./June 2005. Disponível em < [http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000200015](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000200015) >. Acesso em: 01 nov. 2017.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HORA, Dermeval. **Estudos sociolinguísticos: perfil de uma comunidade**. UFPB. 2004

HOUAISS, Antônio. **O Português no Brasil**. Rio de Janeiro, Revan, 1992.

KARIM, Jocineide M. **A variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT.** Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual Paulista Faculdade de Ciências e Letras. Disponível em < [http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica\\_lingua\\_portuguesa/84.pdf](http://wwws.fclar.unesp.br/agenda-pos/linguistica_lingua_portuguesa/84.pdf)>. Acesso em: 01 nov. 2017.

KEMMLER, Rolf. **Para a história da ortografia simplificada.** In: Ortografia de Língua Portuguesa: história, discursos e representações. São Paulo: Contexto, 2009, p. 53- 94.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos;** tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo. Parábola Editorial, 2008.

LEIRIA, Isabel. **Anais do 1º Congresso de Português Língua Não-materna.** Fórum Telecom. Lisboa, 1999.

LEROY, Henrique R; e SOBRINHO. Jerônimo. C. **Português como segunda língua no projeto de ensino médio integrado Mundukuru: prática de produção de jornal.** Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia. EDUFU, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Uma teoria científica da cultura.** Tradução José Auto. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1970.

MANÉ, Dijby. **As Concepções de Língua e Dialeto e o Preconceito Sociolinguístico.** Via Litterae. Revista de Linguística e Teoria Literária, v.4, n. 1. Goiânia, 2012

MATIASCIC, Vanessa B. **Haiti: Uma História de Instabilidade Política.** Texto integrante dos Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. 06 a 10 de setembro de 2010.

MOURA, Douglas. **O tratamento das variantes padrão e não-padrão na sala de aula.** In: Denilda Moura (org). Leitura e escrita: a competência comunicativa. Maceió: EDUFAL, 2007.

NARO, Anthony. J. **“O dinamismo das Línguas”.** In: MOLLICA, M. Cecília e BRAGA, M. Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação. Editora Contexto. São Paulo. Contexto, 2003.

NÓBREGA, Maria Helena da. **Ensino de Português para Nativos e Estrangeiros: Na Prática, a Teoria é Outra.** Maria Helena da Nóbrega. 2010. Revista Linha Dagua. 2010. Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/download/37334/40054> >. Acesso em: 01 nov. 2017.

OLIVEIRA, Almir A. **Observação e Entrevista em Pesquisa Qualitativa.** Universidade Federal de Alagoas. Revista FACEVV. Número 4. Jan./Jun. p. 22-27. Vila Velha, 2010. Pág. 24.

OLIVEIRA e SILVA, Gabriel M. de O. **Coleta de dados.** In MOLLICA, M. C. & BRAGA, M. L. (orgs.) Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2003.

PANDOVANI, Bruna F. S. de L.; e SANCHES, Romário D. **Interface entre a Sociolinguística e a Dialetoleologia**. Web - Revista Sociodiaeto. Volume 6. Número 18. Maio de 2016. Disponível em <<http://www.sociodiaeto.com.br/>> . Acesso em: 01 nov. 2017.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. **O conceito de identidade em linguística: é chegada a hora para uma reconsideração radical?** In: SIGNORINI, I. (Org.) *Língua(gem) e Identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas: Mercado de Letras, 2001, p. 239-250.

ROCHA, Maria Cecília. A. da. **A Imigração Haitiana no Brasil e Efetivação Dos Direitos Humanos**. Jornada de Direito. 9ª Jornada de Pesquisa e Extensão do Curso de Direito. Fames. 2006. Disponível em < <http://fames.edu.br/jornada-de-direito/anais/9a-jornada-de-pesquisa-e-8a-jornada-em-extensao-do-curso-de-direito/artigos/o-direito-civil-no-seculo-xxi/e2-06.pdf>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

RODRIGUES, Luiz Carlos B. **Francês, crioulo e vodu: a relação entre língua e religião no Haiti**. Orientador: Pierre François Georges Guisan. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos Neolatinos – Língua Francesa). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

RODRIGUES, Marlon L.; e SOUZA, Antonio C. S; **Ensino de Gramática. “Ensino de Gramática versus Ensino de Língua”**. UFMS, 2008. Disponível em < <http://www.cepad.net.br/linguisticaelinguagem/EDICOES/05/Arquivos/01.pdf>>

ROSA, Ana Amélia C. da. **O Desafio de se Ensinar Português para Falantes de Outras Línguas: Análise Linguístico-Discursiva de um Livro Didático para o Ensino de PLE**. Anais do SIELP. Volume 2, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SAMPSON, Geoffrey. **Schools of linguistics**. Stanford: Stanford University Press, 1980.

SANTOS, Renata. L.A. **A metodologia da pesquisa em sociolinguística variacionista**. Revista Espaço Acadêmico, nº 97, junho de 2009. Disponível em < <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/index> >. Acesso em: 01 nov. 2017.

SANTOS, Rosana F. et al. **Minorias e identidades: imigrantes bolivianos em São Paulo**. – Revista Eletrônica de Ciências Sociais, ano 7, ed. 16, jun./set. 2013. Disponível em, <file:///C:/Users/larosa/Downloads/2657-8813-1-PB.pdf> Acesso em: 01 nov. 2017.

SCHMIDT; Cristiane. **Identidade de idosos aprendizes de língua estrangeira: algumas considerações**. Educere et Educare – Revista de Educação. Vol. 6 – nº 11. 1º semestre de 2011. Disponível em <http://e-revista.unioeste.br/index.php/educereeteducare>

\_\_\_\_\_. **Memórias e trajetórias: implicações na construção da identidade do profissional de línguas**. Revista Línguas & Letras – Unioeste – Vol. 15 – Nº 28 – 1º Semestre de 2014. e-ISSN 1981-4755.

SILVA, Giselle M. de O. e. **“Coleta de Dados”**. In: MOLLICA, M. Cecília e BRAGA, M. Luiza (orgs.). Introdução à Sociolinguística – o tratamento da variação. Editora Contexto. São Paulo. Contexto, 2003.

SILVA, Rosa T. **Capítulo IV: O português como segunda língua: descrição e ensino**. Revista PucRio: Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Susiele M. **Aprendizagem do Português por Imigrantes Haitianos: Percepção das Consoantes Líquidas /L/ E /r/**. Revista Ilha do Desterro v. 70, nº 3, p. 047-062, Florianópolis, set/dez 2017 / 4. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/ides/v70n3/2175-8026-ides-70-03-00047.pdf> >. Acesso em: 01 nov. 2017.

SILVA, Teresa. D. S.S. **Desafios na aprendizagem do português por estudantes francófonos: diferenças e semelhanças entre aprendentes de PLE e aprendentes de PLH**. Faculdade de Letras – Universidade do Porto. Portugal. 2016.

SILVEIRINHA, Maria J; e CRISTO, Ana Teresa P. de. **A construção discursiva dos imigrantes na imprensa**. Revista Crítica de Ciências Sociais, 69 | 2004, 117-137.

SOUZA, Antonio C. S. de. **Explicações causais e finalistas. O estruturalismo diacrônico em face da mudança linguística**. Sentido das interpretações “TELEOLÓGICAS.” In: Pereira, Danglei de Castro; Rodrigues, Marlon Leal. Língua e Literatura I: questões teóricas e práticas. São Paulo: Nelpa, 2010. pp. 175-2061.

SPINASSÉ, Karen P. **Os conceitos de Língua Materna, Segunda Língua e Língua Estrangeira e os falantes das língua alóctones minoritárias no sul do Brasil**. Revista Contingentia, Vol. 1. 2006.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

THOMAS. Frédéric. **Haiti: um modelo de desenvolvimento anticamponês**. Lutas Sociais, São Paulo, vol.19 n.35, p.129-141, jul./dez. 2015.

WILLIAMS, Raymond. **Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade**. São Paulo: BOITEMPO, 2007.

Notícias de jornais

ALUNOS franceses vão poder aprender português como língua estrangeira. Publico, Lisboa, 25 jul. 2016. Disponível em: < <https://www.publico.pt/2016/07/25/sociedade/noticia/alunos-franceses-vao-poder-aprender-portugues-como-lingua-estrangeira-1739374> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

APRENDER português em França. Camões, Lisboa, 10 set. 2017. Disponível em: < <http://www.epefrance.org/menu/aprender-portugues-em-franca/> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

BRASIL tem 12,9 milhões de analfabetos, aponta Pnad. Valor, Rio de Janeiro, 25 nov. 2016. Disponível em: < <http://www.valor.com.br/brasil/4787959/brasil-tem-129-milhoes-de-analfabetos-aponta-pnad> >. Acesso em: 01 nov. 2017.

EM 7 DIAS, entrada de haitianos triplica e Acre teme tragédia. G1, Rio Branco, 15 jan. 2014. Disponível em: < <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/01/em-7-dias-entrada-de-haitianos-triplica-e-acre-teme-tragedia.html>>. Acesso em: 01 nov. 2017.

MAIS ALUNOS a aprender português em França e Luxemburgo. JN Direto, Lisboa, 13 set. 2017. Disponível em: < <https://www.jn.pt/nacional/interior/ensino-do-portugues-em-franca-e-luxemburgo-com-mais-alunos-este-ano---mne-8767994.html> >. Acesso em: 10 nov. 2017.

SUBSECRETARIA da Igualdade Racial e Cidadania cria rede apoio para imigrantes haitianos na Capital. Sedhast, Campo Grande, 26 out. 2015. Disponível em: < <http://www.sedhast.ms.gov.br/subsecretaria-da-igualdade-racial-e-cidadania-cria-rede-apoio-para-imigrantes-haitianos-na-capital/> >. Acesso em 01 nov. 2017.

## APÊNDICE

## QUESTIONÁRIO

- 1) Quanto tempo você está fora de sua terra natal?
- 2) Qual o ponto negativo e positivo de ser haitiano?
- 3) Aqui em Campo Grande, seus melhores amigos são haitianos ou pessoas de outros lugares?
- 4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas que moram aqui em Campo Grande?
- 5) Quais línguas você fala além da que você aprendeu em seu País?
- 6) Você tem contato com outros imigrantes aqui em Campo Grande? De quais nacionalidades?
- 7) As pessoas aqui em Campo Grande falam da mesma maneira?
- 8) Quem você? Tente traçar seu perfil.
- 9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?
- 10) Que impressão lhe causou a fala do campo-grandense quando o ouviu pela primeira vez?
- 11) Você seria capaz de imitar um campo-grandense falando?
- 12) Os campo-grandenses gostam dos haitianos?
- 13) O que vocês de fora mais estranham nos hábitos dos campo-grandenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?
- 14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?
- 15) No seu círculo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?
- 16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?
- 17) Em sua opinião qual língua (português/francês-crioule) é mais fácil/difícil: quem fala? Por quê?
- 18) E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou a sua?
- 19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio na sua língua.
- 20) (Se sua língua é mais bonita) cite exemplos do que você acha feio no português.
- 21) Como foi sua escolarização em seu País?
- 22) Como você acha que os haitianos veem os campo-grandenses?
- 23) Por que você deixou sua terra e veio para Campo Grande?

- 24) O que você pensava de Campo Grande antes de vir para cá? E agora?
- 25) Você namoraria ou casaria com uma (um) campo-grandense?
- 26) Você gostaria de aprender a falar o português? Por quê?
- 27) Quando você se aproxima de um campo-grandense, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?
- 28) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?
- 29) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os haitianos. E com relação ao português e a sua língua?
- 30) O que você acha do tereré? Já tomou?

## ENTREVISTA 1

(i1) - W. A., 29 anos.

Estudante

Ensino Médio completo no Haiti

### 1) Quanto tempo você está fora de sua terra natal?

1 – É... três anos

### 2) Qual o ponto negativo e positivo de ser haitiano?

2 – Ponto positivo é que aqui non ê... há muita oportunidades.. ê que assem... no teim... é... uma diferença em algum, em algum aspecto... se eu quero é... fazer alguma coisa, embora eu seja estrangeiro, mas eu consigo... po exemplo pa eu ingressar... ãn... uma faculdade pública... universidade pública... é... te acesso a saúde, a partir do momento que eu tenho os documentos... é... que eles precisem... é então eu vou ter essa oportunidade... ãn... veja bem como qui... é... por exemplo... eu vou trabalhar no Enem este ano... eu sou aplicadô... viu... eu sou estrangeiro...é... eu fiz o Enem ano passado, mas hoje eu tenho oportunidade de trabalhar né no Enem... eu acho que isso é um ponto muito positivo é... nissa questão. Ponto negativo... o que eu posso fala como estrangeiro é que pontos negativo... é que... posso dizer que é ponto negativo de fato que a gente não pode é vincula muito na questão política né... a genti não podi votar é... tem algumas reuniões políticas que a genti não... num... pode participa... é para mim a partir do momento que a pessoa tem... uns... cinco, sete, oito anos... a pessoa deveria te essa oportunidade de pode participa na política pública do País. Naturalizado é... acho que em torno de 15 anos mais ou menos assi... você vai se naturalizado... ae sim você vai pode vota participa na questão política... entendeu? É... só isso assi que eu acho... em relação a outras coisa assi... acho muito tranquilo, um País muito aberto pra todo mundo.

### 3) Aqui em Campo Grande, seus melhores amigos são haitianos ou pessoas de outros lugares?

3 – Haitianos. Haitianos e tamém eu teo amigos brasileiros tamém muito... muito bom assi... mas os melhores são os haitianos. **Os brasileiros são fáceis de fazer amizade, ou não?** É muito fácil embora os campo-grandenses muitas vezes são... sejam um pouco fechados assi, mas você vê que você anda na rua você comprimenta a pessoa... tá cum medo de responde, mas você consegue nem todo mundo é igual... você conversar com

alguns... i.... a... me lembro quando cheguei aque é... então eu tive a oportunidade de trabalha na área da construção civil eu consegui te alguns amigos que eles mi apoiaram bastante nesse aspecto.

**4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas que moram aqui em Campo Grande?**

4 – Hummm... não... eu chegue a chamar si as pessoas assi pelo apelo... não... eu não cheguei... converso... eu chamo a pessoa pelo próprio nome.

**5) Quais línguas você fala além da que você aprendeu em seu País?**

5 – Eu falar o português, eu falo o espanhol... a... como o francês é a língua do Haiti, crioule tamém.. i... eu falo pouquinho de inglês.

**6) Você tem contato com outros imigrantes aqui em Campo Grande? De quais nacionalidades?**

6 – Si... eu tenho contato com alguns... a que vieram di Camarões... e alguns países tamém di... da África né... sobretudo são acadêmicos né... da UFMIS...

**7) As pessoas aqui em Campo Grande falam da mesma maneira?**

7 – ham.

**8) Quem você? Tente traçar seu perfil.**

8 – Rapais... é eu acho que eu sou W. A. né... é... eu tenho 29 anos... eu sou haitiano... eu sou acadêmico é... dá... UFMIS... cursos de Letras segundo semestre... eu sô... sempre quis se... quero se... serei um professor... sou um professor né... sou um professor de francês, dou aula de francês... num projeto da UFMIS e também eu dou aula de português pra os haitianos aqui em Campo Grande... então no mais i... um ano e meio... quase dois anos já... desdi dois mil... diezeses... fevereiro.. dois mil e diezeses... eu to com esse projeto... é... estou aqui desdi dois mil e catorze... bom... eu sou solteiro ainda né... eu sou casado... eu sou adventista ao sétimo dia... hummmm... que mais... eu vim de uma cidade muita rica no Haiti tanto no ponto turístico quanto é... histórico... **Qual é?** Cabo Haitiano, parte norte do País.

**9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?**

9 – Bom... é... como no meu trabalho como eu sô professor né eu... eu lido muito mais com os acadêmicos é... faculdade... também com os haitianos... são pessoas legais... entendeu... a gente se leva muito bem e tanto os brasileiros, os meus alunos, e quanto os haitianos também.

**10) Que impressão lhe causou a fala do campo-grandense quando o ouviu pela primeira vez?**

10 – Pois é... quando eu estava lá na República Dominicana... eu... porque quem me acolheu foi um amigo meu que tava aqui.. ele falou campo, campo, Campo Grande... falei nossa campo né... já é um lugar onde não tem muita casa é um lugar assi com os ricos... porque lá quando você fala mora no campo as vezes são pessoas ricas que morem tem poucas casas né... então... eu pensei assi que aqui não teria tantas casas, tantas pessoas... entendeu, mas fica... será que tem muita assi... matos assi... ã... então... foi, foi assi que eu pensei, aliás ele falou assi que a é uma cidade nova tá sendo construída agora tá tendo muita construção tal, falei beleza... então essa impressão que não tinha muita casa... tendeu... matas... **E as pessoas falando aqui sou muito diferente?** Muito estranho... aliás eu assisti alguns filmes lá no meu País quando estava lá então eu vi fala algumas palavras em português.. falei meu Deus que isso que eles tão falando... entendeu... quando cheguei aqui fica falando pró pró pró... eu entendia nada... né... fico muito estranho mesmo pra mim como não entendia nada... e as pessoas falam muito rápido... e depois você vai ve... você ve as pessoas fala na rua ai você vai assisti televisão... outra forma de fala... tem essa questão de regionalismo... tem essa questão de pessoa de classe média, baixa, alta... e ai... como eu tô agora na área linguística eu entendo essa questão essa diversidade linguística que existe aqui neste País. **Mas você estranha um pouco quando você vai em outro bairro, você consegue ver diferença?** Tem uma diferença, mais não é tão grande, sobretudo as pessoas que moram aqui... é... a diferença pode existir entre dois estados assi, mas dentro do estado é muito difícil ter uma diferença muito grande... é que uma pessoa que veio de outro estado e estado é está aqui... como chama esse estado... um estado bem pequenininho... uma pessoa que veio do nordeste, por exemplo... uma pessoa que chega aqui vai começa a fala tim tum... então você não vai consigui... você vai descobri rapidamente que essa pessoa não é daqui do estado.. da cidade... mas si você consigui

entender a pessoa embora seja um pouco diferente né... na... fala, mais, você consegue... e você depara muito com essa situação... todo dia você encontra uma pessoa que fala diferente.

### **11) Você seria capaz de imitar um campo-grandense falando?**

11 – Olha... eu gosto muito área de comunicação... jornalismo... eu gosto, aliás eu tenho uma rádio web... rádio max... eu teo um programa todo domingo dez horas que chama (...)... em francês é... domingo dos apaixonados assi... um programa que a caráter românticu... e... eo consigo, como eu gosto muito dessa questão da rádio... eu não sei si é.. eu não teo um personagem assi, mas os caras vende na rua... que faze propaganda nas lojas, no centro quando eles fala... “ e ae... gente chega aqui na loja compra e leva ae... está é a sua promoção... leva... entendeu... eu gosto de brincar desse jeito... hoje é sua promoção leva dez reais... deizão leva uma calça” (*imitação de um locutor de loja*)... entendeu eu gosto de brincar assi... hoji é o dia da promoção.

### **12) Os campo-grandenses gostam dos haitianos?**

12 - ... olha... isso... claro que gosta... de uma forma geral eles gostan... mas zi... se você vai especificar você vai encontrar algumas pessoas que naum gostam tem preconceitos assi, mas eu não deparei ainda com campo-grandensse que xinga, maltrata de uma forma severa um haitiano aqui. **Nunca aconteceu com você?** Não, cumigo não, mas assi teve alguns abusos no trabalho, sobretudo as pessoas que trabalham na área de construção civil que eles não pagam... essas coisas... mas si... fisicamente naum... não aconteceu ainda aqui.

### **13) O que vocês de fora mais estranham nos hábitos dos campo-grandenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?**

13 – Estranho... é que... no trabalho eles gostam muito de toma tereré. **Você toma tereré?** Eu não tomo... eu experimentei um dia só... como chama aquele que chupa? **Cunha**. Então, essa cunha eles passam pra todo né junto tomando então eu acho isso muito estranho.

### **14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?**

14 – É... a pessoa pode descobrir rapidamente que eu não sou brasileiro, ou seja, eu não sou deste estado, eu posso ser outro estado, mas descobri de onde eu vim... é muito difícil.

**Nunca ninguém te ouviu falar e disse que você era do Haiti?** Não... pode falar que você que é da África, ou você é africanu... como a África é um continente que... como você é negro... a pessoa pensa que todo negro... e também tem aquelas pessoas que fala que você é daqui do estado.. do outro estado... pelo sotaque todo mais... mas aponta que você é do Haiti... é difícil... só se a pessoa já soube que aqui tem haitianos, que tem uma comunidade haitiana aqui, a parti do momento que chega aqui vai dizer que é haitiano, mais sem saber, sem ter um conhecimento prévio é dificilmente fala que eu sou do Haiti.

**15) No seu círculo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?**

15 – Mas gente daqui... daqui de Campo Grande.

**16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?**

16 – Si. Cada um é cada um. Você precisa entender... cada pessoa porque nem todos tem a mesma habilidade, a mesma compreensão, a mesma noção de tal coisa, então você precisa ter essa capacidade, sobretudo quanto professor você precisa ter essa qualidade de poder lidar com vários tipos de pessoas de classe, por exemplo, no meu caso... um exemplo muito claro, eu tenho alunos haitianos que não são alfabetizados e letrados... entendeu... a pessoa... tem alguns que são letrados e não alfabetizados.. e lá na UFMIS todos eles são letrados e alfabetizados, também acadêmicos... então eu tenho um jeito diferente de lidar com cada um.

**17) Em sua opinião qual língua (português/francês-crioule) é mais fácil/difícil: quem fala? Por quê?**

17 – Mais fácil para aprender é crioule, e mais difícil é português. **Por quê?** Eu vou te dar um exemplo muito claro. Se você for conjugar um verbo na língua portuguesa, poder, um exemplo, ao você pega os pronomes pessoais... eu posso, você pode, ele/ela pode, nós podemos, vocês podem... viu que tem mudança tanto na raiz da palavra e na desinência... posso, pode, podemos... ao pega um verbo é comer, por exemplo... *mange* na língua crioule... você pega os pronomes pessoais, você vai... *mange*... que diz no verbo não muda nada... somente nos pronomes pessoais... o verbo fica do mesmo jeito... ao é mais fácil... tanto no passado o verbo não muda... o verbo fica do mesmo jeito.

**18) E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou a sua?**

18 - Francês.

**19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio na sua língua.**

19 – ... (silêncio)

**20) (Se sua língua é mais bonita) cite exemplos do que você acha feio no português.**

20 – Quando eu digo que a língua francesa é muito mais linda que a língua portuguesa... isso é muito facultativo, é uma coisa pessoal... no porque eu falo alguma coisa na língua portuguesa que é feia... muitos brasileiros sabem que a língua francesa é muito mais linda, bonita que a língua portuguesa... você pode perceber isso. **É o som, a melodia?** O som, a melodia e tem também com a cultura francesa... o que faz com que a língua francesa, seja também linda, também bonita, também rica é a cultura francesa... né... a literatura francesa, entendeu... e hoje em dia quando você fala francês você vê a melodia, forma, o gesto... você vê que tem uma melodia uma forma de fala a língua francesa que deixa a pessoa com a boca aberta... mas o português é um pouco mais duro, entendeu “e aí rapaiz beleza”.

**21) Como foi sua escolarização em seu País?**

21 – Bom a princípio não gostava muito da escola viu... a princípio eu morava com minha mãe eu não gostava muito, aliás eu sempre fingia que eu estava doente não queria ir na escola... depois que eu fui gostando da escola... até eu fiz ensino fundamental, ensino médio nas escolas públicas... eu passei no Liceo... lá chamado Liceo... o sétimo... são quatorze anos de escola... acho dois, três, anos que você faz creche, *kinder Garden*... e lá tem quatro provas nacionais, no sexto ano você faz, no nono ano você faz outra, no penúltimo ano você faz outra que o ensino médio, porque no ensino médio você faz duas provas nacionais e no ensino fundamental você faz duas também... sexto ano e nono, porque ensino fundamental vai até nono ano, né... pra ir agora no ensino médio você precisa fazer a prova nacional... então você faz uma prova e *filou* pra terminar.

**22) Como você acha que os haitianos veem os campo-grandenses?**

22 – Os campo-grandenses são... eu acho que eles vêm a ser um pouco mais fechados... pessoas mais fechadas, mas assim elas respeitam as pessoas, são pessoas acolhedoras que

ajudam tamém as pessoas dentro da nossa comunidade... muitas pessoas apoiam nois... são pessoas boas.

**23) Por que você deixou sua terra e veio para Campo Grande?**

23 – Bom... é que na verdade nunca pensei no Brasil, nunca pensei que estaria aqui hoje... nunca pensei nisso... eu pensei nos Estados Unidos, França, Canadá... Brasil não... eu sempre gostei Brasil por causa de futebol, Pelé... entendeu... Ronaldo, Ronaldinho, mas assi, mora aqui nunca pensei. Então tava lá na época de fazer faculdade e naum deu tudo certo... e depois quando teve a Copa do Mundo teve uma migração muito forte dos haitianos pra cá... entaum a minha mãe me ajudou pra eu vir aqui... eu teve.. tive aqui um amigo que infelizmente morreu... ele voltou pra lá... morreu...é... i.. eu vim aqui... a única opção.

**24) O que você pensava de Campo Grande antes de vir para cá? E agora?**

24 – Si. Segundo o que ele falou pra mi naquele momento... qui aqui você consegue trabalha hotel... uma cidade que tem hotel... você consegue trabalha... você domina algumas línguas e tal. **E ideia hoje é a mesma?** Olha, quando a ouvir falar de um tal lugar você já tem uma ideia, independentemente seja negativa ou positiva, você teno uma ideia, você já visitou Estados Unidos? **Não.** Mas você tem uma ideia como é que é... entaum é assim. Falando de um tal lugar você já tem uma ideia prévea... agora chegando é outra coisa totalmente diferente... então isso que acontece com todo estrangeiro... você acha que é um lugar... a .... maravilhoso... tal.

**25) Você namoraria ou casaria com uma (um) campo-grandense?**

25 – É... poderia ser, mais neste momento naum.

**26) Você gostaria de aprender a falar o português? Por quê?**

26 – É difícil...mas pra quem domina algumas outras línguas e tem uma compreensão geral de uma estrutura de uma língua fica muito mais fácil pra pessoa aprende... mas assi uma pessoa que não tem noção de uma língua de gramática... de uma estrutura de uma língua... a fica difícil.

**27) Quando você se aproxima de um campo-grandense, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?**

27 – A parte do momento que você pede licença... que pedi mais algum informação todo mundo para pra ouvir e te orienta si... isso acontece muito comigo... eu vejo um grupo de pessoas, num sei tal lugar eu falo “olha me desculpa eu preciso saber onde fica tal lugar” todo mundo para te explicar.

**28) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?**

28 – Talvez eu... eu ... não vou ficar sabendo... mas claro... isso acontece em toda língua. Por exemplo você tá aprendendo crioule... a pessoa fala tá aprendendo né.

**29) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os haitianos. E com relação ao português e a sua língua?**

29 – Si. A diferença é que lá tem duas línguas, francês e crioule, mas a língua materna é crioule, você nasce e já fala crioule... vai adquirir a língua francesa realmente na escola... estudante, porque a educação é todo francês... i... aqui é uma língua só pra todo mundo... língua portuguesa nas escolas... tudo... dai a pessoa nasce fala... vai fala... só português... entendeu... então acho que diferença mais palpável.

**30) O que você acha do tereré? Já tomou?**

30 – Já comentei. Bom eu experimente um dia... um dia... dois mil e quatorze e nunca mais... é... olha... **Achou nojento?** Pra mim sem gosto... sabor. **Você achou nojento esse negócio de por na boca de um, de outro?** Eu acho nojento... todo mundo tal... tal... tal... se cara tá fumando passa pra ele... fu, fu, fu... passa pra outro... fu, fu, fu... que isso... eu acho muito nojento... e também no dia que eu experimentei isso... não tem sabor... pra que serve? Pra que serve no meu corpo? Qual benefício?... mas é cultural... pessoas gostam, acho que veio de Paraguai... uma coisa assim... não sei se é só aqui em Campo Grande... no tem isso em otros estados.

## ENTREVISTA 2

(i2) - G. A., 27 anos.

**Serviços Gerais**

**Ensino Médio completo no Haiti**

### **1) Quanto tempo você está fora de sua terra natal?**

1 – Eu vim aqui no Brasil... no dois mil e quinze. Dos mil e quinze faz dos ano final do ano dos mil e quinze... esse dezembro vai faze dos ano.

### **2) Qual o ponto negativo e positivo de ser haitiano?**

2 – Nasce haitiano. Pla mim é uma cosa boa, só positivo né.

### **3) Aqui em Campo Grande, seus melhores amigos são haitianos ou pessoas de outros lugares?**

3 – É brasileiro, do meu serviço.

### **4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas que moram aqui em Campo Grande?**

4 – Aqui a gente gosta brinca com biscate (risos). Piriguete, biscate (risos). **Entre vocês do trabalho, vocês se tratam assim?** Si. Assim memo. **E todo mundo leva na brincadeira?** Sim, todo mundo.... todo dia... “a biscate você caiu da cama, você chego cedo hoje” (risos).

### **5) Quais línguas você fala além da que você aprendeu em seu País?**

5 – No meu País fala crioule e francês. Lá tem aura de ingrês, espanhor, mas todo mundo, todos haitianos já sabe os básico, entendeu? Aqui também tô aprerndendo a fala portugueis.

### **6) Você tem contato com outros imigrantes aqui em Campo Grande? De quais nacionalidades?**

6 – Si. Cum africanas... mas que eles de Angora... eles já fala potugues memo, mas que a pronunciação de brasileiro é diferente... já percebi (risos).

**7) As pessoas aqui em Campo Grande falam da mesma maneira?**

7 – Não tudus não fala iguais... porque una veis tava num ônibus ... eu cum meu namorado farei é “eles tudo num nasceu aqui?”. Eu vi que tem gente que fara um pouco cantando, né... entedeu... tem gente que fala um poco mais capido... tem gente que fara divagar. E tem gente que fala... haitiano não consigui entede.

**8) Quem é você? Tente traçar seu perfil.**

8 – Sou G... nasci di vinte nove de outubro di... dizenove de noventa... dezenove i noventa... que é... eu tenho 27 anos... né... que eu nasci lá no meu País Haiti, sou haitiana... mas que eu terminei meu ensino médio... que eu já fui... não é na facurdade que a gente chama escola normal que é pedagogia... eu já trabaiava na escora cuns crianças de treis até dozi anos... cum professora também... mas eu vim aqui nu Brasil pra buscar uma vida melhor entendeu?... e que mas pra estudar, pra achar essa vida melhor, cá gente teim que aprende a fala língua... que inda tô estudando desdi dos anos... tô estudando... é uma língua bem difícil, entendeu?... é... tô estudando... anu que vem eu hum, pensu que vou faze a prova do Enem... né pra pude estuda né... mas tô trabaiando... comu faxineira na clínica Scope... eu vim aqui sozinha já murava lá nu Saum Paulo... i depois que meu amigo me chamou pra vim aqui estou aqui nu Campo Grande faiz um ano seis meses, mas no Brasil dos anos.

**9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?**

9 – Mas que é o convivência é assi né... tem gente que é muto legal cum você, mas tem gente... mas que é... eu achu que nu é só brasileiro que é assi... é todo mundo, o ser humano mesmu.... tem dia que você tá alegria, entendeu? ... tem dia que você nu que fala com nenguem... mas cá no meu serviço assi tem dia que meus amigo me chama biscate... (risos)... tem dia que eles paixão su nem fala bom dia... assi que é... farei “aé hoje num é seu dia”.

**10) Que impressão lhe causou a fala do campo-grandense quando o ouviu pela primeira vez?**

10 – Mas que é... eu tava lá nu Saum Paulu fiquei seim trabaiá cinco meses que quando meu amigo me falo entom vem aqui, aqui tem possibilidade pra entra na faculdade de que eu sei que você gosta estuda, que você veio aqui pulisso... vem aqui vô prorando um serviço pra você e também tem aura pra haitianos aqui ... vem que a gente te ajuda muito... mas falei como que posso vim.. como lá Saum Paulu é lugar bunito já andei trem... falei é bonito (*interferência de tradutor*)... hum.. desculpa... (risos).. aqui em Campo Grande só diferença que eu vi é... lá no Saum Paulu paulista fala “viu” é aqui fala “né”... a diferença. Lá fala “viu”, “entendeu”... aqui fala “né”, “entendeu”... brigada.

**11) Você seria capaz de imitar um campo-grandense falando?**

11 – Imita? Naum consigo... eu naum (risos)... ainda naum.

**12) Os campo-grandenses gostam dos haitianos?**

12 – Alguns né... eu achu... alguns né.. naum é todos.. porque já andei onbus tem gente que nu qué senta perto dos outro... que nus bancus... nas caderas... que é nas última cadera por trás do ônibus que tem cinco caderas tem gente que senta assi, num qué... aham... já precebi, mas num tenho medu naum.. porque eu já sei a vida é assi... tem tudo.

**13) O que vocês de fora mais estranham nos hábitos dos campo-grandenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?**

13 – Lá nos qué a cumida... (risos)... é muito diferente... passei muito tempo pra acostumar ... passa é... o dia todú sem come... no serviço cheguei em casa é... só fiquei cume pão, pão... ai tem um dia farei então qué “o brasileiro come num morreu... eu porque”... (risos)... agora nu meu serviço as menina fala “agora você tá comendo até pedra”... (risos)... até pedra brasileira... porque lá também no meu serviço leva pra nois só marmitex que é tudu junto ... que eu macarraum, feijoada, arroz... tudo nossa... e cane quase cru... (risos). **Lá no Haiti qual é o prato base? Aqui no Brasil é o arroz e o feijão.** Pra nós é o arroiz junto com feijão... num é separado assi. **Cozinha na mesma panela o arroz e feijão?** Aham.

**14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?**

14 – Mas... si... você veio de onde?... si, eu acho... eu conheçu brasileiro da minha cor, né... nu meu serviço entra todú mundu... já conheci brasileilo da minha cor... mas que é pergunta “você nu é daqui?”... ai fiquei cum vergonha toda veiz que pergunta assi... eu falo naum só do Haiti... “qui legal”... aqui me senti um poco tranquila... por que?... do jeito que você fala. **Mas ninguém falou você é do Haiti?** Naum (risos).

**15) No seu circulo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?**

15 – Daqui do Campo Grande.

**16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?**

16 – Todú mundo tem que se tratar igual... é lá também naum tem faxina num tem secretária... a gente come a mesma cumida tudu... se trata o mesmo... ganha o mesmo valor... tem dia que eu ganhu mais do que amiga secretária... aham... lá tem gente boa na clínica Scope... tuda veiz que a meu namuradu qué busca outro serviço pra mim... farei “eu vô chorá”... (risos). **Você gosta de trabalhar lá?** Gosto... eu me sente como se fosse um chefe lá... (risos).

**17) Em sua opinião qual língua (português/francês-crioule) é mais fácil/difícil: quem fala? Por quê?**

17 – Pra mim crioule é mais face porque eu já nasce... (risos), mas português eu achu que a pronúncia que é mas difícil pra mim... pra nós.

**18) E qual é a língua mais bonita/gradável? O português ou a sua?**

18 – Francês... (risos).

**19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio na sua língua.**

19 - ... (risos)...

**20) (Se sua língua é mais bonita) cite exemplos do que você acha feio no português.**

20 – Eu naum acho feio, mas eu acho muito difícil porque quando a gente vai fala “um cao, cao, claro”... (risos)... é difícil né, carro, claro... viu?... eu num consigo... (risos)... (confusão)... mas como.

**21) Como foi sua escolarização em seu País?**

21 – O que é vida escolar? **Sua escolarização.** Aham. Na escola foi muito bom.. porque é... eu me lembrei quando entrei na... (pausa)... sexto ano... que eu trabaio bastante... porque eu queria sair do primeiro... toda vez que... (confusão)... a primeira, segunda... queria sim até o final... (risos). **Você estudou quantos anos lá?** Ensino médio.... dezessete anos.

**22) Como você acha que os haitianos veem os campo-grandenses?**

22 – Pergunta di novo. Mas qué... eu achu tem três tipos de pessoas aqui... legal, chata (risos)... aberta também... também tem gente que gosta fala tudo... fala tudo “biscate”... tem gente que se você fala biscate... por exemplo... posso fala cum mia amiga “tô vazando já” (risos)... mas tem gente “eu vô imhora”... (risos)... entendeu?... tô vazando... (risos)... “você naum tem casa... (risos)... você... seis hora você táqui... seis da noite você táqui ainda... (risos)... mas tem gente assi... muito chata... num gosta que fala... mas qué normal... nosso País tem também... (risos)... do ser humano.

**23) Por que você deixou sua terra e veio para Campo Grande?**

23 – Por que? Mas que... primeira vez que vim aqui pra visita... que é... farei que eu vô visita... tira foto, toma banho na piscina, tendeu?... mas que quando eu cheguei é... meu prano mudo porque encontrei ele... que ele gosta estudar, entendeu?... (risos)... **Mas por que você saiu de lá do Haiti e veio pra cá?** Só pra tira foto... (risos)... pra passear... si...(risos). **Você não pensava em ficar aqui?** Nau... tava trabaio na escola... deixei tudo... dos anos já.

**24) O que você pensava de Campo Grande antes de vir para cá? E agora?**

24 – Eu imaginei que é lugar bonito... vô tira foto na... (risos)... porque nós tá no Haiti nem sabe... nem conhece o Brasil... por causa do futebol... a gente sabe Brasil que é tudo isso... Brasil, Brasil... **O Brasil jogou lá uma vez.** Si... já foi. Tudo nós queria vir pra tira foto... nem sabia se vou trabaio na faxina não... (risos)... **E agora sua visão é a mesma?**

Continua a trabaia no meu serviçu até que eu... estudô... trabaia na minha profissão. **E a cidade, era como você imaginava, melhor ou pior?** (risos)... não é pior... é diferente... pior não (risos)... é uma cidade bonito.. mas que é... tem... sabe que... tem que fazê... o pref... pref... **prefeito?** Prefeito... asfalto... (risos)... só isso... tinha bastante buraco mas vi que eles tão tampando...só isso.

**25) Você namoraria ou casaria com uma (um) campo-grandense?**

25 – Naum! **Vamos supor que você fosse solteira?** Naum! Porque a cultura é diferente... não conheço eles naum... num sei como... já cheguei aqui já achei Wadner... (risos). **Já chegou namorando?** Naum!... eu naum cheguei namorandu... cheguei amigo (risos)... mas eu acho que eles tão bem bonito... brasileiro memo.

**26) Você gostaria de aprender a falar o português? Por quê?**

26 – Porque eu quero estudar. Eu naum possu estudar em francês... aqui fala só uma língua... naum... e na faculdade fala potugues... tem que aprende a farar essa língua pra mim pode estudar... entendeu?.

**27) Quando você se aproxima de um campo-grandense, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?**

27 – Priemera cosa que todú mundu tem que coumprimenta as pessoas qué... bom dia, com licença, por favor... que eu posso pergunta algum de vocês onde fica por favor supermercado Atacadão... onde eu posso pega o ônibus pra i...entendeu?... tem que cumprimenta as pessoa. **Daí as pessoas atendem você?** Bem legal... poque só o jeito que você fala bom dia... pessoas que fala mais cosas pra você.. entedeu?. **Não quer explicar só o supermercado, quer explicar tudo?** “Mas você veio de onde... que legal.. você tem um pele bonita”... (risos)... muitas cosas fala.

**28) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?**

28 – Si. Fala... mas que o jeito de fala que faz que me pergunta de onde que eu vim... é diferente si... quando eu peguntei poque “ah não é seu jeto de fala que é diferente”.. sim eu so do Haiti. **Mas ninguém faz nenhuma brincadeira com seu jeito de falar?** Naum... mas quem... meninas fala lá “eu naum vo mais fala cum você poque você nunca me entendeu”... (risos)... mas to acostumando.

**29) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os haitianos. E com relação ao português e a sua língua?**

29 – Na cultura geral que eu vi que os haitianos tem discriminação... que os brasileiros não tem. **Mas discriminação pela pele, pela condição financeira?** Pela condição financeira também... e também por exemplo aqui... você teminou seu ensino médio e você trabaia na faxineira... poque é um probema pra eles. **Lá é um problema?** Trabaia aqui fiquei cum vergonha de fala que trabaia na faxineira porque nossa cultura mesmo, mas se agora to acostumando... mas eu num consigu fala cum meus amigos lá que eu trabaio na faxineira... falo “você deixo seu País e passá pano no chão?”... e “você já trabaia lá na escola”... **Eles falam isso?** Fala mesmo. **Se você terminou seu ensino médio no Haiti não iria poder passar pano no chão?** Naum... por isso... antes de ontem eu falei... “haitianos fala que lá num tem serviçu”... achu que tem.. tem serviçu que eles num qué faze lá... trabaia na

construção... limpa chão... entendeu?... mas você pode trabaia limpo a chão... passa um meis, dois mês... quatro meis, seis meis... entendeu?.

**30) O que você acha do tereré? Já tomou?**

30 – Já tome uma veiz... mas é com água gelada... mas fale... “só um copo... todo mundo... (risos)...é pra todo mundo”... achei legal... (risos)... **Você achou nojento... você toma hoje?** Parei de tomar... **Nojento?** ... goste fale só um água...(risos).

## ENTREVISTA 3

**(i3) B. D., 28**

**Serviços Gerais**

**Ensino Médio completo no Haiti**

**1) Quanto tempo você está fora de sua terra natal?**

1 – Num Brasil na vedade dezembro que vai te quatu anús, nesse decembro.

**2) Qual o ponto negativo e positivo de ser haitiano?**

2 – Sí. Foi legal as pessoas qui nu começu [...] nossa nacionalidade, foi bacana e desafio mais... eu nunca desisti, tá no luta, trabalhando, estudando, una diferença sair de meus país e vir prá cá.

**3) Aqui em Campo Grande, seus melhores amigos são haitianos ou pessoas de outros lugares?**

3 – No mais e... meus amigos que eu tengo na vedade... que meu nacionalidade... poque eles convive comigo mais e tamem o mais entende eles... poque eu tenho amigo brasileiro... na vedade... eu tenho... bastante, várias, é... a minha namorada é brasileira... meo.. mais... sessenta por cento é haitiano, mais quarenta por cento é brasileiro.

**4) Existe algum apelido que você usa para tratar as pessoas que moram aqui em Campo Grande?**

4- Naum, apelido naum. Naum, naum, naum. No tem, no tem.

**5) Quais línguas você fala além da que você aprendeu em seu País?**

5 – Si, eu falu ota língua. Eu fala ingles, francês... é nós, língua mãe igual do nascimentu... igual mãe, pai... é crioulo, mas francês no documentu... tudu... cetidão de nascimento... documento da escora, material... tudo é francês... porque nosso pais colonizado França a gente... poque a gente, a língua crioulo ê... nós língua de nossu país... colonoziado Franza... é obrigatório maioria... mais... fala mais francês... que crioulo... **Tem muita diferença entre o crioulo e o francês?** Tem diferenza... no escrito... na fala nué... poque tipo assí... poquinho as cozas que é... palecido na prosunção... mais no falante oitenta e cinco por cento é diferente.

**6) Você tem contato com outros imigrantes aqui em Campo Grande? De quais nacionalidades?**

6 – Sí. Africano eu tenho senegalês, eu tenho sírias... a gente no te só haitiano.. sí... sí...

**7) As pessoas aqui em Campo Grande falam da mesma maneira?**

7 – Naum... poque tipo assí... é... tem as pessoa que usa a gira... no fala... mais num é todumundu fala mema cosa que... até na escora você acha uma pessoa sempre vai se diferete pelo educçon e tamém falante... as pessoas usa muto vocabulário... **e no som?** No sôm tem diferença... sí, mas ó... tem um amigo meu que tabala junto comigo... mas na hora eu aplendê potugues sempre aqui em Campo Grande... mas hora ele farô... ele tem... como dizê... ele fala agastado [arrastado]... num consegui capturá as cosas que ele fala assí... tem que repiti... [risos]

**8) Quem é você? Tente traçar seu perfil.**

8 – Sí, eu possu até... cada um na vida... tem cucuro [cultura]... poque eu nasci hein no Haiti... um cidade, num é glande é muito pequenu que chama *Marchand de Saliden* e... eu estudei... eu nasci tleis de mazo mil novescentus oitenta e nove... e eu nasci na habitação tipo assí, local antiga que ela de minha mãe, juntum cum meu pai... eu vivendu... estudu até ensinu médiu compretu... lá no Haiti... trabalhava, eu trabalhava de escrivau, lá no Haiti... eu era escrivão lá no Haiti... e trabaia num outro alea tamém... é... ajuda meu pai fazê... trabaia nu fazenda... enfim eu aplende oto curso nu meu país tamém que a gente nu consegui se encaxa aqui no Brasil... aí eu teminei meu estudo dos mil e doze, aí em dos mil e tleze eu fale eu vim pra conhece Brasil... mais é na hora cheguei no Brasil... é um glande desafiú... mesmu... mais eu assustei, eu naum sabia si, mas na vida cada um tem que passá um desafio pá tem testemunho... mais nu é esse desafiú que esperava... mais...

**9) No seu trabalho, com que tipo de gente você se relaciona diariamente? Quais os mais agradáveis? Quais os mais desagradáveis?**

9 – Qualqué luga você vai acha uma pessoa é... oitenta pu centu você vai acha legal, vinte pu centu você vai acha chata... poque até.. tipo assí... chata... tavez as pessoas podi usa po mania... mas chata tamém podi umas usa de nascimentu mesmu. Tipo assí meu lide tantu ele chatu... tem... tem... um medu de fala cumigu... muito cabeça tá nu luga ceto, mais a

genti convive muito tempu cum ele... eu aguenteu... tem muito legal tamém.. otenta po cento legal e vinte po cento chatô... eu trabalo no Bat Forte...

**10) Que impressão lhe causou a fala do campo-grandense quando o ouviu pela primeira vez?**

10 – Meu sutacu na hola chegue nu Campu Grande... poque na vedade a primera cidade que eu passei é Rondonia... eu chegue um mês alí... aí eu tem meu primo que trabalha na aquário, aquário lá na Aforonso Pena... aí ele trabalhava na Egelte... Egelte foi busca ele lá na Rondonia... Poto Velo... aí ele chego lá tava sem tabalum cheguei... poque meu dineno cabô... a empresa foi demiti ele... aí ele falô Bernard você tá qui si você tabanhado fale no... falo entaum vô paga passage pra você vem pá cá Campu Grande... fale tu bem... ele pago passage vi prá cá... e falo no vo vim agola, mas depois do dia vô vota di novo... mais ele me deu endeleço da localização tudo vim pla mi chega. Na hola chega chegue no alojamento... aí dono da alojamentu... eu cheguei potao tava abelto... aí ele dexo abliu potaum eu entlei... na hola eu entlei... ma na hora cheguei num Brasil qual que é mutivu comu pessoas taum falanu... mas eu fique meo pedido... fique muto estanho mesmu... aí na hola chegue no hotel as pessoa farô você vai travailha na Egelte... no se... fale sí... ele me dexo... aí ele falo assí... eu faze plimelo dia, segundo, tecelo, quato e quato dia ele falô você vem pá trabalha... ele falô pla mi... ele falô po oto meu primu aplendendo potugueis... aí ele valô... eu vi pa trabalha todo dia eu vezo você deitadu num vô fica mais... ele mandô sai... eu naum tinha dinhelo pa aluga casa, eu num conheçu ningue aqui, meu primo num tava aqui, aí meu oto meu amigo fico em Santa Catalina... fiquei cum tlisteza... eu num teo condições pa liga pa meu pai manda dinero pla mi, eu naum tinha nem irmaum... ninguém... aí eu fui... deixe tudo mias cosas lá fui... aí eu saí na ua... na hola tô andandu eu encontru um outro haitiano... aí conto com oto haitiano ele falô pla mim, na minha língua, você é haitiano... farei sí... ele falo quantu tempo... farei quatu dia aqui... comece explica pra ele... comece... ele ligo pa meu primo mandá dinheiro pla mi... ele fô na bancu... eu nu sei aonde pla pega dinheiro... aí ele explicô pra mi vai lá tau luga só... tudo ele tá escrevendo... tá soletrando, pá chega lá na hora consegui... aí fui lá pego dinheiro... aí falo cum dono da hotel... aí na hora eu entrei despos... dois dia contrei dotô Jean Daniel... aí eu convesá com ele... ele me ligô... ele me dá aula de potugues cum esposa dele... esse sempre ficá na minha cabeça num vô esquecê aí todú dia na quinta-feira cinco holas ele tá lá na escola... aí a sábadu Maliza ele sempe tá juntú cum nóis... aprendendu mosta como se

vilá... enfim... aí foi trabalhandu... na aquário... eu fique na aquário fui Columbá e a gente aprendendo mais potugueis... a gente fazê é mais plocula no google... na youtube... e a gente vivenu e mais gente.... duas comunidade Lita Viera Vila Ploglesso peto teminal Molenau... aí a gente crescenu... a pati di mi se fô comunidade haitiana tê conecimentu... é poque lá Jean Daniel num te quase ningue... único haitiano.. aí eu fui lá na Shoppi Campu Glande aí eu fui lá conto com haitiano que molava Lita Viela... aí pega telefono dele... Jean Daniel manda numelo dele [...] aí a gente juntu comunidade... aí na hola Jean Daniel monta comunidade um na Lita Viela oto na Pogesso...

**11) Você seria capaz de imitar um campo-grandense falando?**

11 – risos...

**12) Os campo-grandenses gostam dos haitianos?**

12 - Sí. Sí. Maiolia das pessoa... oitenta po centu...gosta...

**13) O que vocês de fora mais estranham nos hábitos dos campo-grandenses: a fala, a comida, o comportamento? Por quê?**

13 – Mais... a genti já acostumu cum nu Brasil cum campo-glandensse... tia tipu assi... poque na hola eu vejo a caractelistica das pessoa é muito difelente de nós... poque tipo assí a vivez du Blasil eu num gostava... mas sí eu na hola num gostava... mas na hola eu palalisado meu país e o Blasil... eu vejo uma cosa glande e nós... as lei do Blasil e lei do meu país eu veju muta difelença... sí pu melhor... lei di vedade pa disinvovimentu é melhor... mais lei pá oto tipo de cosa pá ota alea lá é muito ferrado... muto aplicado.

**14) Você acredita que, estando em outro lugar, às pessoas possam saber de onde é simplesmente pela maneira como você fala? Por quê?**

14 – Sí. Sí. Sí. Qualqué... pude sê no tabailho... você é qual du país? Eu farei só do...

**15) No seu circulo de amizade tem mais gente daqui ou de fora? De onde?**

15 – Sí... um poco de cada...

**16) Na sua profissão, é preciso escolher um jeito diferente para lidar com cada pessoa, ou não?**

16 – Tono mundo igual... tono mundo igual...

**17) Em sua opinião qual língua (português/francês-crioule) é mais fácil/difícil: quem fala? Por quê?**

17 – Francês... na vedade crioulo no momentu que nascí eu sempre falá crioulo... sí... mas... francês num é nossa língua... que nosso país coloniza pla Flança polisso tem que se esfoça fala flances... mais nossu país é americanu... américa central é obligadu pessoa tem que fala inglês... mas só que flances eu achu mas fácil a gente... francês é mas fácil... [risos]... dá toda língua que eu aplendi potugueis a más difíci.

**18) E qual é a língua mais bonita/agradável? O português ou a sua?**

18 – Sí. Sí. Francês é mas fácil pla aplende é a... regra gramatical é mas fácil... verbo... acentual... ponunicação... tudo enfim.

**19) (Se o português é mais bonito) cite exemplos do que você acha feio na sua língua.**

19 – [Pausa...risos]

**20) (Se sua língua é mais bonita) cite exemplos do que você acha feio no português.**

19 – [Pausa...risos]

**21) Como foi sua escolarização em seu País?**

21 – Escolar? A época da escola foi um... eu nunca epeti anus... po lisso me pai gosta de mim de mais.. poque nunca dá trabaio pa ele.. eu andava sete quilómetros e meio pra i a escola e volta... sete... po um momento eu faze quinze quilómetro por dia... a pé... nunca andava... tipo assí... eu entlei na sétimo anus... minha mãe morreu... aí meu pai gasta tudu num tein condições nem pa compa bicicleta... todo dia a escola tava ante das sete horas... todo dia teo que levantá quato e mea...toma bain... i pá i camin... pá chega nu horário i volta... quinze quilómetro por dia... na escola ento sete horas até catoze... até catoze... na hola cheguei ná... primero anu ensinu médio... aí vem mudou... aí eu fue quato holas pá seis holas... foi dizesseis anus.

**22) Como você acha que os haitianos veem os campo-grandenses?**

22 – Sí... mais [risos]... geral por convivência... eu vive bastante cum campu-gandense... eu namoru cum campu-gandense [risos]... eu achu muito legal... tipo assí eu naum teo uma cosa ruim pá fala de campu-gandense... poque na vida você vá acha dos quato pessoa ruim... maoria você vá acha legal...

**23) Por que você deixou sua terra e veio para Campo Grande?**

23 – Na meu país... eu dexava meu país po treis motivu... plimelo motivo eu gostava muto do Blasil naum só aqui... eu gosta muito do Blasil... num momentu eu tava nu meu país assesti jogo do Blasil pelo tevê eu veju um desafio na futebol do Blasil... meu sonhu eu falei pode se que temino meu estudu teo que conece Blasil... mais a plimelo desafio que passô dos mil quato foi guerra... e dos mil ses... fulacao... dos mil oito...oto fulação... aí dos mil dez foe um terremoto... mais na hola eu tava estudano... aí meu pae falo no teo condições de manda dieiro pá você...vem busca... ae eu falei... sai da escola dexa todo meu documentu... aí eu tila somente a camiseta... da escora...tava com sapatu social calça social aí eu coloca ota camiseta... eu fui... aí o distancia saí daqui até na Guaiculus... meo telefono bloqueo... naum tem senal... naum tem lede... abli telefone.. fecha telefone... aí eu liga radio pa escuta musica pá passa nu caminhu... aí eu veju nu jornal acabô a Capital... eu tava inu... na hola eu votei... eu ve no jornal tantas pessoa morreu... tinha um amigu meu ele saiu juntu cumigu ai pé dele qlebô... aí eu foi na casa que eu molava a casa qlebô... nada documentu... até agora... aí deixei país... escola queblô tamém... pedi um cata pa diletola manda tansfelencia... pa ota cidade que meu pai molava... eu teminei meu estudo... mais depois telemoto... eu falei meu planu... conece Blasil antes dos mil e dez eu vejo três o quato amigu meu que estudava cumigo eles vem pu Blasil... ai eu falei intenet cum eles... tá no Blasil... uns fala eu molava no Lio de Janero... eles falô Lio de Janero... mas num sabia que que é Lio de Janero... oto quato que falava molava em Saum Paulu... falô se quisé dó dica pá você pode vim... aí na hola eu faze tudu meu documento fui legalizadu pla mim vim plo Blasil aí eu complei passage pro avion ... eu num tia contatu deles... mas eu falei... é meu glande desafio... vô sai du meu país vo plo Blasil... Vô aploqueta dos mil catoze [risos]... vá tê copa du mundu... mais eu deixe meu país pu tudu esse mutivu...

**24) O que você pensava de Campo Grande antes de vir para cá? E agora?**

24 – Só uma cosa que num tem em Campu Glande só praia só [risos]... mais eu num pensa nada de difelente... no jeto que gostava do Campu Glande era si... mas só a praia que num tem mesmu...

**25) Você namoraria ou casaria com uma (um) campo-grandense?**

25 – Sí. Sí. [risos]

**26) Você gostaria de aprender a falar o português? Por quê?**

26 – Pá fala potugues tem mais motivu... plimelamente a gente ta num sociedade difelente é somente fala potugueis... e mais pá cresce mais vida pá se melho tem que apende potugueis... po estudu.. pa faculdade.. po glande desafio... pa meliora vida tem que...

**27) Quando você se aproxima de um campo-grandense, eles costumam parar de conversar entre eles, ou continuam?**

27 – Duas vezes só... eu tava na cidade... naum sabia num lugar.. naum sabia onde é que é Leceita Fedelal... aí eu pergunta pa pessoa tá passando... eu cumprimenta naum fala nada... mas a maioria da pessoa preciso de informação fala bom dia boa tarde... eles respondem... se num tem num sabe... eles sabem...

**28) Você já ouviu algum comentário sobre esse jeito de falar? (Se sim) Qual e quem?**

28 – Sí. Sí.. comenta... [risos]... poque nu momentu chega nu meu trabaio dos mil dezesseis todo fica me olhando só pa o jeto que vô fala [risos]... que nu me conece plimela vez pergunta.

**29) Aponte algumas semelhanças e diferenças entre os brasileiros e os haitianos. E com relação ao português e a sua língua?**

29 – Tein... a difelença... as cosas palecidas... a difelença sob a língua... acolihimento a mema cosa... poque Haiti é um povo bem acolhidu... mais é tipu assi... as pessoas gosta mais movimento aqui... no país tem... mas Blasil é todú dia...

**30) O que você acha do tereré? Já tomou?**

28 – Já tome. Foi muito legal... até agora... gostei... porque tipo assim na primeira vez eu tomei telelé eu falei num tomava num queria... porque meu ex patão falei você já toma isso aí... falei nunca tomei... mas eu falei se é uma coisa que vá fazer bem num vá tomar desse jeito [risos]... ele faz um efeito pelo calor... refresca... corumbá eu fiquei nove meses... todo dia tomei... no Haiti num tem... Tumelão... mas num é igual telelé...